

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PPGA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LINGUAGEM FÍLMICA: UMA METÁFORA DE COMUNICAÇÃO PARA A
ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS ORGANIZAÇÕES

Alessandra Demite Gonçalves de Freitas

SÃO PAULO

2012

ALESSANDRA DEMITE GONÇALVES DE FREITAS

**LINGUAGEM FÍLMICA: UMA METÁFORA DE COMUNICAÇÃO PARA A
ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS ORGANIZAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nildes R. Pitombo Leite

SÃO PAULO

2012

Freitas, Alessandra Demite Gonçalves de.

Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. Alessandra Demite Gonçalves de Freitas. 2012. 95 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2012.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nildes R. Pitombo Leite.

1. Linguagem fílmica. 2. Comunicação. 4. Metáforas. Discurso.

I. Leite, Nildes R. Pitombo. II. Título

CDU 658

**LINGUAGEM FÍLMICA: UMA METÁFORA DE COMUNICAÇÃO PARA A
ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS ORGANIZAÇÕES**

Por
Alessandra Demite Gonçalves de Freitas

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Administração da
Universidade Nove de Julho –
UNINOVE, para obtenção do grau de
Mestre em Administração, sendo a Banca
examinadora formada por:

Presidente: Prof.^a Dr.^a Nildes R. Pitombo Leite (UNINOVE)

Membro: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina de Aguiar Rodrigues (UNINOVE)

Membro: Prof.^a Dr.^a Jane Aparecida Marques (EACH - USP)

São Paulo, 18 de dezembro de 2012.

Ao meu querido esposo Daniel,
Pelo amor, companheirismo, força,
paciência, e fé em todos os momentos
de nossas vidas.

Aos nossos filhos Elisa e Tiago,
Por existirem, pela graça de Deus, e
encherem nossas vidas de amor e
alegria.

À amiga e professora Dr.^a Nildes,
Pela amizade, generosidade, paciência
e humildade. Por nos ensinar muito,
inclusive, que pesquisa se faz com
amor.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é dirigido a Deus, por Sua imensa bondade e por todas as graças concedidas.

Agradeço imensamente ao meu esposo, amigo e companheiro Daniel, que sempre me incentivou a continuar caminhando, compreendendo minhas ausências e inquietações. Apoiou-me em tudo com muito amor e cuidou de nossos filhos quando eu não pude estar junto deles. Essa mesma gratidão estendo aos nossos filhos Elisa e Tiago, para os quais me faltam palavras para descrever o quanto os amo, o quanto são importantes para mim e o quanto contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. De forma muito carinhosa, também agradeço à minha mãe Aparecida, guerreira incansável e parceira de todas as horas.

Agradecer todas as contribuições de minha orientadora não seria possível neste espaço. Apenas registro meu reconhecimento quanto à sua lisura, ética, seriedade, generosidade e competência. Por nossas produtivas, leves e enriquecedoras sessões de orientação, permeadas de carinho, compreensão e comunicação genuína. Agradeço por ter confiado em mim e ter dividido comigo esse campo de pesquisa maravilhoso.

Também não posso deixar de agradecer às professoras Ana Carolina de Aguiar Rodrigues e Jane Aparecida Marques, pelo comportamento ético e pelos imensos ensinamentos passados na qualificação.

Agradecer a todas as pessoas que ajudaram a construir esta dissertação é uma tarefa difícil. Para não ser injusta, prefiro não citar nomes, mas deixo claro o reconhecimento que tenho às contribuições de cada um que, com suas sugestões e questionamentos, me permitiram novos *insights*. Meus sinceros agradecimentos a todos.

Incluo, de forma especial, a Universidade Nove de Julho – UNINOVE, pela bolsa de estudo fornecida, pelo apoio institucional e pela qualidade do programa de pós-graduação *Stricto Sensu*. Estendo esses agradecimentos aos funcionários da secretaria, biblioteca e infraestrutura.

*“Nunca ande pelo caminho
traçado, pois ele conduz somente
até onde os outros já foram”.*

Alexander Graham Bell

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a investigação da linguagem fílmica como metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. Para auxiliar na consecução desse objetivo, estudou-se e comparou-se o conteúdo dos discursos apresentados pelo Rei George VI no filme comercial/ artístico; no filme documentário; na obra literária biográfica; verificou-se, com essa comparação, a utilidade também de comparar os discursos organizacionais produzidos entre gestores e colaboradores; discutiu-se o fenômeno da comunicação e a contribuição de seu papel para gestores e organizações bem como as possibilidades de contribuição do uso da linguagem fílmica nas organizações, como uma metáfora de comunicação, para análise dos discursos produzidos. Foi utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa, o método fenomenológico e a estratégia de estudo de caso. Por tratar-se de uma pesquisa de natureza descritiva e exploratória, a estratégia de levantamento de dados foi baseada em pesquisas bibliográfica e documental, tomando-se como estratégia de coleta a observação indireta e não participante, tendo por base o estudo teórico-empírico. Os dados foram coletados por meio de observações registradas em protocolos e, para tratamento desses dados foi utilizada a estratégia de análise de discurso do personagem do Rei George VI, no filme ‘O Discurso do Rei’; a estratégia de análise documental do filme documentário *‘The King Speak’ – The true story behind the film*; a estratégia de análise de conteúdo da obra literária biográfica ‘O discurso do Rei – como um homem salvou a monarquia britânica’. Observou-se que a linguagem fílmica vem sendo discutida paulatinamente por diversos autores que contribuem para o uso de estudos de caso com filmes comerciais/ artísticos completos no contexto de ensino-aprendizagem em Administração. Os resultados encontrados reforçaram o uso da linguagem fílmica no contexto da Administração e o aprofundamento em pesquisas que envolvam essa temática. Observou-se no caso estudado, a partir da análise dos discursos produzidos no filme comercial/ artístico, a relação entre o Rei George VI e seu país, como uma metáfora do cenário organizacional contemporâneo, no qual dirigentes e colaboradores enfrentam desafios diários relacionados à comunicação. Destarte, tal discussão contribuiu para a ampliação do uso da linguagem fílmica e o uso de metáforas. Espera-se que esses resultados possam auxiliar a aplicação de novas estratégias para a gestão da comunicação nas organizações.

Palavras- Chave: Linguagem Fílmica. Comunicação. Metáforas. Discurso.

ABSTRACT

This research aims to investigate the filmic language as a metaphor for communication discourse analysis in organizations. To assist in achieving this objective, we studied and compared the content of the speeches made by King George VI in the commercial/ artistic film; the documentary film; the literary work biography; verified with this comparison, the utility also to compare the organizational discourse produced between managers and employees; discussed the phenomenon of communication and contribution of their role for managers and organizations as well as the possible contribution of the use of film language in organizations as a metaphor for communication, for analysis of discourses produced. Was used the qualitative research approach, the phenomenological method and strategy case study. As this is a research of descriptive and exploratory nature, the strategy for data collection was based on research bibliographical and documental, taking as a strategy of collects the indirect observation and non-participant, based on the theoretical and empirical study. The data were collected through observations registered in protocols and, for processing of those data was used the strategy of discourse analysis the personage of King George VI in the film 'The King's Speech'; the strategy documental analysis of the documentary film ' The King Speak "- The true story behind the film '; the strategy of content analysis of the literary work biography 'The King's Speech - as a man saved the British monarchy'. It was observed that the filmic language have been discussed by diverse authors that gradually contributing to the use of case studies with a full commercial/ artistic films in the context of teaching and learning in Administration. The results found have reinforced the use of filmic language in the context of Administration and deepening research that involve this thematic. It was observed in the studied case, from the analysis of the discourses produced in commercial/ artistic film, the relationship between King George VI and his country, as a metaphor of contemporary organizational scenario, in which managers and employees face daily challenges related to communication. Thus, this discussion has contributed to the increased use of filmic language and the use of metaphors. It is hoped that these results can assist the application of new strategies for the management of communication in organizations.

Keywords: *Filmic Language. Communication. Metaphors. Discourse.*

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Foco utilizado e principais autores dos construtos: Arte, Cinema e Linguagem	
Fílmica	24
QUADRO 2: Foco utilizado e principais autores dos construtos: Comunicação, o Sentido do	
Discurso e Metáforas	31
QUADRO 3: Matriz de amarração da pesquisa	47
QUADRO 4: Fonte de Evidência Principal: Filme comercial/artístico ‘O Discurso do Rei’ .	50
QUADRO 5: Fonte de Evidência Auxiliar: Filme Documentário ‘ <i>The King Speak</i> ’	56
QUADRO 6: Fonte de Evidência Auxiliar: Obra Literária Biográfica ‘O Discurso do Rei –	
Como um Homem Salvou a Monarquia Britânica’	58

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Modelo conceitual	33
FIGURA 2: Associação entre as fontes de evidências, fenômeno da triangulação e análises	42
FIGURA 3: Exercícios praticados por Albert	63
FIGURA 4: Exercícios praticados por Albert	63
FIGURA 5: Conversa entre Albert e Elisabeth	64
FIGURA 6: Ensaio para cerimônia da coroação	65
FIGURA 7: Gratidão de Albert	65
FIGURA 8: Momento em que Albert recebeu o discurso da guerra	67
FIGURA 9: Dirigindo-se à sala do discurso – Silêncio discursivo	68
FIGURA 10: Evidência da comunicação não verbal	68
FIGURA 11: Evidência da comunicação não verbal	68
FIGURA 12: Agradecimento de Albert a Logue	69
FIGURA 13: Albert após o discurso caminha diante de todos	69
FIGURA 14: Albert acena aos súditos após o discurso	70
FIGURA 15: O silêncio discursivo	72
FIGURA 16: O silêncio discursivo	72
FIGURA 17: Discurso marcado no filme.....	72
FIGURA 18: Discurso marcado no documentário	72
FIGURA 19: Foto oficial do discurso da guerra	73
FIGURA 20: Foto oficial do discurso da guerra	73
FIGURA 21: Foto de Albert, o Rei George VI	74
FIGURA 22: Foto de Lionel Logue – o terapeuta da fala	74
FIGURA 23: Foto do discurso de 1944 - Pós guerra	75

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Contexto e Justificativa.....	13
1.2. Questão de pesquisa.....	15
1.3. Objetivos	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1. Arte, cinema e linguagem fílmica.....	19
2.2. Comunicação, o sentido do discurso e metáforas	24
3. METODOLOGIA.....	34
3.1. Contextualizações da abordagem metodológica e da estratégia de pesquisa	34
3.2. Fontes de evidências e estratégias de coleta de dados	38
3.3. Estratégias de análise de dados	43
4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	48
4.1. O filme comercial - Contexto do estudo.....	48
4.2. O filme documentário - Contexto do estudo.....	55
4.3. A obra literária biográfica - Contexto do estudo	57
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	60
5.1. O filme comercial	60
5.2. O filme documentário	71
5.3. A obra literária biográfica.....	75
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
7. REFERÊNCIAS	87
ANEXO 01	94

1. INTRODUÇÃO

A temática da linguagem fílmica vem sendo discutida paulatinamente por diversos autores, dentre eles, Valença (1997; 1999); Leite e Leite (2007; 2010); Davel, Vergara e Ghadiri (2007); Ipiranga (2007); Vergara (2007); Wood Jr. (2007); Saraiva (2007); Barros (2007); Fleury e Sansur (2007); Baêta (2007); Mendonça e Guimarães (2007; 2008); Leite, Leite, Nishimura e Cherez (2010); Leite, Nishimura e Leite (2010); Matos, Lima, Giesbrecht (2011; 2012); Matos, Queiroz, Lopes, Frota e Saraiva (2012); Matos e Machado (2012); Leite, Freitas, Silva, Oliveira e Silva (2012); Leite, Amaral, Freitas e Alvarenga (2012), que contribuíram com seus estudos de caso com filmes comerciais/ artísticos completos, no contexto da Administração e no processo de ensino-aprendizagem em Administração como parte de projetos educacionais.

Considera-se oportuno que se discuta a linguagem fílmica no contexto das organizações, uma vez que tal fenômeno pode ser também observado e vivenciado no cenário organizacional, no qual os atores são todos os profissionais que interagem entre si diariamente, comunicam-se, produzem e reproduzem discursos que podem, ou não, ser favoráveis em seus processos diários de comunicação.

Ressalta-se que o estudo da linguagem deve estar vinculado às suas condições de produção. O discurso somente adquire sentido quando está inserido em um contexto e em um momento histórico. Na formação discursiva descrita por Orlandi (2012, p. 42) o sentido é determinado pelas condições ideológicas, não existindo por si só. Portanto, as palavras podem mudar de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam. A autora declarou que “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem”. Ao discorrer sobre o discurso, salientou também que para sua análise, não se menospreza a força que as imagens exercem na constituição do dizer. Pelo contrário, quanto à natureza da linguagem, a autora afirmou que o discurso e suas práticas discursivas estão relacionados a interesses de diferentes naturezas, podendo ser imagens, sons, letras, etc. Desse modo, pode-se afirmar que os sentidos não estão nas palavras, por elas mesmas, mas estão “aquém” e “além” delas.

No mesmo sentido, Silva (2010, p. 273) salientou que, “quando conseguimos alcançar a essência de um fenômeno, conseguimos captar a estrutura de uma experiência vivida que nos é revelada de uma forma que possibilite compreender os significados dessa experiência”. Portanto, o resultado, proveniente da coleta de material das experiências das pessoas não é a

experiência em si, e sim uma metáfora da experiência real. Nas pesquisas que associam a estética aos estudos organizacionais, geralmente, tal conceito é tomado como “metáfora epistemológica” (WOOD JR.; CSILLAG, 2009), uma forma diferente de apreensão da realidade, distanciada daquelas baseadas em métodos analíticos.

Sendo a metáfora uma figura de linguagem, Vergara (2006) reforçou que essa figura viabiliza a comparação entre dois conceitos diferentes, por meio da intuição, para formar outros conceitos. Por estar inserida em uma abordagem simbólica, a metáfora permite uma comparação abstrata que ocorre no plano das ideias. Considerada por Morgan (2007), mais que um artifício literário para efeito ilustrativo ou decorativo, fundamentalmente, a metáfora é uma forma criativa que produz seu efeito pelo encontro ou justaposição de imagens, pois, a partir de seu uso, que é um empreendimento subjetivo, se obtém criação de *insights*.

Com a ressalva de que nenhuma metáfora pode captar toda a natureza da vida organizacional, a lógica metafórica possui implicações importantes para todo processo de construção teórica e sua utilização “serve para gerar uma imagem para o estudo de um objeto” (MORGAN, 2007, p. 19). Entretanto, apesar de importante nesse contexto, a utilização das metáforas deve ser tratada de modo cuidadoso, como alertaram Leite e Leite (2010), pois ao utilizá-la para a compreensão de um fenômeno, o pesquisador deve empreender uma discussão sobre os pressupostos básicos da abordagem adotada ou que possa vir a adotar.

Feita uma breve apresentação e introdução do tema abordado, a seguir apresenta-se o contexto e a justificativa desta pesquisa.

1.1.Contexto e Justificativa

O cinema foi considerado por Maurice Merleau-Ponty, em 1948, uma arte fenomenológica, no sentido de que o filme não é uma simples soma de imagens fixas e sim, a percepção do todo que é acompanhada de uma unidade temporal, visual e sonora. Do mesmo modo, a significação do cinema passa a ser possível diante da percepção do indivíduo que, ao invés de pensar o filme, percebe-o. Nesse contexto, a percepção, o olhar e a memória são os agentes de modificação entre o real e o irreal e tornam-se mais que órgãos receptores de sensações, pois realizam um trabalho intelectual, possibilitando uma reflexão entre a realidade e o irreal (VIEGAS, 2008).

Tomando-se como ponto de partida a definição de Maurice Merleau-Ponty, datada de 1945, de que o cinema é uma arte fenomenológica (VIEGAS, 2008), ressalta-se que a fenomenologia, como método, tem uma forma de pensar que vai além de um sistema rígido de dispositivos (THIRY-CHERQUES, 2006). Sua aplicação torna-se viável desde que o objeto seja passível de experimentação por um investigador humano que esteja relacionado a ele. Essa afirmação foi corroborada por Silva (2010), o qual acrescentou que, quando se trata de estudos organizacionais, o uso da fenomenologia é direcionado para a compreensão do mundo como ele é vivido pelas pessoas, além de, conforme afirmação feita por Moreira (2004), a fenomenologia ter o objetivo de aclarar aspectos referentes à natureza da experiência vivida.

Entretanto, destaca-se que a natureza da experiência vivida não é um conceito objetivo, pois “cada pessoa é única e vive experiências ao longo de toda sua vida, ‘carregadas’ de significados que podem ser desvelados de forma reflexiva” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 269). O mesmo autor acrescentou que ao utilizar a experiência vivida na compreensão de um fenômeno em um estudo, o sujeito deve ser considerado um ser universal “[...] ativo, reflexivo, de palavra, que tem desejos, pulsões; um ser simbólico que vive no espaço e no tempo. É também um ser singular, um homem, uma mulher, um pai, uma mãe, um professor, uma professora, um regente, uma gerente. É essa singularidade que o torna um ser especial, único”. (*op. cit.* p. 271).

Considerar nos estudos organizacionais as várias dimensões da vida - o espaço, corpo, tempo e o outro - exige do pesquisador habilidades ímpares, pois, ao analisar os fenômenos, ou seja, as experiências vividas, o pesquisador pode estimular as pessoas a refletirem sobre suas experiências e, em consequência, compreenderem melhor as suas vivências (SILVA, 2010).

Apoiando-se nesses argumentos, justifica-se com a presente pesquisa, o interesse pela temática da linguagem fílmica, enquanto metáfora de comunicação, para a análise dos discursos nas organizações. Delimita-se, nessa busca, a identificação de como o exercício da linguagem fílmica no contexto organizacional pode, a partir de metáforas, contribuir para uma análise da comunicação nas organizações e em como os desafios inerentes à comunicação organizacional podem ser superados a partir dessa prática.

Torna-se importante mencionar que por exercício da linguagem fílmica entende-se o uso de filmes comerciais/ artísticos completos, com cenas microanalizadas e registradas em protocolos, alinhados à fundamentações teóricas e metodológicas que permitam, a partir de sua análise, a

disseminação, aceitação e utilização da linguagem fílmica nas organizações, o que cria uma oportunidade de simulação a partir das cenas que podem ser comparadas com fatos reais e possíveis aos acontecimentos ocorridos nas organizações.

Outrossim, justifica-se esta pesquisa por tratar-se de um estudo metodológico. Por sua natureza metalinguística, faz da metalinguagem sua abordagem contributiva. Nesta pesquisa, abordou-se diferentes metáforas: 1) a linguagem fílmica como uma metáfora de comunicação, como base para a linguagem nas organizações e 2) os discursos do Rei – como base para as organizações – como uma metáfora dos discursos proferidos pelos gestores nas organizações. Assim, a análise de discurso, realizada nesta pesquisa, contemplou o conteúdo apresentado pelo Rei George VI em seus discursos e discutiu a respeito dos discursos nas organizações, como uma metáfora para a compreensão do fenômeno da comunicação.

A pesquisadora, em coautoria, tem desenvolvido e submetido trabalhos sobre o uso da linguagem fílmica no contexto da administração. Faz parte de sua motivação pessoal dar continuidade aos estudos observacionais, com os quais pretende aprofundar conhecimentos em teorias que possam ser depuradas por meio da análise da linguagem fílmica. Nessas vivências anteriores, as produções científicas revelaram-se atrativas e desafiadoras, tanto no que se refere ao desenvolvimento teórico quanto ao uso de simulações.

1.2. Questão de pesquisa

Com o intuito de aprofundar-se em pesquisas no campo da Administração, a partir da temática da linguagem fílmica e da motivação pessoal da pesquisadora com relação aos construtos abordados nesta pesquisa, a questão a ser investigada é: Como o exercício da linguagem fílmica, enquanto uma metáfora de comunicação, pode ser utilizado para a análise dos discursos nas organizações?

1.3.Objetivos

Considerando-se a escolha da linguagem fílmica como objeto de estudo desta pesquisa, tomou-se, como principal objetivo, analisar o exercício desse objeto, enquanto metáfora de comunicação, e sua utilização na análise dos discursos nas organizações.

Ajudaram, na consecução desse objetivo principal os objetivos específicos:

- a) Estudar os discursos apresentados pelo Rei George VI: no filme comercial/ artístico; no filme documentário; na obra literária biográfica.
- b) Comparar o conteúdo dos discursos apresentados no filme comercial/ artístico, no filme documentário e na obra literária biográfica.
- c) Verificar, com essa comparação, a utilidade também de comparar os discursos organizacionais produzidos entre gestores e colaboradores.
- d) Discutir o fenômeno da comunicação e a contribuição de seu papel para gestores e organizações.
- e) Discutir as possibilidades de contribuição do uso da linguagem fílmica nas organizações, como uma metáfora de comunicação, para análise dos discursos produzidos.

Reforça-se que foram considerados para o objetivo ‘a’ não somente os discursos formais proferidos pelo Rei e direcionados à nação, mas também, os discursos informais, presentes nas relações entre o Rei, sua família e o terapeuta da fala.

Reitera-se que o uso de filmes comerciais/ artísticos completos pode ser considerado um exercício de simulação, uma vez que, tendo sido microanalisadas e registradas as cenas em protocolo, tornam-se possíveis descrição, discussão e compreensão do fenômeno da comunicação nas organizações, o que justifica os objetivos específicos ‘c’ e ‘e’ mencionados nesta pesquisa.

Tendo apresentado o escopo da pesquisa, a seguir, encontra-se a fundamentação teórica desta dissertação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação entre o cinema, a filosofia, a psicologia e outras áreas do conhecimento constituiu-se objeto de reflexão para muitos teóricos desde o surgimento do cinematógrafo em 28 de dezembro de 1895, em Paris, com os irmãos Louis e Auguste Lumière. Isso acontece devido à capacidade do cinema de reproduzir tanto fotográfica quanto mecanicamente as imagens.

Com os irmãos Lumière, conforme apontou Araújo (1995, p. 10), o cinema ganhou sua primeira e mais completa definição: “[...] um modo de captar a realidade em movimento sem nenhuma interferência humana [...]”. Chegaram a dizer que o cinema era uma invenção sem futuro, o que, diante disso, Araújo (1995) afirmou que talvez eles não tivessem consciência de que estavam criando um importante meio de expressão. Seguiram com filmagens que continham cenas da realidade natural, ou seja, filmando documentários.

Georges Méliès, um ilusionista francês, ao assistir a uma das exibições dos irmãos Lumière encantou-se com o que viu e tentou, em vão, comprar a invenção. Sem sucesso, em pouco tempo, criou seu próprio cinematógrafo. Com isso, Méliès deu uma nova dimensão ao cinema: “uma máquina capaz de criar sonhos, de transformar em realidade visível, partilhável pelos demais espectadores, as mais mirabolantes fantasias da mente humana” (ARAÚJO, 1995, p. 11). Por estar em busca de uma reprodução cada vez mais próxima da realidade, a imagem fílmica é cercada de cuidados para que sua aparência esteja o mais próxima possível do real para o espectador. Diante das diversas vertentes de pesquisa relacionadas ao cinema e à linguagem fílmica, há ainda aquelas que concebem os filmes como discursos que são modeladores de valores e comportamentos de grupos sociais. (NOVA; COPQUE, 2009).

Em uma breve retrospectiva histórica, apresenta-se Hugo Münsterberg que, em 1916 representou um dos primeiros teóricos a estudar a relação do cinema e a psicologia e destacou que:

a peça cinematográfica conta-nos uma história humana ultrapassando as formas do mundo exterior – a saber, espaço, tempo e causalidade – e ajustando os acontecimentos às formas do mundo interior – atenção, memória, imaginação e emoção [...] Estes acontecimentos alcançam isolamento total do mundo prático através da perfeita unidade de enredo e forma pictórica. (MUNSTERBERG, 2003, p.27).

Munsterberg foi sucedido por dois outros importantes teóricos. O primeiro, Rudolf Arnheim que, nos anos 30, falava sobre como a percepção no cinema estimulava o espectador a um processo de recriação mental não sendo essa recriação simplesmente um mero resultado de estimulação sensorial; o segundo teórico chamado Maurice Merleau-Ponty, que em 1948 argumentava no mesmo sentido, ou seja, sobre a importância da percepção no processo de significação do cinema.

Já em 1962, Edgar Morin partiu da teoria de que o realismo suscitado pelo cinema era resultante de um processo de reprodução mecânica da realidade – isso em um primeiro momento - e também produto da subjetividade do olhar do espectador, da participação desse espectador no processo de significação do que é visto. Nesse sentido então, a objetividade e a subjetividade são atuantes processos de significação fílmica. (NOVA; COPQUE, 2009).

Christian Metz, na década de 70 na França, destacou que o filme gera no espectador um processo perceptivo e afetivo, de participação, conquista e credibilidade. “O que nos é apresentado não está verdadeiramente aqui [...] o espectador não apreende um ter-sido-aqui, mas um ser-aqui vivo” (METZ, 1972, p. 17). Na mesma linha, Betton (1987) afirmava que o que aparece é um aspecto de realidade estética que resulta da visão subjetiva e pessoal do realizador; tudo é relativo e transitório. Portanto, a história do sujeito e o contexto em que o filme é recebido interferem e podem transformar seu processo de significação. Nova e Copque (2009) trouxeram contribuições importantes, pois analisaram os diversos processos psicológicos básicos que são desencadeados a partir do cinema e da linguagem fílmica, os quais elas chamaram de teorias cinematográficas. Tais processos psicológicos aqui mencionados e destacados por essa teoria do cinema estão relacionados ao estudo dos processos de sensação, percepção, emoção, motivação e interpretação construídos por imagens e sons.

Seguindo ainda com as autoras Nova e Copque (2009), elas apontaram que os autores Taylor e Currie, em 2005, consideravam que a partir do cinema, o indivíduo vive uma sensação de “quase-experiência”, pois é um meio que lhe permite testar respostas emocionais a situações às quais ainda não vivenciou. O mecanismo, a sensação do “faz-de-conta” da ficção cinematográfica traz vantagens para o desenvolvimento da mente dos sujeitos, tais como experimentar eventos, explicar e prever o comportamento de outras pessoas. Quando se faz de conta, pode-se experimentar o resultado de tal ação ou acontecimento e selecioná-lo como

apropriado ou não para todos os contextos em que o indivíduo estiver inserido, sendo eles sociais, culturais, profissionais, etc.

Tendo apresentado um breve retrospectiva, em seguida, apresenta-se uma explanação detalhada a respeito da relação entre arte, cinema e linguagem filmica.

2.1.Arte, cinema e linguagem filmica

Para a apreensão e compreensão de fenômenos organizacionais, Wood Jr. e Csillag (2009) propuseram ser necessária a percepção estético-visual. Cabe aqui contextualizar que os autores definiram a estética como um ramo da filosofia que estuda a arte e os valores artísticos. Vem da Grécia Antiga a origem do conceito de estética, e os filósofos como Hegel, Schopenhauer e Platão discutiam a relação entre estética, arte, religião e o humano. Os autores Wood Jr. e Csillag (2009, p. 61), descreveram a concepção de Nietzsche a respeito da arte como: “somente a arte é capaz de confrontar a tragédia da existência, podendo transformar qualquer experiência em beleza”; e a concepção de Schopenhauer que, como Platão, acreditava que “as formas fundamentais do universo existem além do mundo da experiência e que a satisfação estética é atendida pela contemplação”. Já no século XX as artes foram relacionadas à ideia de imitação da natureza e, contemporaneamente, arte e ciência estão dissociadas e institucionalizadas, de acordo com esses autores. Enquanto a arte é baseada na apreensão da realidade sem o cognitivo, sem o pensamento, a ciência trabalha com o uso da inteligência para criar um sistema de símbolos para se descrever a realidade.

No contexto atual, a arte passa a ser um instrumento que permite a modificação da consciência, bem como novos modos sensíveis de se trabalhar, como por exemplo, no campo de estudos organizacionais. Permite ainda, a incorporação da percepção visual (filmes) e da perspectiva estética à apreciação e interpretação dos fenômenos organizacionais (WOOD JR.; CSILLAG, 2009). É então, por meio dos sentidos que são desenvolvidas as dimensões do sentimento e da experiência perceptiva. Tratando a dimensão estética na Administração, Davel, Vergara e Ghadiri (2007, p. 15) afirmaram que uma pessoa realmente aprende quando ela é emocionalmente tocada: “Como a arte e a estética são vias privilegiadas de acesso às emoções, são, portanto, vias fundamentais para o aprendizado” e para a ação.

O autor Blasco (2006, p. 38) também atestou a importância da dimensão afetiva, apesar de ter afirmado que é difícil sua mensuração e quantificação por ser subjetiva, ainda que real. Contudo, o mesmo autor afirmou que normalmente as pessoas não sabem o que fazer com o que sentem. Assim, “parar para pensar, com a distância que a imagem nos brinda, como se do outro se tratasse é o começo de um diálogo de entendimento” e isso permite a interação entre imagem e afetividade e o desafio é fazer isso de forma racional.

O filme não é um instrumento neutro de comunicação, complementou Ipiranga (2007), pelo contrário, trata-se de um agir em imagens, pois o indivíduo faz simbolicamente o que não pode fazer concretamente; experimenta a chance de uma antecipação. Nesse conjunto, o cinema é considerado muito mais que um recurso didático por ser uma forma de linguagem em movimento. Complementa-se aqui a contribuição trazida por Teixeira e Lopes (2008, p. 10) que afirmaram ser o cinema “uma forma de criação artística, de circulação de afetos e de fruição estética”.

O cinema foi contemplado com contribuições advindas de diversas áreas, dentre elas, a mitologia e a filosofia. Quanto à mitologia, os cineastas são considerados contadores de histórias que utilizam os princípios da mitologia – estruturas míticas – para criarem suas histórias. A definição de Joseph Campbell sobre o mito, apresentada por Vogler (1997), é a de que um mito, além de ser uma poderosa fonte de inspiração, “[...] é uma metáfora de um mistério além da compreensão humana. Ou seja, uma comparação que nos ajuda a entender, por analogia, alguns aspectos de nossos eus misteriosos. Desse modo, um mito não é uma mentira, mas uma maneira de se chegar a uma verdade profunda”. (VOGLER, 1997, p. 5).

Nesse aspecto, as contribuições de Vogler (1997) tornam-se importantes para esta pesquisa, não somente pelas ideias de Campbell trazidas por esse autor, mas também, devido às afirmações de que uma boa história/filme pode fazer o indivíduo/espectador achar que viveu uma experiência completa e satisfatória, a exemplo do choro e do riso que o espectador experimenta diante de uma história/ filme. Vogler (1997) ainda complementou dizendo que ao término de uma história/filme o indivíduo/espectador apresenta a sensação de que aprendeu algo sobre a vida ou sobre si mesmo e que adquiriu uma nova compreensão das coisas.

Dentre as diversas contribuições oriundas da filosofia de Deleuze sobre o cinema, Machado (2009) apresentou as reflexões desse filósofo como uma forma de pensamento em que os cineastas são considerados pensadores visuais e não conceituais. Em suas ideias Deleuze

também discursou que os meios cinematográficos de reprodução eram, em sua essência, artificiais, mas os resultados obtidos a partir deles não. Nesse sentido, há uma substituição das situações sensório-motoras por situações óticas e sonoras puras que, Machado (2009) argumentou serem essas situações capazes de produzir novos modos de compreensão. Os meios conquistam uma autonomia que faz com que eles tenham validade, por si mesmos, o que exige investimento do olhar para que nasça a ação de olhar para as linguagens.

A linguagem, conforme destacou Vidal (2006), é mediadora entre homem e mundo e é impregnada de traços ideológicos. Diz-se que, no contexto da linguagem, em geral, esse termo corresponde ao uso de signos intersubjetivos. Tais signos são o que possibilita a comunicação (ABBGNANO, 2007). No contexto particular da linguagem fílmica, Leite e Leite (2010) ressaltaram que estudiosos como Valença (1997) e Guigue (1999) estimularam o uso de filmes comerciais, pois o cinema traz uma linguagem que forma uma unidade técnico-sensorial que é captada por uma experiência perceptiva envolvendo aspectos metafóricos, discursivos, de codificações e procedimentos específicos. Leite e Leite (2010) alegaram ainda que há algum tempo o uso dessa linguagem vem ganhando espaço nas organizações e chamaram a atenção para a afirmação de Flick (2004, p.166) de que “as imagens influenciam as realidades cotidianas”.

Destaca-se a constante confusão entre os níveis linguísticos, gramaticais e estilísticos que surgem do uso empírico da noção de linguagem (AUMONT, *et. al.*, 1995). O suíço Ferdinand Saussure é considerado o precursor da linguística moderna. Viveu entre 1857 e 1913 e dentre suas diversas contribuições, deixou as dicotomias entre língua e fala; significante e significado (SILVA, 2011). Saussure lecionou linguística geral na Universidade de Paris e Genebra e seu livro póstumo foi lançado em 1916 por três de seus alunos.

Para Saussure (1973), a fala é assistemática, heterogênea e concreta, enquanto a língua é sistemática, homogênea e abstrata, o que a torna passível de análise. Silva (2011) salientou que Saussure concebeu a língua como uma unidade da linguagem. O objeto da linguística é uma língua na qual são – ou devem ser – examinadas as relações sistemáticas, excluindo-se a subjetividade, a história, o sujeito o sentido e as condições de produção.

O legado deixado por Saussure, conforme apontou Silva (2011) gerou muita polêmica e provocou o surgimento de duas grandes tendências ou correntes da linguística: o

formalismo (língua) e o funcionalismo (fala). Na corrente formalista encontra-se o estruturalismo saussuriano defendendo a língua em sua forma como um objeto descontextualizado e tal separação entre língua e fala foi necessária para a construção de uma ciência autônoma. A corrente funcionalista aborda um campo ignorado por Saussure e busca estudar a função da língua na sociedade, considerando a relação entre a língua, seu uso e o contexto social. (SILVA, 2011).

Ao introduzir a ideia de signo e sistema Saussure argumentou que “a linguagem se constitui em unidades linguísticas e, a partir da língua, se organizam constituindo sentidos” (BARRETO, 2010, p. 2). Em seus postulados, Silva (2011) esclareceu que para Saussure o signo é o resultado de significado mais significante, sendo: significado considerado conceito, ideia, forma e substância do conteúdo; significante considerado o elemento sensível ou plano/ forma/ substância da expressão. A autora Barreto (2010) destacou que o aforismo saussuriano fundamenta a indissociabilidade entre significado e significante, ou seja, o signo não pode existir se não houver um de seus elementos.

Acrescenta-se aqui a afirmação de Vidal (2006) que na atualidade, novas linguagens, ou mesmo novas formas de articulações dessa linguagem tornam-se necessárias. Portanto, modelar a linguagem é o mesmo que criar uma realidade. Os autores Aumont, *et. al.* (1995) elucidaram a constatação de Christian Metz de que o cinema é postulado como uma linguagem – soma da língua e da palavra – porém, é estudado gramaticalmente como uma língua.

O filme comunica um sentido; é a mensagem; aquilo que é percebido pelo espectador. O cinema então é a própria linguagem e torna-se também o meio de comunicação utilizado para transmitir a construção de sentidos. Ressalta-se que comunicação e linguagem não são palavras sinônimas e não são abordadas nesta pesquisa como uma sobreposição de conceitos, mas considerando o contexto da linguagem fílmica, a linguagem está apresentada como uma forma de comunicação e a comunicação transmite uma mensagem, sendo utilizada então como uma forma de linguagem.

Aprofundando-se nessa discussão, salienta-se que a linguagem, no dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009) refere-se a qualquer meio de comunicar ideias ou sentimentos a partir de signos convencionais, sonoros, gráficos, textuais, etc. de maneira sistemática. Comunicação, no mesmo dicionário, é definida como ação de transmitir e receber uma mensagem no qual as informações transmitidas por intermédio da fala, audição, visão; mensagem que está

sendo transmitida. No dicionário de filosofia de Abbagnano (2007), o termo linguagem está relacionado ao uso de signos intersubjetivos que possibilitam a comunicação e o termo comunicação é utilizado por filósofos e sociólogos para designar o caráter específico das relações humanas. Ainda com relação à comunicação, ressalta-se o que Abbagnano (2007) afirmou:

[...] enquanto nas relações entre máquinas a recepção da mensagem não suscita nenhum problema, visto que emissor e receptor têm sempre o mesmo código, na comunicação entre os seres humanos o código do emissor pode ser diferente do código do receptor [...] e isso pode comportar incompreensões ou interpretações diferentes da mensagem. Na comunicação entre homens também interferem fatores como tempo, espaço e cultura, ou seja, contextos diversos que podem dar ensejo a diferentes compreensões [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 189).

Com relação à multidisciplinaridade do campo da comunicação, Marques (2008, p. 26) destacou que os agentes envolvidos no processo comunicacional constroem sentidos. Isso ocorre a partir de diferentes nuances, “mas sua combinação possibilita uma leitura abrangente de um universo também multicolorido”. A autora, interessada em pesquisas que envolvem linguagem e produção de sentidos em comunicação, destacou as diversas contribuições de Maria Lourdes Motter (1998; 2000; 2001; 2003) ao abordar questões relacionadas à interação entre realidade e ficção, trabalhando no entendimento entre as articulações ‘cotidiano-funcional’ e ‘cotidiano-concreto’. Mencionando a ficção televisiva, ainda afirmou que o espectador acaba sendo colocado frente a pessoas que lhe são familiares, que vivem conflitos semelhantes aos seus e, por ser um entretenimento, a ficção permite descompromisso, gera descanso e permite recomposição dos desgastes gerados pelas dificuldades da vida real e cotidiana.

Essas dificuldades da vida cotidiana são vivenciadas diariamente por todos os trabalhadores no contexto das organizações. Tratando da relação entre trabalhadores, atividades e espaços em que elas ocorrem, Riascos e Llanos (2012) afirmaram que a tecnologia tende a ser uma ponte entre a comunicação e as novas formas de sentido à realidade. Essa tecnologia traz alterações ao mundo do trabalho e as leituras feitas sobre os movimentos sociais podem ser realizadas e significadas a partir de exercícios que vinculam o cinema com as relações homem-trabalho.

Por fim, destaca-se o que foi enfatizado por Davel, Vergara e Ghadiri (2007) de que a arte – e aqui, se pode estender tal afirmação à linguagem fílmica – ajuda no estímulo e na legitimação do senso estético que as pessoas apresentam, bem como também estimula a concepção, única e sensível dessas pessoas quanto ao mundo das organizações e da gestão.

A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com o resumo dos construtos abordados nesta seção com a apropriação dos conceitos assumidos nesta pesquisa e os principais autores referenciados.

QUADRO 1 Foco utilizado e principais autores dos construtos: Arte, Cinema e Linguagem Fílmica.		
	Foco	Principais Autores
Arte	Estética: ramo da filosofia que estuda a arte; Filósofos: Hegel, Schopenhauer, Platão e Nietzsche; Arte como modificação da consciência; experiência perceptiva; incorporação de percepção visual.	Wood Jr.; Csillag; Davel; Vergara; Ghadiri.
Cinema	Relação com atenção, memória, imaginação, emoção e recriação mental: Relação com a Psicologia; Processo perceptivo e participativo do espectador; Cineastas vistos como contadores de histórias; Cineastas vistos como pensadores visuais; Experiência perceptiva; Afetividade e visão subjetiva do espectador na significação.	Munsterberg; Arnheim; Merleau-Ponty; Morin; Metz; Campbell; Vogler; Deleuze; Leite; Leite; Blasco.
Linguagem e Linguagem Fílmica	Distinções entre linguística, língua, linguagem e fala; Distinções entre significado e significante; Formalismo e funcionalismo; É uma linguagem metafórica; Imagens influenciam as realidades cotidianas.	Saussure; Silva; Barreto; Leite; Leite; Vergara; Viegas; Vanoye; Goliot-Lété; Xavier.
Fonte: Elaborado pela autora		

Após a apresentação dos principais conceitos envolvendo arte, cinema e linguagem fílmica no contexto das organizações, na sequência, serão apresentados os conceitos que envolvem comunicação, sentido do discurso e metáforas.

2.2.Comunicação, o sentido do discurso e metáforas

Após uma breve explanação a respeito da arte, cinema e linguagem fílmica, torna-se possível a compreensão sobre a afirmação trazida por Davel, Vergara e Ghadiri (2007) de que por meio da arte, o ato de comunicar com o outro atrai um tipo de troca que está baseada em um ponto de partida, diálogo e concordância, pois traz outras linguagens e faz apelos a outros componentes cognitivos e emocionais.

O elemento visual predominante no cinema é o movimento, de acordo com Dondis (1997), o que trouxe como resultado uma experiência que muito se aproxima do que se passa no mundo tal qual ele é observado. Observa-se também, que o cinema pode transmitir informações com

grande realismo. Morgan (1996) assinalou que, por serem consideradas complexas, ambíguas e paradoxais, as organizações são comparadas a organismos permeados de interesses. Devido a essa afirmação, Freitas (2009) sugeriu que essas organizações necessitam ser administradas e, por esse motivo, passou a discutir a importância da comunicação organizacional, principalmente na articulação entre linguagem e trabalho, em que as comunicações escritas são apontadas como foco de problemas.

Há de se destacar a afirmação de Leite e Martinez (2010), baseados em Rogers (1983), de que há uma diferença entre falar de comunicação e comunicar-se. A comunicação se dá na interação entre as pessoas e implica participação e escuta. Ressalta-se que, no processo comunicacional, devido à falta de confiança mútua surgem os ruídos, conforme afirmou Nascimento (1977). O autor chamou a atenção para o fato de que é preciso haver uma comunicação genuína entre as pessoas e reforçou que a certeza de relações deve ser precedida dessa forma de comunicação, uma vez que é condição necessária, ainda que insuficiente, para que a certeza de relações seja alcançada e preservada. Nessa mesma perspectiva, Rogers (1999) discorreu sobre a eficácia da comunicação e a importância da congruência nesse processo. Quanto maior se fizer presente, na comunicação, a consciência do que está sendo comunicado e vivenciado, tendem a se manter, também presentes, a certeza de relações e a eficácia da comunicação.

Contudo, é importante salientar que o papel da comunicação e da informação no ambiente organizacional vem despertando interesse crescente em diferentes pesquisas que tomam por base diferentes enfoques conceituais e teóricos (CARDOSO, 2006). Com o passar dos anos, em meio a tais enfoques, a dimensão estratégica assumida pela comunicação como parte da cultura, vem modificando limites antigos. Para esse último autor, tal dimensão não está mais limitada à simples produção de instrumentos de comunicação e sim, amplia-se para assumir outro papel que se refira a tudo que diga respeito ao funcionamento da organização e suas relações institucionais.

Cardoso (2006, p. 1139) em referência às contribuições de Genelot, datadas de 2001, destacou: “o receptor é um agente ativo diante de mensagens recebidas e vai entendê-las de acordo com seus valores, com o seu mundo social, com as suas leituras, experiências ou vivências”. Quando os sinais da comunicação chegam ao receptor, todo um processo cognitivo entra em marcha para produzir um significado atribuído a tais sinais. Isso ocorre em um universo simbólico e social do receptor, ou seja, em última instância, o significado da comunicação é dado pelo receptor.

Os autores Marchiori *et al.* (2010) compartilharam o entendimento de que a organização é um processo e não uma entidade isolada. Com esse posicionamento, torna-se fundamental entender a capacidade de interpretar, Reinterpretar e criar arenas para seu desenvolvimento. A conquista de uma consensualidade torna-se o processo central da organização e isso se consolida a partir de diferentes linguagens. Para Freitas (2009), o ato de linguagem enquanto atividade comunicativa envolve sujeitos socialmente organizados que se manifestam dentro de um quadro de regularidades sociocomunicativas convencionalmente determinadas.

Esse mesmo autor, em 2011, afirmou que as pessoas configuram e estruturam a sua realidade da mesma forma que ocorre em um processo de representação e que cada uma assume um papel ativo diante da realidade. Esse posicionamento é contrário às abordagens de comunicação que tratam o assunto apenas como sinônimo da troca de informações e considera a comunicação como “um campo eminentemente do simbólico e diz respeito às relações entre sujeitos e subjetividades, numa sociedade complexa e tecnológica”. (FREITAS, 2011, p. 110).

No que se refere ao que é dito e ao que é percebido, Cardoso (2006) ressaltou que as condições nas quais as palavras são expressas ou ouvidas condicionam sua sensação. Assim, surge a importância da seleção de canais adequados a fim de que o processamento e a transmissão da informação sejam alinhados às intenções. Na perspectiva mecanicista, são enfatizadas a seleção de canais, o processamento e a transmissão da informação.

Para além do mecanicismo, há os significados do discurso. Em se tratando de discurso, Vidal (2006) trouxe o entendimento de Mikhail Bakhtin a respeito do discurso como um fenômeno social, um espaço de relações intersubjetivas que tem a enunciação como ato verbal e extraverbal, produto que retém em si, as marcas de seu “fazimento”. Na visão apresentada por Chizzotti (2008, p. 120) o discurso pode ser entendido sobre três perspectivas distintas. A primeira trata da linguagem comum, em que o discurso “pode significar diálogo entre falantes”. A segunda, em termos de linguística, “é a forma pela qual os diversos elementos linguísticos estão unidos para constituir uma estrutura de significado mais ampla que a somatória das diversas partes”. A terceira e última, mostra que o discurso é visto sob a perspectiva da pesquisa e “é a análise de um conjunto de ideias, um modo de pensar ou um corpo de conhecimentos expressos em uma comunicação textual ou verbal, que o pesquisador pode identificar quando analisa um texto ou fala”.

A temática do discurso tem se tornado cada vez mais presente nos estudos organizacionais. Há estudos que são direcionados à compreensão da relação existente entre comunicação e discurso. Os autores Marchiori *et. al.* (2010) afirmaram ser indiscutível a relação entre comunicação e discurso e salientaram avanços nos estudos voltados a essa temática, além de ter envolvimento com uma diversidade de conceitos e discussões metateóricas, como no caso da análise do discurso. Na comunicação, o discurso exerce um papel fundamental, pois está associado à linguagem humana, à representação do mundo. Godoi (2010) afirmou que a linguagem, tem por natureza o mal-entendido e o equívoco que podem ser produzidos pela ambiguidade das palavras.

O processo de interpretação do discurso é acompanhado por uma formação de sentido, pois, compreender é interpretar. “A validação da interpretação está associada à capacidade de reconstrução do campo de forças sociais que deu lugar à investigação” (GODOI, 2010, p. 394). Vidal (2006) afirmou que Bakhtin se utilizava da dialogia como uma filosofia de vida, pois, por ser a marca do homem, é necessário pensar o homem relacionando-o com o outro, o que é chamado de dialogismo entre interlocutores. O dialogismo é, então, uma condição, uma exigência do sentido do discurso. Esse sentido só é estabelecido na interação entre os sujeitos do discurso, na produção e interpretação do texto.

Por enxergar uma oposição entre o individual e o social, Vidal (2006) afirmou que Bakhtin atribuiu essencial importância ao interlocutor, considerando a interação entre sujeitos como essencial à linguagem e essa linguagem, por sua vez, essencial para a comunicação. Portanto, para Bakhtin, o conceito de sujeito é a de um sujeito social. Vidal (2006, p. 194) ainda afirmou que nesse processo de comunicação, entende-se que “emissor e receptor são sujeitos dotados de competência comunicativa, linguística, mas também de valores, consequentes das relações sociais”.

No que tange às organizações, a comunicação é considerada um reflexo das práticas sociais desenvolvidas. Figaro (2008) refletiu quanto ao mundo do trabalho ser considerado o lugar de encontro e confronto entre os diferentes e das diferenças existentes entre eles. As relações de comunicação nesse mundo pressupõem movimentação de discursos, circunstanciados por diferentes pessoas e institucionalidades que o compõem. Tais discursos revelam as ideologias dos setores e classes sociais ali presentes. Pensar na comunicação implica compreender o termo discurso como algo em movimento, em percurso, ou seja, a palavra em circulação (MARCHIORI, *et. al.*, 2010).

Desse modo, a produção discursiva das organizações tornou-se uma das condições mais importantes para assegurar o conteúdo e destino das mensagens, pois com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. Não há discurso neutro. O discurso não é individual e ocorre entre interlocutores. Esses autores afirmaram ainda que se torna importante o empenho das organizações para tornar prioritários os processos de produção de sentidos. Com isso, as pessoas poderão vir a assumir posições como emissores de eventos comunicacionais e a utilizar técnicas argumentativas, não como meio de poder, mas como meio de persuasão.

Inicialmente, no que se refere ao discurso, Augusti (2005, p. 64) afirmou tratar-se de um meio e não um fim, haja vista a característica responsiva do discurso, pois há uma interação a partir daquilo que o indivíduo se apropria e, “ao repetir algo, estamos expressando sentidos já reelaborados por nós.” Augusti (2005) ainda reforçou que, dessa forma, os sentidos são formados no momento em que ocorre o que Michel Pêcheux chamava de atos verbais. Esses atos materializam uma relação com o momento histórico e um lugar social ocupado pelos interlocutores. Por ser o discurso uma relação entre sujeitos, o autor afirmou que o “emissor se relaciona com um leitor ‘virtual’ que está inscrito no seu texto e o leitor real se relaciona com os dois primeiros.” Isso foi chamado por Pêcheux de efeito de sentido entre interlocutores.

Ainda se tratando do discurso, Orlandi (2012, p. 83) salientou que há sempre no dizer um não-dizer necessário, e isso é permeado pelo pressuposto e pelo subentendido. Entretanto, vale lembrar que há outra forma de não-dito no discurso que se refere ao silêncio. Esse silêncio está relacionado a um recuo necessário e deve ter um tratamento adequado para que ‘o sentido faça sentido’. É entre o dizer e o não dizer que se desenrola um espaço de interpretação no qual o sujeito se moverá e esse fenômeno merece atenção, visibilidade e espaço para que o discurso faça sentido entre os locutores.

A autora Vidal (2006) complementou essa afirmação ao dizer que os modernos estudiosos do discurso, dentre eles, Maingueneau, Ducrot, Althusser e Foucault, concordavam que os estudos de linguagem devem estar vinculados às suas condições de produção. “É necessário buscar as relações que se tecem entre os discursos, os espaços semânticos em que emergem, as polêmicas que se travam entre eles, os contratos ou conflitos acontecidos no interior de cada discurso, remetendo a outras falas, recapturando outras vozes”. (VIDAL, 2006, p. 196).

Ainda conforme Vidal (2006), a autora apresentou em sua pesquisa a preocupação e o pensamento *bakhtiniano* com relação à diferença entre os discursos da vida e os discursos da arte. Há uma diferença entre a comunicação na vida cotidiana e a comunicação estética. Na comunicação da vida cotidiana, as conexões com o ambiente são fortes e intensas e criam dependência para o significado. Já na comunicação estética (discurso estético), a dependência do contexto imediato é menor, embora nunca deixe de existir, a exemplo, o nexo relacional entre autor/ obra/ leitor. A autora ainda complementou que “realidade e ficção constituem-se um todo discursivo e linguagens entram em confronto na arena discursiva, visto que o diálogo entre diferentes discursos nem sempre é harmonioso e simétrico, daí a instauração da natureza da interdiscursividade da linguagem”. (VIDAL, 2006, p. 191).

Em seu livro ‘As principais teorias do cinema’, J. Dudley Andrew (1989) tratou do desafio da fenomenologia discutindo as ideias de Amédée Ayfre e Henri Agel. Falecido em 1963, Ayfre passou a ter seus pensamentos abordados pelo amigo Agel que, dentre diversas discussões, argumentou que a maioria dos estudos relacionados à arte, o fazem de fora para dentro. Ele alertou que os estudos da arte impõem-lhe leis tiradas da psicologia, linguística, semiótica e da sociologia e tentam cercá-la descobrindo sua posição com relação à vida. No entanto, nunca estudam a própria vida. Andrew (1989) ainda afirmou que para Agel,

um trabalho de arte não é um objeto como outro qualquer. Apesar das metáforas que empregamos com tanta frequência, não é como uma flor, nem como um computador, cujos trabalhos internos podem ser expostos e estudados. Um trabalho de arte é etéreo, pois existe apenas para a experiência e apenas se experimentado. Um tipo diferente de ciência é necessário para compreendê-lo ou apreciá-lo. (ANDREW, 1989, p. 243).

Diante do exposto, pode-se depreender a diversidade dos problemas que estão relacionados à comunicação nas organizações – e à falta de comunicação também. Entretanto, diferentemente do discurso no contexto da História, no cinema, a narrativa já encerra sua finalidade: contar uma história. No contexto cinematográfico, os filmes têm sido considerados discursos, como unidades de discursos que não obedecem às mesmas regras de produção e leitura escrita, permitindo, conforme afirmação de Abdala Jr. (2006), o nascimento da especificidade da linguagem do cinema que demanda recursos próprios para a compreensão dos diálogos.

Destarte, insere-se nesse circuito uma discussão sobre o uso das metáforas nos processos de comunicação, especificamente na compreensão dos discursos produzidos nesse contexto.

Putnam, Phillips e Chapman (2009) afirmaram que a metáfora se tornou um assunto comum nos estudos sobre as organizações. Trata-se de um modo diverso de ver uma coisa, uma expressão linguística particular ou ornamentos de linguagem que operam permitindo *insights* sobre a compreensão da vida organizacional. Todavia, Bergamini e Coda (1996) alertaram que as metáforas devem ser usadas de maneira a direcionar o pensamento e a forma de ver do indivíduo, o que determina o modo que se compreende o mundo organizacional e não como um artifício de linguagem usado simplesmente para melhorar o discurso.

A comunicação, conforme salientou Cardoso (2006, p. 1131) “é vista como um *conduite* e as organizações como *contêiners* ou meros sistemas físicos”. Essa comparação, dentre diversas outras, é feita no contexto das organizações no cotidiano. Pode ser considerada uma metáfora que, por permitir um exame em múltiplos níveis de análise, também facilita a construção de teorias. O estudo mais citado sobre metáforas nas organizações é o que foi realizado por Morgan (1996). “Examinando as teorias dominantes e os âmbitos de pesquisa nos estudos organizacionais, Morgan revelou diversas imagens que representam diferentes modos de os indivíduos conceberem as organizações” (PUTNAM; PHILLIPS; CHAPMAN, 2009, p. 81).

Ao tentar compreender como se configura o espaço da comunicação nas organizações, até mesmo em virtude dos acontecimentos contemporâneos, Morgan (1996) tornou-se uma importante fonte de esclarecimento, pois destacou que as metáforas podem ser um artifício para ajudar na compreensão dos fenômenos e apoiou-se na premissa de que:

[...] nossas teorias e explicações da vida organizacional são baseadas em metáforas que nos levam a ver e compreender as organizações de formas específicas, embora incompletas. Metáforas são frequentemente vistas como artifício para embelezar o discurso, mas seu significado é muito maior do que isto. Usar uma metáfora implica *um modo de pensar e uma forma de ver* que permeia a maneira pela qual entendemos o nosso mundo real. (MORGAN, 1996, p. 16).

Ainda conforme as afirmações de Morgan (1996), as organizações podem ser muitas coisas ao mesmo tempo e o uso de imagens e metáforas não deve estar associado somente a construtos de interpretação ou formas de encarar a realidade, pois essas imagens e metáforas fornecem uma estrutura para a ação. A linguagem fílmica é tratada aqui como uma linguagem metafórica. Vergara (2006) afirmou que, sendo a metáfora uma figura de linguagem, tem como objetivo formar outro conceito, estando inserida em uma abordagem simbólica, pois “trata-se de uma comparação abstrata, no plano das ideias” (LEITE; LEITE, 2010, p. 77).

Com relação ao uso das metáforas no contexto das organizações, Morgan (1996) afirmou sua crença na possibilidade de encontrar novas formas de organizar e novas maneiras de focalizar e resolver os problemas organizacionais que auxiliam a descrever como as organizações são e como elas podem vir a ser. Davel, Vergara e Ghadiri (2007, p. 19) sugeriram haver diversas metáforas ainda a serem descobertas e utilizadas na compreensão do contexto organizacional, já que a arte se revela como uma fonte interminável para a criação de tais metáforas. “Então, pelo uso de um trabalho artístico como uma metáfora, uma lente ou um quadro de leitura de situações organizacionais ou experiências gerenciais, multiplicamos e diversificamos nossas formas de interpretar e, por conseguinte, como construir tais situações e experiências”.

A seguir, apresenta-se o Quadro 2 com o resumo dos construtos abordados nesta seção com a apropriação dos conceitos assumidos nesta pesquisa e os principais autores referenciados.

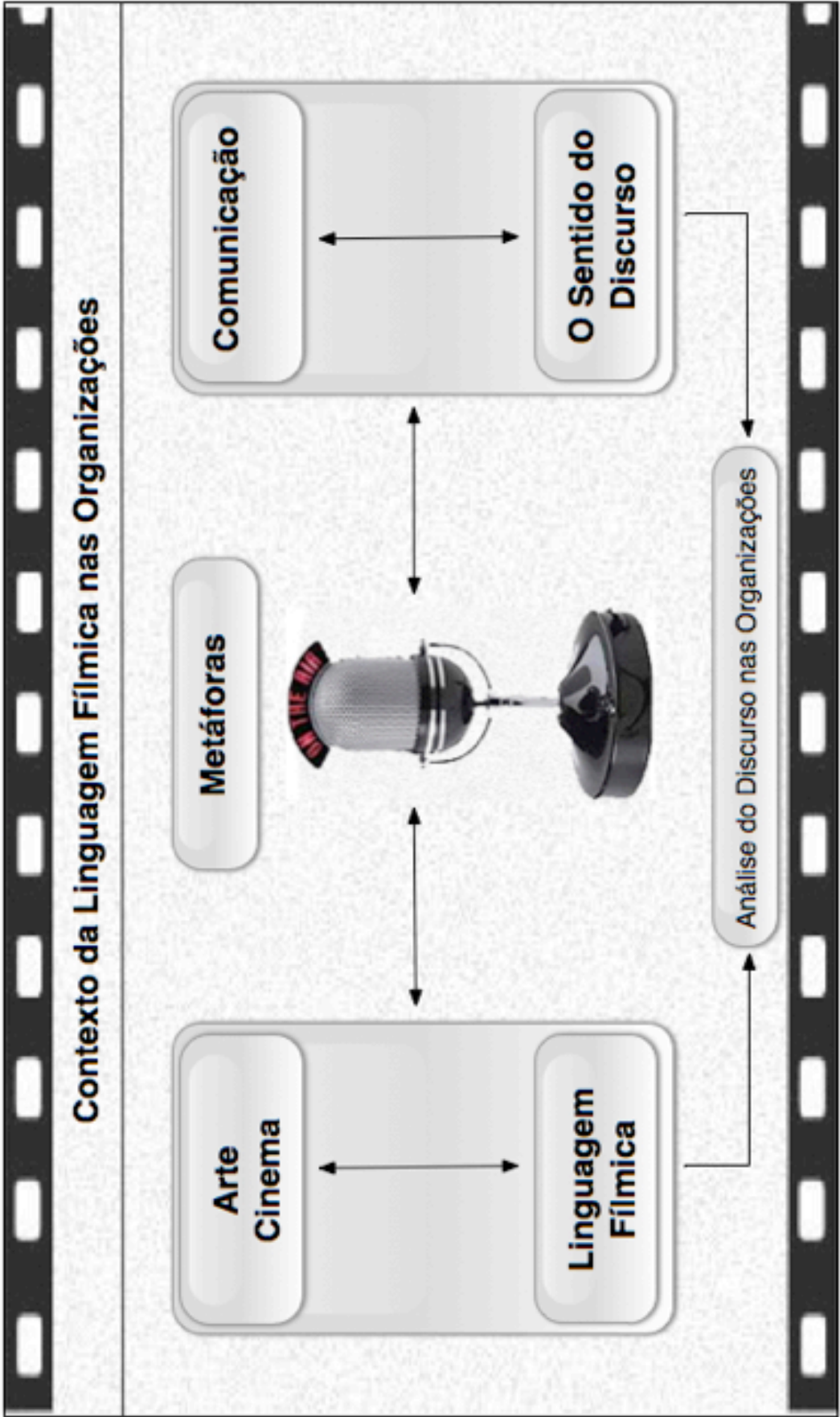
QUADRO 2 Foco utilizado e principais autores dos construtos: Comunicação, o Sentido do Discurso e Metáforas.		
	Foco	Principais Autores
Comunicação	Confiança, e certeza de relações; Interação entre as pessoas, participação e escuta; Processo cognitivo influencia na comunicação: experiências e vivências; Importância das condições em que ela ocorre; Diferença entre falar de comunicação e comunicar-se; Comunicação: discurso em movimento.	Rogers; Nascimento; Cardoso; Leite; Martinez.
O sentido do Discurso	Discurso como fenômeno social; Não é individual: ocorre entre locutores; espaço de relações intersubjetivas; Estudos de linguagem devem estar vinculados às suas condições de produção; Interpretar o discurso envolve formação de sentido; Relação entre comunicação e discurso; Silêncios discursivos.	Pêcheux; Orlandi; Bakhtin; Vidal; Chizzotti; Marchiori; Godoi.
Metáforas	Surge nos processos de comunicação para a compreensão dos discursos produzidos; Possibilita novas formas de ver, focalizar e desenvolver os fenômenos organizacionais; Ajuda na compreensão dos fenômenos e permite <i>insights</i> .	Morgan; Putnam; Phillips; Chapman; Leite; Leite.
Fonte: Elaborado pela autora		

Considera-se relevante destacar que nesta pesquisa constam as fases importantes para um trabalho científico, conforme as recomendações de Yin (2005), sendo: a pergunta de pesquisa, a fundamentação teórica – que está baseada em um levantamento da literatura desse campo de estudo – e, na sequência, um modelo conceitual. Miles e Huberman (1994), afirmaram que o modelo conceitual é uma explicação visual dos fatores importantes do estudo e permite a verificação de possíveis relações entre esses fatores. A elaboração de tal modelo prevê que esteja alinhado com a pergunta e com os objetivos desta pesquisa.

O modelo conceitual desenvolvido para esta pesquisa, conforme apresentado na Figura 1, foi utilizado como base para análise dos dados coletados teoricamente e para a discussão dos seus resultados. A apresentação do modelo conceitual tem por finalidade permitir uma visão inicial da proposta desta pesquisa em investigar como o exercício da linguagem filmica pode ser utilizado para a análise dos discursos nas organizações. Esse modelo foi elaborado a partir do aprofundamento na literatura e dos pressupostos detalhados na fundamentação teórica desta pesquisa.

Tratando-se da linguagem filmica no contexto das organizações, ressalta-se o importante papel que as metáforas exercem na relação entre os construtos abordados na fundamentação teórica desta pesquisa. Observa-se, no modelo conceitual, de um lado, o bloco que envolve os construtos: arte, cinema e linguagem filmica. Do outro lado, o bloco que envolve os construtos: comunicação e o sentido do discurso. As metáforas são apresentadas como construto que influencia e é influenciado pelos dois blocos considerados como recorte nesta pesquisa e, ao discutir as relações e influências entre eles, torna-se possível a análise e compreensão dos discursos nas organizações.

Figura 1 Modelo Conceitual



Fonte: Elaborada pela Autora

3. METODOLOGIA

A metodologia, conforme afirmou Abbagnano (2007) é um conjunto de procedimentos técnicos de verificação que está à disposição de uma disciplina – ou de um conjunto delas – e tem por objetivo garantir o uso eficaz das técnicas de procedimentos de que essas disciplinas dispõem. Por ser considerada uma parte importante da pesquisa, Vieira (2006) apontou que é a partir dela que a cientificidade poderá ser avaliada, isso inclui validade, confiabilidade e aplicação.

No entanto, não é recente a preocupação com a qualidade das pesquisas científicas na área de Administração no Brasil e, conforme apontou o segundo autor, por vários anos, houve uma produção limitada a manuais sobre como se elaborar projetos apenas. Diante da preocupação mencionada acima, reforça-se o que apontou Vieira (2006) de que o desenho de uma pesquisa começa a partir da metodologia e isso a torna passível de compreensão pelo leitor. Assim sendo, com os cuidados aqui mencionados e recomendados, a seguir apresentam-se os aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

3.1.Contextualizações da abordagem metodológica e da estratégia de pesquisa

Devido às preocupações da academia referentes à pesquisa como área de ensino, surgiram debates e questionamentos que traziam a dicotomia entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, sendo a primeira, alvo de críticas sobre a falta de rigor. Ainda existem críticas que são procedentes sobre estudos com métodos qualitativos, pois, “[...] as deficiências de tais estudos decorrem em sua maioria, não de limitações específicas dos métodos, mas sim de seu uso inadequado. [...]” (VIEIRA, 2006, p. 14).

Com o evidente aumento da complexidade no campo dos estudos organizacionais e do fenômeno administrativo como fato social (VIEIRA, 2006), passou então a ser defendido o argumento a favor das conversações entre teorias com origens epistemológicas distintas. Logo, diante do objetivo desta pesquisa, sua formatação metodológica está apoiada na abordagem qualitativa, sendo um estudo teórico-empírico, de natureza exploratória-descritiva, que utiliza a fenomenologia como método de pesquisa.

Com relação à abordagem qualitativa, destaca-se que sua evolução foi marcada por rupturas, pois contempla tensões teóricas subjacentes e inovadoras que a deixam distante de outras teorias,

práticas e estratégias de pesquisa. Entretanto, Chizzotti (2008) afirmou que os pesquisadores que optam pela pesquisa qualitativa reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos que se ocupam do estabelecimento de leis gerais ou do estudo dos fenômenos recorrentes - conhecidos como métodos nomotéticos – e sim, é uma decisão pela descoberta de novas vias investigativas sem pretender com isso, furtarem-se ao rigor e à objetividade.

A pesquisa qualitativa tem um potencial significativo e Mattos (2006) destacou que não há porque os acadêmicos ficarem em busca de generalizações apenas com a finalidade de afirmar um superior *status* metodológico que foi atribuído inicialmente à abordagem positivista, já que o mais importante é a maximização do capital científico. Contudo, algumas escolhas são essenciais na pesquisa qualitativa. Tal afirmação consiste em chamar a atenção para a escolha correta de métodos, teorias oportunas, reconhecimento e análise de diferentes perspectivas, na variedade de abordagens disponíveis e nas reflexões do pesquisador a respeito de sua pesquisa. Nesse contexto, convém mencionar a afirmação de Flick (2004, p. 28) de que “a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”.

A fenomenologia, inserida no método de pesquisa qualitativa, teve sua origem no campo da filosofia. Silva (2010) e Gil (2009) consensaram que o pesquisador é orientado para o fenômeno que está sendo investigado e, em se tratando de estudos organizacionais, a fenomenologia pode ser utilizada na compreensão de como o mundo é vivido pelas pessoas e visa ao esclarecimento de aspectos referentes à natureza da experiência vivida. À medida que o pesquisador considera o fenômeno como um caso, ele pode ler e extrair, de cada fonte de evidência, assertivas significativas e, após organizá-las e integrá-las, pode chegar à elaboração da estrutura essencial do fenômeno, e assim, pode-se dizer que se tem um “estudo de caso fenomenológico”. (GIL, 2009, p. 96).

Desse modo, no que diz respeito ao desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizada a estratégia de estudo de caso, pois ela possibilita a análise de um fenômeno que ocorre em um determinado contexto (YIN, 2005), principalmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Nesse sentido, o estudo de caso é a estratégia preferida quando a pergunta de pesquisa proposta começa em “como” ou “por que”, o que justifica o alinhamento entre a pergunta proposta nesta pesquisa com a estratégia em referência.

No entanto, os casos devem ser selecionados e estudados de maneira que seja possível encontrar resultados válidos que permitam a replicação dos mesmos procedimentos metodológicos com cada um dos casos (YIN, 2005), ou mesmo, que seja possível fazer comparações com casos que sejam contrastantes. Podem ser utilizados inclusive para atingir, descrever, testar e até gerar teorias, conforme afirmações de Eisenhardt (1989). O caso selecionado e estudado nesta pesquisa foi o filme comercial/ artístico ‘O discurso do Rei’ (*The King’s speech*), dirigido por Tom Hooper, produzido pela Paris filmes em 2011.

Os critérios de escolha para o uso desse filme estão relacionados a alguns fatores: possibilidade de trabalhar o processo de comunicação; ter sido baseado em dados reais, apesar de não ser condição necessária; desejo da pesquisadora em trabalhar um discurso pela análise do discurso; possibilidade de triangulação das fontes de evidências; devido à proposição metodológica – da abordagem qualitativa e do método fenomenológico – ser compatível com coleta e análise de dados e; devido à oportunidade de realizar simulações em administração, fatores esses que permitiram à pesquisadora um aprofundamento nas abordagens envolvidas nesta pesquisa.

Reitera-se a importância de salientar que os filmes fornecem componentes verbais e não verbais dos eventos. Os filmes comerciais/artísticos apresentam como vantagem – dentre diversas outras já destacadas na fundamentação teórica desta pesquisa – uma maneira diferente de contar algo/ uma história. O filme aqui analisado foi baseado em fatos verídicos e, portanto, possíveis, embora essa não tenha sido uma condição para a seleção do filme. Seu uso torna-se possível e válido em função da possibilidade do acesso repetido e sem limites às cenas, visando à minimização das inferências pessoais de quem utiliza a linguagem fílmica como ferramenta, o que justifica na prática sua aplicação (FLICK, 2004; LEITE; LEITE, 2007, 2010). As autoras Vanoye e Goliot-Lété (1994) argumentaram que a linguagem fílmica possibilita a apreensão e a aprendizagem a partir da sua observação sistemática, afirmação essa que reforça a contribuição desta pesquisa à comunidade acadêmica e organizacional.

Tendo sido apresentados os argumentos do uso do estudo de caso nesta pesquisa, contextualizando-o na linguagem fílmica, convém mencionar a natureza dos objetivos deste projeto. Trata-se de um estudo de caráter exploratório e descritivo. O estudo exploratório tende a proporcionar maior familiaridade do pesquisador com o problema e viabiliza o aprimoramento de ideias e até a descoberta de intuições (GIL, 2007). Esse mesmo autor salientou que, por ser flexível em seu planejamento, o estudo exploratório possibilita a consideração de vários aspectos

relacionados ao fenômeno estudado e envolve o levantamento bibliográfico, estudo de caso e a análise de exemplos que, por sua vez, possibilitam a compreensão do pesquisador, dentre outras características. Vergara (2000) destacou que a investigação exploratória é realizada quando há pouco conhecimento acumulado e sistematizado e que por sua natureza de sondagem, as hipóteses poderão surgir durante ou ao final da pesquisa.

Quanto ao caráter descritivo, a mesma autora (2000, p. 47) afirmou que esse tipo de pesquisa “não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”. O autor Gil (2007) esclareceu que a pesquisa descritiva expõe características de determinada população e tem o objetivo de descrever o fenômeno escolhido. Permite a realização de vários estudos e tem por característica mais expressiva a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, a exemplo, a observação sistemática.

Foi adotada nesta pesquisa, inicialmente, a abordagem dedutiva. As autoras Marconi e Lakatos (2005, p. 46) afirmaram que a dedução “é uma argumentação que torna explícitas verdades contidas em verdades universais. [...]” Reforça-se que é importante elaborar uma fundamentação teórica com uma literatura relacionada ao tema proposto, para com isso, traçar uma fundamentação dos principais autores nacionais e internacionais sobre linguagem fílmica, comunicação, metáforas e o sentido dos discursos nas organizações. Posteriormente, em estudos futuros com o mesmo filme, poderá ser adotada a abordagem indutiva, com o intuito de tirar proveito de novas visões possíveis a partir de uma teoria empiricamente válida, conforme recomendações de Eisenhardt (1989); Marconi e Lakatos (2005); Cervo, Bervian e Da Silva (2007).

Complementa-se com as afirmações feitas por Cervo, Bervian e Da Silva (2007), baseados em consultas feitas à obra de Euryalo Cannabrava, que a dedução e a indução são processos que se complementam e que na prática, recorrer a ambos os instrumentos, permite ao pesquisador demonstrar a verdade dos pressupostos submetidos à análise.

Não obstante, o ato de investigação e pesquisa em ciências sociais aplicadas – especificamente a pesquisa qualitativa em Administração – demanda algumas escolhas que refletem na maneira que o pesquisador vai proceder para chegar a uma conclusão em sua pesquisa. Torna-se importante para o pesquisador a escolha de um paradigma que norteie suas ações, com relação à escolha do objeto de pesquisa, problema, metodologia e fundamentação

teórica. Caldas (2007) descreveu que ao utilizar um paradigma, o pesquisador pode desvendar pressuposições que caracterizam um modo de ver o mundo e que isso lhe permite trazer e fazer associações e análises de teorias distintas, pois trata de uma forma de ver a realidade. Dada a importância de tal escolha, para esta pesquisa foi adotado o aporte do paradigma interpretativista como modo de visão de realidade, pois há a concepção de que a realidade social não existe em um sentido concreto, haja vista que ela é um produto da experiência dos indivíduos, tanto subjetiva quanto intersubjetiva.

O mesmo autor (2007, p. 16) afirmou que “[...] a sociedade é entendida a partir do ponto de vista do participante em ação, em vez do observador”. Cabe então ao pesquisador teórico social interpretativista, tentar compreender o processo de surgimento, sustentação e modificação das múltiplas realidades compartilhadas. Esse autor baseou-se também no pressuposto de que há uma ordem e um padrão no mundo social, porém, criticou outras correntes paradigmáticas que tentam estabelecer uma ciência social objetiva, afirmando que tal objetividade pode ser intangível. Ainda salientou: “[...] A ciência é considerada uma rede de jogos de linguagem, baseada em grupos de conceitos e regras subjetivamente determinados, que os praticantes da ciência inventam e seguem. [...]” (CALDAS, 2007, p. 16). Tendo apresentado o contexto de estudo desta pesquisa, a seguir, estão apresentadas as estratégias escolhidas para coleta de dados.

3.2.Fontes de evidências e estratégias de coleta de dados

Para a condução de estudos de casos, especificamente na coleta de evidências, Yin (2005) apresentou três princípios que norteiam essa atividade: o primeiro princípio está relacionado à necessidade de utilizar várias fontes de evidências; o segundo é a necessidade de se criar ou utilizar um banco de dados para o estudo de caso, pois isso pode configurar-se uma evidência que necessite de correção no futuro; o terceiro princípio aponta a afirmação de que é necessário que se mantenha um encadeamento das evidências trabalhadas. Essas evidências, quando trianguladas, fornecem maior robustez aos estudos de casos.

A triangulação, de acordo com Yin (2005), baseia-se no fato de várias fontes de evidências apresentarem-se com os dados convergindo em formato de triângulo e beneficiando-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. Dentre essas fontes podem ser incluídos filmes, fitas de vídeo, fotografias, documentação,

registros e arquivos e observações. Nesta pesquisa, trabalhou-se com a triangulação de três fontes de evidências: o filme comercial/ artístico foi utilizado como a principal fonte de evidência – já descrita anteriormente como o caso a ser estudado – o filme documentário e a obra literária biográfica. Enfatiza-se que a triangulação das três fontes de evidências utilizadas nesta pesquisa não tem a conotação de comprovar a importância do uso filme comercial/ artístico, e sim, de enriquecer a coleta de dados.

A primeira estratégia de coleta de dados realizada foi a análise fílmica, respaldada pelo estudo observacional indireto e não participante. O uso dessa estratégia de observação não participante foi defendido por Flick (2004) o qual destacou as contribuições de Markens, datadas de 1989, tomando a análise fílmica como uma estratégia em que o observador tende a não influenciar o fenômeno observado, pois ele constrói os significados para si mesmo, a partir de suas pressuposições e acaba por direcionar as ações dos atores da forma como ele as percebe. A observação indireta e não participante também foi mencionada por Cooper e Schindler (2003) e corroborada por Leite, Nishimura e Leite (2010) como menos tendenciosa e mais apurada, uma vez que os registros podem ser reavaliados tantas vezes quanto necessárias, devido à vantagem do acesso repetido às cenas, o que permite a inclusão de vários aspectos diferentes de um mesmo fato.

Dada a ocorrência de que, cada vez mais os filmes influenciam as realidades cotidianas, esses veículos dizem muito a respeito da construção social da realidade. Para esta pesquisa, foram tomadas por bases as quatro etapas de condução da análise de um filme, propostas por Denzin (1989b, *apud* FLICK, 2004, p. 167), a saber:

- 1.) Os filmes são considerados como um todo, anotando-se as impressões, as questões e os padrões de significados que forem conspícuos.
- 2.) As questões de pesquisa a serem buscadas no material são formuladas. Anotam-se, então, as cenas-chave.
- 3.) São conduzidas “microanálises estruturadas” de cenas e sequências individuais, que devem levar a descrições e padrões detalhados na exposição (de conflitos, etc.) nesses extratos.
- 4.) Para responder à questão de pesquisa, essa busca por padrões é estendida a todo o filme. Leituras realistas e subversivas do filme são contrastadas, e uma interpretação final é redigida.

Assim, a linguagem fílmica possibilita a apreensão e a aprendizagem a partir da observação sistemática. Vanoye e Goliot-Lété (1994) reforçaram que o filme é um recurso para a condução da microanálise e Denzin (1989) entendeu os filmes como textos visuais que, ao serem transcritos, podem ser analisados como tal.

Vale destacar a contribuição de Loizos (2002) no que tange à pesquisa social poder empregar a informação visual – que não precisa ser em forma de palavras escritas nem em forma de números, como dados primários – pois o mundo atual é constantemente influenciado por todos os meios de comunicação, cujos resultados dependem do apoio de elementos visuais. Portanto, essas informações visuais e midiáticas tornam-se ‘fatos sociais’ – temática abordada por Emile Durkheim (2002) – e não podem ser ignorados, pois desempenham papéis importantes na vida social. A imagem visual, ou informação visual, oferece um registro importante das ações temporais e dos acontecimentos reais.

Diante de tais argumentos, acrescenta-se a recomendação de Gil (2009) de que convém elaborar um documento que trate de todas as decisões importantes ao longo do processo de pesquisa. Cabe ressaltar que esse documento – denominado de protocolo, conforme apêndice 1 – deve ser elaborado tão logo seja formulado o problema, estabelecidos os objetivos, modalidade de estudo e as técnicas de coleta de dados. A adoção do protocolo destina-se à orientação do pesquisador ao realizar a coleta de dados a partir de um estudo de caso único e, Yin (2005) afirmou que essa é uma tática importante para aumentar a confiabilidade do estudo, pois, mais do que um instrumento, ele também contém os procedimentos e regras gerais que devem ser seguidas ao utilizar o instrumento.

Corroborando Yin (2005), Gil (2009) apontou que o protocolo dá suporte ao constante processo de tomada de decisão ao longo da pesquisa e que se constitui um importante auxiliar da memória do pesquisador. Flick (2004) ressaltou também que as observações em campo, bem como as intenções, irritações e sentimentos dos pesquisadores se tornam dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e podem ser documentados em diário de pesquisa ou em protocolo de contexto, o que reforça a recomendação aqui mencionada sobre o uso do protocolo.

Com relação à transcrição do texto visual no protocolo, qualquer tema e postura teórica vão exigir a seleção de diferentes aspectos, porém, o importante é que o pesquisador deixe explícitos os critérios utilizados para a seleção. Rose (2002, p. 350) afirmou que “deve ficar teórica e empiricamente explícita a razão de certas escolhas terem sido feitas e não outras”. A autora destacou também que toda transcrição tem por finalidade gerar um conjunto de dados passíveis de uma codificação e análise, pois isso simplifica a complexidade da imagem transmitida na tela.

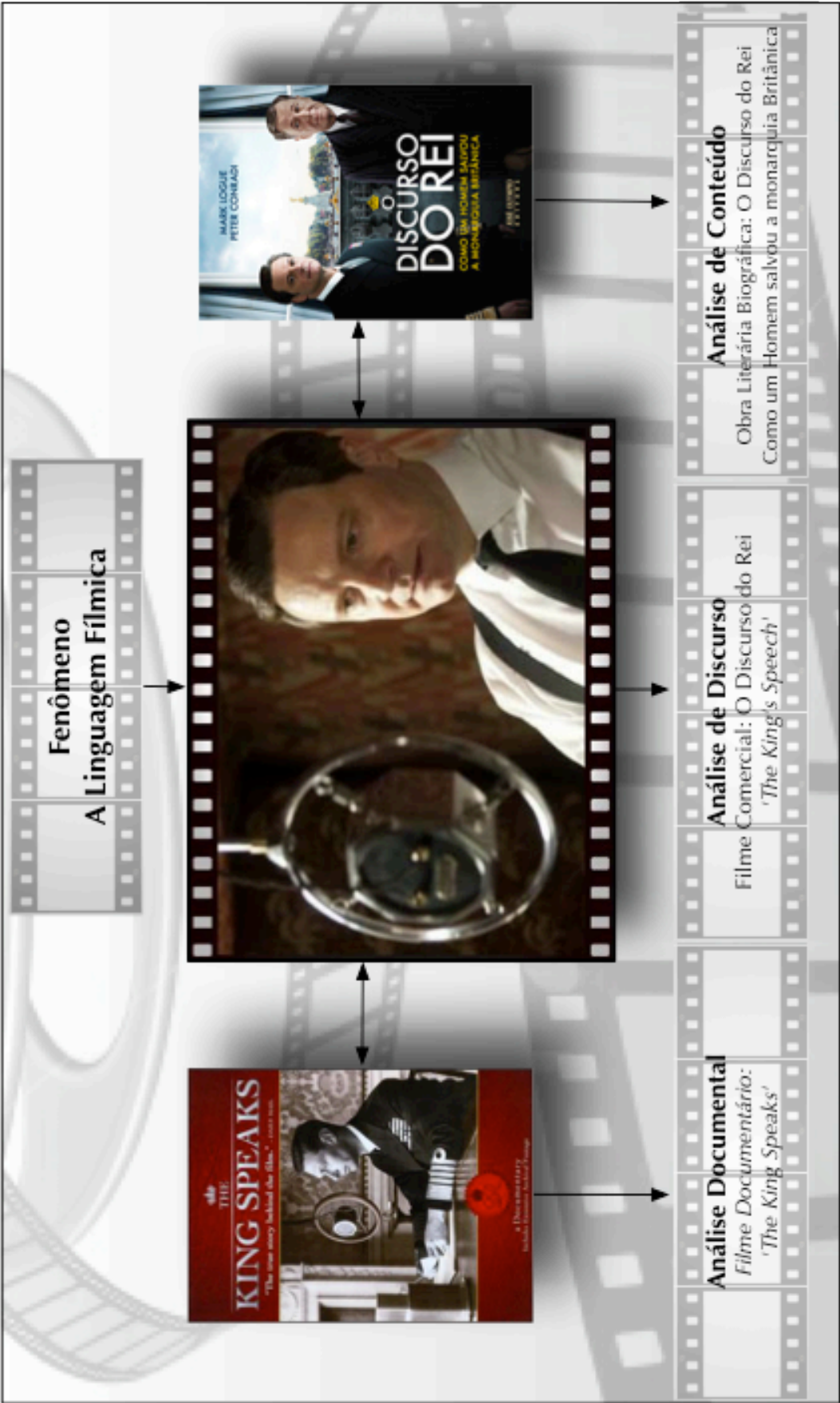
Em continuidade, com relação à segunda estratégia de coleta de dados, foi utilizada a pesquisa documental, que contemplou o filme documentário e a obra literária biográfica sobre a vida do Rei George VI como fontes de evidências. O filme documentário, com o título de *'The King Speak' – The true story behind the film*, foi produzido pela BFS Entertainment & Multimedia Limited em 2011, com aproximadamente 50 minutos e contém cenas originais dos discursos do Rei George VI e a obra literária biográfica escolhida foi a de título 'O Discurso do Rei – como um homem salvou a monarquia britânica', escrita por Mark Logue e Peter Conradi, publicada pela José Olympio Editora, em 2011, na qual constam trechos de diversos discursos proferidos pelo Rei. Ambas as fontes de evidências foram escolhidas com o intuito de contribuir com informações adicionais para a ampliação e compreensão do contexto que envolve esta pesquisa.

Os autores Gil (2009) e Yin (2010) argumentaram sobre a utilidade dos documentos e as importantes contribuições da pesquisa documental para o estudo de caso. A pesquisa documental, de acordo com Gil (2007) apresenta semelhanças com a pesquisa bibliográfica, que prescinde toda pesquisa científica, mas a natureza das fontes difere uma da outra. Ao passo que na pesquisa bibliográfica se utiliza das contribuições de diversos autores sobre um assunto, na documental, são utilizados materiais que ainda não foram analisados ou que ainda podem ser reelaborados conforme os objetivos da pesquisa.

Há de se ressaltar aqui que os documentos compõem uma fonte rica e estável de dados e, conforme declarou Gil (2007, p. 47) “algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema. [...]”.

Apresenta-se, em seguida, a Figura 2, na qual constam as associações entre as fontes de evidências, o fenômeno da triangulação e suas respectivas estratégias de análises. Na próxima seção, estão apresentadas as estratégias de análise de dados.

Figura 2 Associações entre as Fontes de Evidências, o Fenômeno da Triangulação e as Análises



Fonte: Elaborada pela Autora

3.3.Estratégias de análise de dados

Tomando-se por base o formato já descrito nas seções 3.1 e 3.2, e seguindo também as recomendações de Eisenhard (1989), esta pesquisa utilizou-se da combinação de três estratégias de análise de dados: 1) estratégia da análise de discurso; 2) estratégia da análise documental e; 3) estratégia da análise do conteúdo, conforme demonstrado na Figura 2. A seguir, apresenta-se uma explicação sobre cada uma dessas estratégias de análise utilizadas.

Para a primeira fonte de evidência, o filme comercial/ artístico, utilizou-se a estratégia da análise de discurso. Essa estratégia de análise visa à apreensão e exploração do sentido de uma determinada mensagem no contexto em que ela é transmitida (VERGARA, 2007). Reforça-se tal escolha devido ao que é afirmado por Orlandi (2012): na análise de discurso não se menospreza a força que as imagens exercem na constituição do dizer; o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem.

A análise de discurso surgiu nos anos 60 de modo sistematizado com Michel Pêcheux influenciado por Michel Foucault e o conceito trazido por ele de formação discursiva (AUGUSTI, 2005). A análise de discurso de Pêcheux nasceu influenciada pelo marxismo, psicanálise e linguística e, conforme complementou Vergara (2006), diz respeito a uma perspectiva ideológica. Já a análise de discurso dos anglo-saxônicos refere-se a uma perspectiva pragmática, marcada pela antropologia. (VERGARA, 2006).

Porém, Melo (2005) afirmou que antes de Pêcheux, Zellig Harris, já em 1952 falou de discurso em sua obra *Discourse Analysis* e serviu de orientação tanto aos franceses quanto aos anglo-saxônicos, tendo a análise textual como foco de sua obra, diferentemente de Pêcheux que trouxe a constituição de discurso como objeto de investigação não trabalhando com “a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo”. (ORLANDI, 2012, p. 16).

Reforça-se que o estudo da análise de discurso é caracterizado por duas tradições, sendo a anglo-saxônica e a francesa. Bardin (2011) destacou que, enquanto na corrente anglo-saxônica o discurso é designado por qualquer forma de interação, formal ou informal, na corrente francesa, a análise do discurso está dividida entre a descrição linguística e a dificuldade em responder às exigências interpretativas das ciências humanas. Como referência, foi utilizada

nesta pesquisa, a análise de discurso de corrente francesa que, dentre diversas opções, permite considerar o sentido e não somente o conteúdo do discurso.

Inicialmente, essa corrente era denominada de ‘análise *do* discurso’ por estar voltada exclusivamente aos discursos políticos (SILVA, 2011). No entanto, o mesmo autor afirmou que depois da influência de alguns teóricos, dentre eles Certeau, de 1998 e Le Goff, de 1995, essa corrente passou a apresentar interesse pela análise do cotidiano e de outras formas de linguagem. Assim sendo, após essa ampliação no campo de interesse, sua nomenclatura passou para ‘análise *de* discurso’, tendo como objeto, qualquer discurso e não mais somente os discursos políticos.

A análise de discurso está vinculada à filosofia da linguagem em sua origem, constitui um caráter interdisciplinar, com raízes e desenvolvimentos em disciplinas de ciências sociais, destacadas por Godoi (2010) como a linguística, a semiótica, os estudos literários, a antropologia, a sociologia, a teoria da comunicação, a psicologia social e a inteligência artificial. Considerando as diferentes direções da análise de discurso e de seu desenvolvimento histórico, Godoi (2010), apresentou as contribuições de Teun A. Van Dijk, datadas de 1990, a respeito da caracterização histórica da análise de discurso, a qual contém elementos como: transdisciplinariedade, descrição textual e contextual, interesse pela fala da cotidianidade, interesse pela multiplicidade de gêneros de discurso e abertura da base teórica.

Contudo, a análise de discurso é uma estratégia útil e apropriada à condução do levantamento e análise de informações em um estudo de caso. Em continuidade, ressaltam-se as afirmações de Martins (2008) de que em todo discurso há um sentido oculto que só pode ser captado a partir de uma técnica apropriada. O foco é a construção de procedimentos que sejam capazes de direcionar o olhar do leitor a compreensões mais profundas e menos óbvias. Porém, Vergara (2006) advertiu que a análise de discurso exige do pesquisador sensibilidade para captar e interpretar a subjetividade do que está sendo pesquisado – e de quem está sendo pesquisado, pois, não se trata somente do que é falado, mas também de como se é falado.

Diante de tais aspectos, salienta-se que Gill (2002) chamou a atenção de que fazer a análise de discurso implica se questionar os próprios pressupostos e as maneiras como habitualmente o pesquisador dá sentido às coisas. Não é a crença em um único sentido, em uma única verdade (MARTINS, 2008) e isso implica uma mentalidade analítica, de uma pessoa imbuída de um espírito de ceticismo. (GILL, 2002).

Destarte, com relação à análise de discurso, a autora Orlandi, afirmou que:

[...] não se trata apenas de transmissão de informação, nem há linearidade na disposição dos elementos da comunicação [...] não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc.. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. [...] O sentido é efeito de sentidos entre locutores. [...] (ORLANDI, 2012, p. 21).

Entretanto, cabe aqui ressaltar a contribuição de Godoi (2010) de que o discurso também contém elementos que ficam excluídos do campo de dizibilidade. “Os implícitos e os silêncios discursivos constituem o substrato mais importante da análise de discurso, uma vez que estão associados à produção do sentido discursivo” (p. 391). Em consonância, Vergara (2005) afirmou que para esse tipo de análise é necessário levar em consideração os aspectos verbais ou linguísticos, aspectos paraverbais ou paralinguísticos, e os aspectos não verbais, já que dentre os diversos objetivos da análise de discurso, um deles, conforme aponta Gill (2002, p. 250) é o de “identificar funções, ou atividades da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados”.

Reforça-se que o discurso não pode ser analisado no vácuo, sem um contexto, pois é inerente à vida social e vem sendo tomado como objeto de estudo nas organizações, pois é nesse espaço metodológico que se dedicam os estudos organizacionais a partir das práticas discursivas escritas, faladas e intencionais. Godoi (2010, p. 377) complementou: “a caracterização de Van Djik (2005) acerca da análise de discurso contemporânea oportuniza metodologicamente a utilização da análise de discurso no cenário dos estudos organizacionais”.

Para a segunda fonte de evidência desta pesquisa, o filme documentário, utilizou-se a estratégia da análise documental. Essa modalidade de análise, para os estudos de caso, é valiosa por corroborar e aumentar a evidência de outras fontes utilizadas, conforme atestaram Yin (2010) e Bardin (2011). Tal modalidade tende a proporcionar, também, outros detalhes específicos e encontrar novas questões sobre as comunicações originadas de outras fontes. Por ser estável, o documento pode ser revisto repetidamente, constituindo-se vantagem para essa modalidade de análise (YIN, 2010). O filme documentário analisado nesta pesquisa, além de preencher as características aqui elucidadas, também preenche os requisitos da análise fílmica, conforme já destacado por Cooper e Schindler (2003) e Leite, Nishimura e Leite (2010).

Aprofundando-se na definição da análise documental descrita por Bardin (2011, p. 51), destaca-se que essa estratégia consiste em um conjunto de operações com a finalidade de explorar o conteúdo de um documento de forma diferente da original, e assim, facilitar sua consulta e referência em um estudo subsequente. Trata-se de representar a informação de outro modo, por intermédio do que a autora descreveu por “procedimentos de transformação”.

Em relação à terceira fonte de evidência, a obra literária biográfica, utilizou-se a análise de conteúdo como estratégia de análise. Tal análise foi considerada útil por Bardin (2011) para o tratamento das comunicações e descrição de conteúdos de mensagens, compreendendo três etapas, a saber: pré-análise; exploração do material; tratamento dos dados e interpretação. Esta pesquisa apoiou-se em procedimentos interpretativos dos conteúdos categorizados pela pesquisadora, tomando por base as recomendações de Bardin (2011) e Vergara (2005).

Essa estratégia de análise merece especial atenção quando comparada com outras estratégias que consideram a língua como objeto, no caso da linguística, declarou Bardin (2011). A autora complementou tal afirmação dizendo que a análise de conteúdo tem por objeto a fala, “o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem” (BARDIN, 2011, p. 49). Trabalhar com essa estratégia envolve lidar com a prática da língua realizada por emissores, pois considera as significações (conteúdo) e, eventualmente, a forma e a distribuição desses conteúdos.

Acrescenta-se que a análise de conteúdo permite tanto a abordagem quantitativa quanto qualitativa. Nos procedimentos qualitativos, o foco é dado em peculiaridades e nas relações entre os elementos, dando ênfase para o que é significativo e relevante, mas não necessariamente frequente. Para tanto, a metodologia reflexiva auxilia nessa análise, pois caracteriza-se pela interpretação e reflexão cuidadosa do pesquisador, uma vez que, “o conhecimento não pode ser separado daquele que conhece”, conforme afirmou Vergara (2005, p. 185).

Por fim, destaca-se que a análise de conteúdo tem em vista o aprofundamento de “variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc. [...] a partir de uma amostra de mensagens particulares”. (BARDIN, 2011, p. 50). Diante de tais argumentos, justifica-se a utilização dessa estratégia de análise para a fonte de evidência já descrita e sua importância para o cumprimento dos objetivos específicos desta pesquisa.

Estão apresentadas no Quadro 3, as amarrações metodológicas propostas, com o intuito de sintetizar a metodologia utilizada nesta pesquisa.

<p>Quadro 3 Matriz de Amarração da Pesquisa</p>				
Objetivos	Questão de Pesquisa	Fundamentação Teórica	Abordagens, Estratégia e Instrumentos de Coleta	Técnicas de Análise por Fonte de Evidência
Principal	Como o exercício da linguagem fílmica, enquanto metáfora de comunicação, pode ser utilizado para a análise do discurso nas organizações?	Arte, cinema e linguagem fílmica.	Abordagens	Filme Comercial/Artístico
Analisar o exercício da linguagem fílmica, enquanto metáfora de comunicação, e sua utilização na análise do discurso nas organizações.			Abordagem qualitativa Estudo teórico-empírico Natureza exploratório-descritiva Método Fenomenológico	Análise de Discurso
Específicos			Estratégia	Filme Documentário
a) Estudar os discursos apresentados pelo Rei George VI: no filme comercial; no filme documentário; na obra literária biográfica.			Estudo de Caso	Análise Documental
b) Comparar o conteúdo dos discursos apresentados no filme comercial, no filme documentário e na obra literária biográfica.			Estratégias de Coleta	Obra Literária
c) Verificar, com essa comparação, a utilidade também de comparar os discursos organizacionais produzidos entre gestores e colaboradores.		Comunicação, o sentido do discurso e metáforas.	Pesquisa Documental	Análise de Conteúdo
d) Discutir o fenômeno da comunicação e a contribuição de seu papel para gestores e organizações.			Análise Fílmica (Observação indireta e não participante)	Metodologia Reflexiva
e) Discutir as possibilidades de contribuição do uso da linguagem fílmica nas organizações, como uma metáfora de comunicação, para análise dos discursos produzidos.			(Protocolo de registro de observação)	

Fonte: Adaptado de Telles (2001) *apud* Leite (2008)

4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Salienta-se que a apresentação dos dados e dos resultados de uma pesquisa é um ponto que demanda atenção dentro da comunidade científica. Ressaltam-se as contribuições trazidas por Bandeira-de-Mello (2006) de que a compreensão do significado do texto depende do elemento humano e, Yin (2010) ao reforçar que o pesquisador precisa saber o que está procurando.

Na sequência, estão apresentados os dados obtidos com as estratégias de coleta, bem como uma breve descrição de cada uma das fontes de evidência que foram utilizadas nesta pesquisa.

4.1.O filme comercial - Contexto do estudo

‘O Discurso do Rei’ é um filme comercial/ estético de origem britânica que, teve as filmagens iniciadas em dezembro de 2009. Teve uma distribuição limitada nos Estados Unidos em 26/11/2010 e seu lançamento oficial data de 10/12/2010. Nos demais países, seu lançamento foi no início do ano de 2011, inclusive no Brasil. Escrito por *David Seidler* e dirigido por *Tom Hooper*, foi estrelado por *Colin Firth*, no papel de Albert, o Rei George VI, *Geoffrey Rush*, como o terapeuta da fala Lionel Logue e *Helena Bonham Carter*, no papel da Rainha Elizabeth.

O filme contou a história real de Albert, nascido em 14 de dezembro de 1895, o então Duque de York desde 04 de junho de 1920. Segundo filho do Rei George V, Albert era gago desde os quatro anos de idade. O filme revelou também, algumas situações traumáticas de sua infância, incluindo a severidade do pai, as situações repressoras devido ao fato de ser canhoto, uma babá que tinha preferência por seu irmão mais velho e, por esse motivo, o beliscava a fim de fazê-lo chorar e ser repreendido pelos pais, a morte de seu irmão mais novo, John e o doloroso tratamento ao qual foi submetido devido um problema no joelho.

No entanto, o problema da gagueira tornou-se muito sério devido ao fato de Albert (chamado de Bertie pelos íntimos) pertencer à realeza britânica, e por isso, tinha a necessidade de fazer discursos com frequência. Apesar de já ter passado por diversos médicos, ele nunca havia conseguido resultados positivos e eficazes. O filme teve início com a cena do discurso que ele

proferiu no encerramento da *British Empire Exhibition*, em 1925, no Estádio de *Wembley*, o qual foi considerado um fracasso devido a sua dificuldade em pronunciar as palavras.

Diante desses acontecimentos, sua esposa Elizabeth, diante do problema do marido, saiu novamente à procura de um médico que pudesse auxiliar na cura da gagueira de Albert e encontrou Lionel Logue, um terapeuta da fala que usava métodos considerados diferentes dos convencionais. O primeiro encontro entre Albert e Logue ocorreu no dia 19/10/1926 no consultório de Logue, por exigência do próprio terapeuta. A estratégia utilizada por esse terapeuta foi a de fazer com que Albert identificasse a origem psicológica de sua gagueira e adquirisse autoconfiança para cumprir os desafios de sua vida. No entanto, Logue trouxe como exigência a necessidade de que seu relacionamento com um membro da realeza não se restringisse às formalidades consideradas necessárias entre um monarca e um súdito. Ali, a relação era entre terapeuta e paciente.

Os desafios de Albert estavam apenas no início. Em 20 de janeiro de 1936, seu pai, o Rei George V morreu e seu irmão mais velho subiu ao trono como Rei Edward VIII. Porém, por estar envolvido com uma mulher divorciada por duas vezes, Edward abdicou do trono temendo uma crise constitucional, o que transformou Albert em Rei George VI. A coroação ocorreu no dia 12/05/1937, com seu primeiro pronunciamento como Rei.

Com isso, fica claro que o filme comercial/ artístico não tratou apenas das dificuldades da fala de um Rei, mas trouxe também, a consolidação da amizade entre dois homens e diversos exemplos de superação na vida de um dirigente monarca. O filme foi indicado em 14 categorias do *Bafta* (uma versão inglesa do ‘*Oscar*’), dos quais recebeu 07 prêmios e 04 *Oscars*, sendo eles: melhor filme, melhor diretor, melhor ator (para o ator do personagem do Rei) e melhor roteiro original.

Em sua atuação como o Rei George VI, Albert enfrentou momentos de grande tensão durante a segunda guerra mundial e o impacto dessa guerra sobre sua saúde foi incalculável. Foi sucedido por sua filha, a atual rainha Elizabeth II, que, ao assistir ao filme comercial/ artístico, declarou ter ficado emocionada pela interpretação que *Colin Firth* fez de seu pai.

No Quadro 4 apresentam-se os principais fragmentos das cenas/ discursos extraídos do filme comercial e as bases para a análise desses discursos.

Quadro 4 Fonte de Evidência Principal: Filme comercial ‘O Discurso do Rei’	
Fragmentos dos Discursos / Cenas	Bases para a Análise dos Discursos
# 1 - Tempo: 00:05:24 a 00:07:04 Cena 2 – A tentativa pela abordagem clássica Em 1934, Albert (Duque de York) se submeteu a um tratamento. Sete bolinhas de vidro lhe eram oferecidas para que as colocasse na boca. Segundo o especialista, seria uma abordagem clássica que curou Demóstenes. O especialista pediu que Albert lesse “Uma riqueza de palavras”. O Duque não conseguiu pronunciar nada com as bolinhas na boca. “Lute com as bolinhas. Enuncie”, mais concentração, recomendava o especialista. Albert quase engoliu as bolinhas, ficou irritado e foi embora.	Demonstração de força de vontade e interesse em curar-se. Dedicção e respeito de Albert quanto à sua posição.
# 2 - Tempo: 00:17:52 a 00:29:16 Cena 9 – O primeiro encontro entre o Duque de York e o terapeuta da fala O Duque chegou ao consultório de Lionel Logue. Em seguida Logue pediu que ele entrasse. Albert entrou observador, sem dizer nada. Apenas observava o ambiente em silêncio. Logue indicou ao Duque se sentasse no sofá e pediu que escolhesse o assunto da conversa. Antes de dizer algo, Albert foi impedido pela gaguez e avisou que quem esperasse por ele para iniciar uma conversa esperaria bastante. Logue perguntou-lhe se conhecia alguma piada e, gaguejando, o Duque disse que não sabia a hora de falar as coisas. O Duque perguntou se Logue não iria começar o tratamento, ao que responde que somente quando o Duque estivesse interessado em ser tratado. Logue disse que preferia ser chamado pelo seu nome e o Duque respondeu que preferia chamá-lo Doutor. Logue perguntou como o Duque queria ser chamado, ao que respondeu: Vossa Alteza, seguido de Senhor. Logue tentou mostrar-lhe o quão seria desnecessária a formalidade, preferindo nomes. O Duque sugeriu ser chamado Príncipe Albert Frederick Arthur George. Logue sugeriu Bertie. O Duque disse que somente sua família o chamava assim. Lionel afirmou sua preferência de que, no consultório, fossem iguais. O Duque respondeu que se fossem iguais, ele não estaria ali no consultório, estaria em casa com a esposa e ninguém daria importância alguma. O Duque tentou acender um cigarro e Logue pediu-lhe para que não fizesse aquilo. Respondeu que, segundo seus médicos, aquilo relaxava a garganta. Logue disse que eram todos idiotas. Albert prosseguiu: são todos nomeados cavaleiros. Logue finalizou: idiotas oficiais. Meu castelo, minhas regras. Prosseguiu perguntando ao Duque qual foi sua primeira lembrança. O Duque não entendeu a pretensão de Logue e avisou que não foi ali discutir questões pessoais. Logue indagou-lhe por que foi. Gritando, ele respondeu: porque gaguejo, sempre foi assim, ao que Logue disse duvidar. O Duque disse que a gagueira era dele e Logue respondeu que esse era seu campo, afirmando que nenhuma criança começa a falar gaguejando. Insistiu no quando a gagueira do Duque começou. Ele cedeu dizendo que foi com 4 ou 5 anos e que não se lembrava de não gaguejar. Logue perguntou se ele hesitava ao pensar, ou se gaguejava falando consigo mesmo, chamando-o de Bertie. O Duque pediu para que não o chamasse assim, do contrário não conversaria e respondeu que não. Logue respondeu-lhe que isso demonstrava que o problema não era parte permanente dele e apostou um <i>Xelim</i> para o Duque ler um trecho de um poema de Shakespeare, afirmando que, se perdesse, o Duque não precisaria voltar às consultas. O Duque se recusou e Logue disse que ele lhe devia um <i>Xelim</i> por não tentar. O Duque começou gaguejando: “Ser, ou não ser...” e desistiu... Logue disse que ainda não terminou e lhe devolveu o poema, mostrando sua nova tecnologia (um Silvertone) que gravaria a voz do Duque enquanto lesse o poema. Ofereceu-lhe os fones de ouvido e aguardou a leitura. O Duque pôs os fones nos ouvidos e reclamou da música (Mozart). Sem ouvir a própria voz, o Duque iniciou a leitura. Logue aguardou, até que o Duque desistiu. Logue disse que foi sublime. O Duque não queria sequer ouvir a gravação, dizendo que aquilo não era para ele e agradecendo a Logue pelo tempo despendido. Num cumprimento deu adeus, recebendo de Logue a gravação em disco. Na sala de espera o Duque olhou para a esposa com ar de frustração.	Resistência de Albert quanto à eficiência no tratamento. Agressividade na fala de Albert. Uso de Metáfora por parte de Logue para acertar as regras do tratamento. Tentativas de Logue para conhecer o perfil de Bertie Observação de Logue que o desafio trazia efeitos positivos para sua forma de tratar. Assertividade na fala de ambos.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa – continua...	

Quadro 4 – continuação... Fonte de Evidência Principal: Filme comercial ‘O Discurso do Rei’	
Fragmentos dos Discursos/ cenas	Bases para a Análise dos Discursos
# 3 - Tempo: 00:29:27 a 00:32:52 Cena 10 – Mensagem de Natal do Rei George V Em 1934, o Rei George V fez sua transmissão de Natal em tempo real. Albert o observava atentamente. Ao terminar, o Rei George V disse: “É fácil quando se sabe fazer”, direcionando sua fala a Albert. Em seguida, disse: “Tente fazer”, oferecendo sua cadeira para Albert sentar-se frente ao microfone. “Postura, endireite as costas! Encare a coisa com audácia e olhe bem nos olhos dela como qualquer inglês decente. Mostre quem manda.” Albert respondeu: “Pai, acho que não consigo ler” e seu pai respondeu: “Esse aparelho demoníaco mudará tudo se não o fizer. No passado, um Rei só precisava parecer respeitável de uniforme e não cair do cavalo. Agora, invadimos a casa das pessoas e caímos nas graças delas. Esta família foi reduzida às criaturas mais baixas, rasas. Nós nos tornamos atores”. Albert respondeu: “Não somos uma família, somos uma firma”. O pai continuou: “A qualquer momento, alguns de nós podem ficar desempregados. [...] Com seu irmão furtando-se aos deveres, você terá de fazer muito mais disto aqui. Tente você”. Albert então se preparou e começou a tentativa de repetir o discurso que o pai acabara de fazer e, à medida que hesitava, o pai fazia interferências dizendo para ele falar devagar, com cuidado, ficar relaxado... até perder a paciência e gritar.	Relação de cobrança e exigência por parte do pai. Persistência de Albert e interesse em melhorar, apesar das dificuldades. Silêncios discursivos observados em Albert.
# 4 - Tempo: 00:32:53 a 00:34:25 Cena 11 – Em reflexão no sofá Albert relaxava deitado no sofá de sua casa, fumando, e ouvindo uma música em um disco. Levantou falando: “mentiroso, desgraçado”. Procurou o disco com sua gravação feito no consultório de Logue. A esposa o observava na porta, ouvia a gravação e demonstrava ficar surpresa com o que ouvia. Ele havia lido o poema sem gaguejar.	Consciência de Albert quanto à possibilidade de cura.
# 5 - Tempo: 00:34:26 a 00:36:22 Cena 12 – Retorno ao consultório de Lionel e início do tratamento No consultório de Logue o casal real conversava a respeito do tratamento. Albert disse: “Apenas negócios, sem tolices pessoais”. Logue esclareceu que exercícios físicos ajudavam, mas tratavam o problema superficialmente. Albert disse que estava determinado a trabalhar duro, chamando-o de Doutor. Logue o corrigiu pedindo para ser chamado de Lionel. Albert perguntou se ele estava disposto a fazer a parte dele, explicando que faria exercícios mecânicos para relaxar a mandíbula e fortalecer a língua. Comentou que a barriga dele era flácida e que precisariam fortalecer seu diafragma: “Tudo isso por um <i>Xelim</i> ”. Albert gritou com ele: “Esqueça o bendito <i>Xelim</i> !” e complementou: “Talvez, em algumas ocasiões, seja solicitada a sua ajuda para lidar com algum evento pequeno, você estaria disposto?” Logue concordou. Enquanto Albert se preparava marcando o encontro para a semana seguinte, Logue o interrompeu dizendo que se encontrariam todos os dias. Eles iniciaram o tratamento.	Assertividade na fala de ambos. Contrato de parceria / trabalho. Humildade de Albert ao retornar ao consultório de Logue. Demonstração de interesse de Albert em fazer sua parte pelo sucesso do tratamento.
# 6 - Tempo: 00:45:39 a 00:56:04 Cena 21 – Uma conversa entre amigos Logue datilografava algo enquanto ouvia no rádio o pronunciamento sobre a morte do monarca, o Rei George V. [...] Alguém batia à porta e Logue achou que era um paciente fora do horário. Deparou-se com Albert e ficou surpreso. Albert perguntou se o estava incomodando e Logue disse que não. Ao entrar, Albert recebeu as condolências de Logue e começou a andar pelo escritório. Logue lhe ofereceu um leite, mas ele disse que queria algo mais forte. Enquanto brindavam à memória do Rei George V, Albert disse para Logue que as últimas palavras de seu pai foram: “Bertie tem mais coragem do que todos os outros irmãos juntos”. Ele gaguejou um pouco e Logue tentou fazer com que contasse o que queria, cantando. Albert se recusou por mais de uma vez. Eles entraram no assunto da sucessão de Edward e	Estabelecimento dos vínculos profissional e de amizade entre Albert e Logue, necessários para o sucesso do tratamento. Evidências da coragem de Albert.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa – continua...	

Quadro 4 – continuação... Fonte de Evidência Principal: Filme comercial ‘O Discurso do Rei’	
Fragmentos dos Discursos/ cenas	Bases para a Análise dos Discursos
Albert disse estar aliviado por não ser ele o Rei. Os dois começaram uma longa conversa e Albert falou de sua infância, dos problemas de saúde que o afligiram, da babá que o maltratava, do problema de seu joelho e da morte de seu irmão mais novo com epilepsia. À medida que falava sobre os problemas, gaguejava e Logue o orientava a falar cantando. Albert falou de que nunca havia se aproximado de um cidadão comum antes, como ocorria naqueles momentos com Logue.	
# 7 - Tempo: 01:00:58 a 01:02:32 Cena 25 – Bertie no consultório de Lionel após discussão com o irmão David Bertie reclamou que ficou sem ação, gaguejando. Logue o questionou perguntando por que ele gaguejava diante do irmão. Albert entendeu que Logue queria falar sobre o irmão. Logue alertou que, quando “praguejava” ou ficava irritado, Albert não gaguejava e então o insultou até que ele falasse vários palavrões. Logue o convidou para um passeio ao ar livre. Albert hesitou de início, mas aceitou a proposta.	Incitado por Logue, nova tomada de consciência de Albert a respeito de fatores que influenciavam sua gagueira.
# 8 - Tempo: 01:08:03 a 01:09:23 Cena 30 – Conversa com Churchill sobre questões políticas e o Reinado de David Churchill disse a Albert que o parlamento não apoiaria o casamento de Edward, mas havia outras razões para se preocupar. Edward negligenciou documentos oficiais, faltou a compromissos e havia quem se preocupasse com a posição dele perante os feitos de Hitler quando começasse a guerra contra a Alemanha. Albert demonstrou preocupação, espantando-se com a situação. Churchill argumentou que a guerra era iminente e que eles precisavam de um Rei que os ajudasse a permanecer unidos. Bertie disse que temia que o irmão não estivesse com perfeita saúde mental naquele momento. Churchill perguntou: “já sabe como irá se intitular?” Gaguejando, Albert não conseguiu responder. Churchill argumentou que Albert era muito Germânico e sugeriu: “Que tal George? George Sexto dá uma continuidade marcante, não acha?” Albert, visivelmente emocionado e preocupado, sinalizou com a cabeça, em concordância.	Tomada de consciência de Albert sobre as mudanças necessárias para salvar a monarquia e o reinado. Aceitação da coroa e da responsabilidade.
# 9 - Tempo: 01:14:31 a 01:16:33 Cena 30 – O choro de Bertie Elisabeth encontrou o marido no escritório mexendo em documentos. Ao encontrá-lo, ele comentou sobre uma lista de coisas que estava fazendo. Disse que estava tentando se familiarizar com as palavras, falou das finanças de Edward, da necessidade de um discurso de Natal, do qual comentou que seria um erro e da cerimônia de coroação, acreditando que seria um erro maior ainda e começou a chorar dizendo: “Não sou Rei. Sou um oficial naval. Não sou Rei. Não sou Rei. Sinto muito”. A esposa interagiu negando suas afirmações, mostrando-lhe carinho, amor e companheirismo.	Demonstração de medo de Albert diante dos desafios futuros. Certeza de relações na comunicação do casal.
# 10 - Tempo: 01:16:45 a 01:21:23 Cena 37 – O reencontro entre Bertie e Lionel após uma discussão Após discussão com Albert, Logue o atendeu à porta de seu consultório dizendo: “Se esperar um Rei se desculpar, pode-se esperar por muito tempo”. O casal entrou na casa, na qual já há uma mesa posta. Elisabeth sugeriu que os dois fossem conversar em uma sala reservada, onde Albert entrega a Logue o <i>Xelim</i> devido da aposta anterior, desculpando-se e aceitando as desculpas de Logue. Albert completou: “Então, aqui estou eu. A nação está pronta para dois minutos de silêncio no rádio? Se eu faltar com meus deveres, David pode voltar. Vi os reclames. Deus abençoe o Rei. Não se referem a mim. Todo monarca na história sucedeu alguém que morreu ou estava para morrer. Meu predecessor está vivo, e como está vivo. É uma grande confusão. Não deu a eles nem um discurso de Natal”. Albert ainda falou dessa tradição de seu pai. Logue disse que o pai dele não estava mais ali, nem seu irmão. “Não precisa temer as coisas que temia aos cinco anos”. (Albert respirou aliviado). “Você é dono de si mesmo, Albert”. Logue guardou o <i>Xelim</i> no bolso dizendo: “O seu	Albert demonstra humildade ao desculpar-se com Logue. Albert fala de seus medos para o futuro, quando for coroado o Rei da Inglaterra. Empatia e descoberta de Albert de que pode ser ele mesmo.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa – continua...	

Quadro 4 – continuação... Fonte de Evidência Principal: Filme comercial ‘O Discurso do Rei’	
Fragmentos dos Discursos / Cenas	Bases para a Análise dos Discursos
<p>rosto é o próximo amigo”. Logue ficou sem saber o que fazer quando sua esposa chegou em casa. Albert não entendeu seu comportamento. Logue confidenciou que não havia contado a esposa sobre eles. Albert disse que ele estava sendo covarde e tomou a iniciativa de abrir a porta para encontrar Myrtle e Elisabeth. A esposa de Logue ficou sem ação.</p>	
<p># 11 - Tempo: 01:23:33 a 01:30:00 Cena 39 – O ensaio para a coroação Albert questionou Logue pela falta de diploma dizendo que lhe havia pedido confiança e total igualdade. Logue respondeu: “É verdade, não sou médico [...]. Eu recitei em bares, ensinei elocução em escolas. Quando a grande guerra começou, nossos soldados retornaram, muitos deles em choque, sem poder falar. Alguém disse: você é bom com a coisa da fala, pode ajudar? Fiz terapia muscular, exercícios, relaxamento, mas não era suficiente. Esses pobres jovens tinham gritado de medo. Ninguém os ouviu. Meu trabalho era fazê-los ter fé em suas próprias vozes e deixá-los saber que um amigo estava ouvindo. Essa carapuça devia servir em você, Bertie. Não tenho um certificado. Não tinha treinamento naquela época. Tudo o que sei é por experiência. E aquela guerra foi uma experiência e tanto. A placa diz: L. Logue, problemas da fala. Não diz médico. Não tenho carta de recomendação”. Albert falou que seria conhecido como George Sexto, o gago. Virou-se e viu Logue sentado em uma cadeira/trono e ficou bastante nervoso. Logue o provocou perguntando se tinha nome na cadeira, deixando-o mais nervoso. Logue disse que não se importava em quantos “imbecis reais” se sentaram naquela cadeira e isso deixou Albert irritado. Logue o provocou perguntando por que precisava ouvi-lo e Albert gritou dizendo: “porque eu tenho voz” e Logue, demonstrando ter conseguido o que queria, disse: “Sim, você tem voz. É tão perseverante, Bertie. É o homem mais corajoso que conheço. Você vai ser um Rei muito bom”. O Arcebispo os interrompeu e disse que achou um profissional inglês com credenciais impecáveis e dispensava os serviços de Logue. Albert o interrompeu perguntando: “Como é? [...] Nesse assunto pessoal, tomarei minha decisão sozinho. Agradeço a preocupação, Arcebispo. Mas a cabeça é minha”. Logue agradeceu e o convidou a ensaiar direcionando o ensaio com senso de humor, sem as formalidades com que sempre tudo foi tratado ali. Albert o observava atentamente.</p>	<p>Certeza de relações entre Albert e Logue.</p> <p>Alinhamento de valores.</p> <p>Superação e tomada de consciência por parte de Albert.</p> <p>Iniciativa de Albert e posicionamento em relação às suas decisões.</p>
<p># 12 - Tempo: 01:34:32 a 01:35:04 Cena 43 – Bertie chama Lionel para o discurso da Guerra Albert, em seu gabinete, recebeu de um assessor o discurso que seria proferido no mesmo dia às 18h, referente ao ingresso da Inglaterra na Segunda Guerra. Foi informado que o discurso poderia durar cerca de 9 minutos e que a transmissão seria ao vivo para a nação, o Império e as Forças Armadas. Ao analisar o discurso escrito, o Rei disse: “Mande chamar Logue imediatamente”, demonstrando angústia e medo.</p>	<p>Confiança na relação.</p> <p>Incerteza diante do novo.</p>
<p># 13 - Tempo: 01:36:14 a 01:38:30 Cena 45 – O ensaio para o discurso da Guerra Logue ouviu atentamente o ensaio de Albert e fez interferências para ajudá-lo nas correções. Disse que pausas longas adicionavam solenidade a ocasiões importantes. Albert respondeu com senso de humor: “Então, eu sou o Rei mais solene que já existiu”. [...] Logue o convidou a ensaiar mais uma vez, sem reforçar seu medo. Albert voltou a ensaiar e falou alguns palavrões, dançou e cantou, orientado por Logue, na tentativa de extravasar a tensão e melhorar o discurso. Elisabeth entrou na sala e escutou Albert dizer que não conseguia e ser corrigido por Logue de que conseguiria sim. Ela os informou que estava na hora. Albert abriu a porta e dirigiu-se à outra sala.</p>	<p>Preparação de Albert facilitada pela amizade, confiança e companheirismo.</p> <p>Postura de liderança.</p>
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa – continua...	

Quadro 4 – continuação... Fonte de Evidência Principal: Filme comercial ‘O Discurso do Rei’	
Fragmentos dos Discursos / Cenas	Bases para a Análise dos Discursos
# 14 - Tempo: 01:38:31 a 01:42:58 Cena 46 – Bertie, com os preparativos, dirige-se à sala do discurso Outros o aguardavam do outro lado: o Arcebispo, o Primeiro-Ministro e Churchill. Albert brincou com eles a fim de descontraí-los. Churchill o acompanhou desejando-lhe boa sorte e confidenciou ao Rei que também teve um problema de fala, de língua presa. Bertie agradeceu pela confiança. Logue e a esposa entraram com ele na sala de transmissão e o ajudaram com os preparativos. Os olhos dele se encheram de lágrimas ao ver o texto do discurso marcado por Logue sinalizando as pausas na fala. Somente com Logue na sala, Albert disse: “Logue, seja lá o que aconteça, não sei como lhe agradecer pelo que fez”. Logue devolveu em tom de brincadeira: “Com um título de nobreza?” Os dois se entreolharam e Logue disse: “Esqueça tudo e fale comigo, fale com um amigo”. Foi dado o sinal para que o discurso fosse proferido.	Certeza de relações. Senso de humor ao comunicar-se. Coragem. Cumplicidade e amizade na relação entre terapeuta e paciente, entre os amigos.
# 15 - Tempo: 01:42:59 a 01:48:10 Cena 47 – O discurso do Rei Após hesitar por alguns instantes, o Rei começou o discurso. Enquanto o proferia, eram apresentadas cenas de toda a nação atenta ao que era dito: “Neste momento, talvez o mais fatídico da nossa história, eu envio a cada casa dos meus povos, tanto em casa, quanto além mar esta mensagem falada com a mesma profundidade de sentimento a cada um de vocês como se eu pudesse cruzar suas soleiras e falar a vocês pessoalmente. Pela segunda vez na vida da maior parte de nós estamos em guerra. Diversas vezes tentamos encontrar uma solução pacífica para as diferenças entre nós e aqueles que agora são os nossos inimigos. Mas foi tudo em vão. Fomos forçados a um conflito, pois somos chamados a enfrentar o desafio de um princípio que, prevalecendo seria fatal a qualquer ordem civilizada no mundo. Tal princípio, despido de qualquer disfarce é sem dúvida a mera doutrina primitiva que diz que a força é o direito. Pelo bem daquilo que nós mesmos amamos é impensável recusarmo-nos a enfrentar o desafio. É por esse propósito elevado que eu agora chamo o meu povo em casa e meus povos além mar que tomarão a nossa causa como sua. Eu peço a eles que permaneçam calmos, firmes e unidos neste momento de provação. A tarefa será dura. Podem haver dias sombrios pela frente, em que a guerra não poderá mais ser confinada ao campo de batalha. Mas podemos apenas fazer o que é certo, quando esses dias se apresentarem. E reverentemente entregar nossa causa a Deus. Se todos nos mantivermos unidos decididamente leais a ela, daí então, com a ajuda de Deus nós triunfaremos”. Logue disse: “Foi excelente, Bertie”, gaguejou no “w”. O Rei lhe respondeu: “Eu tinha de gaguejar um pouco para eles saberem que era eu”. Os dois sorriram.	Certeza de relações, confiança e amizade. Superação e reconhecimento.
# 16 - Tempo: 01:48:11 a 01:49:51 Cena 48 – Congratulações e reconhecimento Ao sair da sala de transmissão, Albert foi aplaudido e felicitado por todos. Ele andou com orgulho até seu gabinete para tirar a tradicional foto dos discursos. Disse a Logue: “Espero ainda ter que fazer muito mais, obrigado, Logue. Bom trabalho, meu amigo”. Logue lhe agradeceu e brincou com ele, chamando-o de vossa majestade. Elisabeth entrou na sala e foi recebida com sorriso pelo Rei. Ela disse que sabia que ele se sairia bem e o beijou. Olhou para o lado e agradeceu a Logue, chamando-o de Lionel.	Segurança e orgulho de Albert. Reconhecimento a Logue pelo trabalho e amizade.
# 17 - Tempo: 01:49:52 a 01:51:30 Cena 49 – Trabalho cumprido Albert demonstrou muita satisfação e dirigiu-se às filhas perguntando como ele havia se saído. Diante dos elogios sorriu abertamente, aliviado. Sua esposa o observava com alegria. Procurou Logue com o olhar que consentiu com ele. Com sua esposa e as filhas ele foi à sacada para acenar ao público. Logue o observou com orgulho. A multidão do lado de fora acenou para o Rei. Sua fisionomia era de alívio e de satisfação pelo trabalho cumprido.	Ambos cumprem suas missões. Albert sente-se preparado para o futuro.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa	

Após a apresentação dos fragmentos dos discursos extraídos do filme comercial/ artístico, na sequência, abordam-se os fragmentos dos discursos extraídos do filme documentário, considerado importante fonte de evidência auxiliar para esta pesquisa.

4.2.O filme documentário - Contexto do estudo

O filme documentário, lançado em 11 de novembro de 2011, versa sobre a verdadeira história da relação entre o Rei George VI e de seu terapeuta da fala, o australiano Lionel Logue. Nesse documentário constam informações provenientes do acesso às cartas entre o Rei e o terapeuta, bem como entrevistas com ex-pacientes de Logue e com os principais historiadores do Rei George VI, de Edward VIII e da rainha-mãe Elizabeth.

Com riqueza, o filme documentário fornece detalhes sobre a relação de trabalho entre o terapeuta e seu paciente real, revelando os métodos e técnicas empregadas por Logue para auxiliar na cura de seus pacientes. Além desses detalhes, consta também nesse documentário, o papel que a rainha Elizabeth teve na vida do Rei e na sua superação da dificuldade em falar.

Com cenas reais, o filme documentário contrastou também, discursos do Rei George VI com os de seu irmão, Edward VIII, cada um com seu estilo de liderança e de expressão. A partir desses discursos e de diversos relatos, esse filme expôs as relações existentes na família real e, não deixou de abordar alguns detalhes da relação de George VI com seu pai, o Rei George V que foi o primeiro Rei a falar no rádio para seus súditos.

O ato de falar aos súditos pelo rádio, em tempo real, foi considerado um momento importante na história britânica, haja vista as questões políticas da época, como a depressão econômica e a instabilidade global, que exigiu da monarquia destreza em lidar com os meios de comunicação em massa (até então nada comum) e em comunicar liderança e confiança diante do povo.

No Quadro 5, apresentam-se os principais fragmentos das cenas e dos documentos extraídos desse filme documentário.

Quadro 5 Fonte de Evidência Auxiliar: Filme Documentário <i>'The King Speak' – The true story behind the film'</i>	
Fragmentos das cenas e dos documentos	Bases para a Análise do Documento
08min15seg. – George V - O contexto de um rei relutante Albert foi apresentado, um homem com aparência cansada e com dificuldades em proferir seu discurso, devido sua gagueira. A narração do documentário argumentava que Albert aparentava tal cansaço porque já havia passado por oito terapias da fala. Exaurido, já não acreditava mais que conseguiria proferir um discurso sem constrangimentos.	Cenas reais de um discurso tímido e de difícil entendimento. Imagens de uma pessoa cansada.
10min47seg. – Lionel Logue, o terapeuta da fala São apresentados alguns dos ex-pacientes de Logue: George Metcalfe, Nicolas Mosley e Stephen Druce. Eles o descreveram como um profissional muito simpático, cuidadoso, cavalheiro e receptivo que, mesmo não tendo a qualificação de médico, aprendeu naturalmente a técnica da terapia da fala.	Ex-pacientes falavam com alegria do terapeuta. Biógrafos confirmaram a falta de qualificação formal de Lionel Logue.
11min35seg. – Os ex-pacientes de Lionel Logue Os três ex-pacientes de Logue demonstravam os principais exercícios que Logue orientava que eles fizessem. Todos repetiam os exercícios de maneira descontraída e agradável, demonstrando entendimento da técnica utilizada.	São demonstrados os exercícios passados por Logue para melhorar o diafragma e a dicção.
16min42seg. – A morte do Rei George V O documentário apresenta a notícia da morte do Rei George V, pai de Albert.	Cenas reais da população acompanhando o cortejo.
17min00seg. – A posse e a renúncia do Rei Edward III, irmão de Bertie A narração do documentário apresenta o príncipe David, como um <i>playboy</i> que diante da morte do pai assumiu o Reinado. De fácil comunicação, acabava conquistando a simpatia das pessoas. Era extremamente extrovertido. Envolveu-se com uma mulher já divorciada por 2 vezes – Wallis Simpson – e, devido à reprovação do governo, preferiu a renúncia.	São apresentadas fotos de Wallis Simpson e David (Edward).
20min45seg. – A coroação do Rei George VI No documentário, são apresentadas as cenas reais dos preparativos e da própria cerimônia da coroação do Rei George VI. São narrados os momentos de ensaios feitos por Albert e Logue e comentou-se que o Rei passou por um período de histeria no período que antecedeu à cerimônia.	Apresentam-se a filmagem da cerimônia de coroação do Rei George VI e parte dos preparativos para tal cerimônia.
22min00seg. – O discurso da posse Foi apresentada uma foto com o áudio do discurso da posse do Rei George VI. O discurso já apresentava melhor fluidez e segurança por parte do Rei. Comenta-se no documentário que a mídia e os súditos perceberam tal melhoria.	Após o discurso em áudio, há comentários a respeito da melhoria na forma de pronunciamento do Rei.
29min43seg. – O discurso de Natal O documentário trouxe o discurso de Natal proferido pelo Rei George VI. Foi apontada outra melhoria em sua pronúncia e em sua forma de expressar-se, diante do microfone, aos súditos.	Relatos e narrativas de que o tratamento com Lionel Logue trouxe melhoria em sua forma de expressar-se.
40min14seg. – A iminência da Segunda Guerra para a Nação Surgiram cenas das ruas da cidade com o povo preparando sua proteção diante da ameaça da guerra. Há fotos de George VI com Churchill e sua fisionomia exausta diante da situação. A narrativa apresenta um Rei 'atormentado' diante dos desafios enfrentados, uma vez que a decisão de entrar na guerra ou permitir os avanços de Hitler estava sob sua cabeça e havia a preocupação com o discurso que teria que fazer à nação e da repercussão de sua decisão.	O documentário mostra a preparação dos moradores da cidade para a guerra e traz informações sobre o Rei e sua preocupação com a nação.
44min03seg. – A Mensagem de Natal do Natal de 1944 O documentário fez referência à mensagem de Natal do ano de 1944 e da perseverança que o Rei apresentava em um breve cessar fogo. Pedia paciência e desejava a todos, força e entendimento.	Em uma breve mensagem, verifica-se a força e o peso do discurso de George VI para a nação.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa – continua...	

Quadro 5 – continuação Fonte de Evidência Auxiliar: Filme Documentário <i>'The King Speak' – The true story behind the film;</i>	
Fragmentos das cenas e dos documentos	Bases para a Análise do Documento
45min30seg. – Discurso feito após a guerra, em formato de cinejornal O documentário foi finalizado com um discurso que o Rei George VI proferiu em 04 de maio de 1945 com gravação feita em áudio. Falava de agradecimento e gratidão àqueles que lutaram pela nação e pedia o mesmo aos demais súditos com relação aos que lutaram na guerra.	Mostra de abatimento físico e de discurso proferido sem sinais de gagueira e com muita segurança.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa	

Tendo sido apresentados os fragmentos dos discursos extraídos do filme documentário, na sequência, apontam-se os fragmentos dos discursos extraídos da obra literária biográfica, considerada, também, importante fonte de evidência auxiliar para esta pesquisa.

4.3.A obra literária biográfica - Contexto do estudo

A obra literária biográfica foi lançada em 2011 e escrita por *Peter Conradi* e *Mark Logue*, neto de Lionel Logue. Foi baseada exclusivamente nos diários e cartas trocadas com o Rei, deixadas por Logue, cuidadosamente arquivadas por ordem cronológica. Os autores complementaram a riqueza do material deixado por Logue consultando os registros dos diários reais deixados pelo monarca George VI.

Nesse livro, os autores falam de amizade e cumplicidade estabelecidas entre o Rei e seu terapeuta. Desde o início do tratamento, quando Albert ainda era ‘apenas’ conhecido como Duque de York, irmão do futuro Rei Edward, até a necessidade em manter Logue ao seu lado durante os discursos, foi mostrado o apoio e auxílio para que a imagem de Albert, como Rei, se mantivesse majestosa.

O livro serve de referência histórica, uma vez que foi organizado de forma a trazer trechos importantes da vida de cada personagem presente no período que envolveu a história da Monarquia Britânica, desde o nascimento de Albert até sua morte, em fevereiro de 1952 aos 56 anos de idade. Em paralelo, resgatou também a história da família Logue, até a morte de Lionel Logue, em abril de 1953, aos 73 anos de idade e pouco tempo após a morte do Rei George VI.

Por fim, constam no livro, fotos reais dos acontecimentos ali narrados e, transcritos extraídos diretamente dos diários e cartas trocadas entre Lionel Logue e o Rei George VI. Nesses trechos, constam as narrações dos acontecimentos, relatos de sentimentos pessoais e as sensações experimentadas por cada um deles. No Quadro 6 apresentam-se os principais fragmentos dos discursos extraídos da obra literária biográfica.

Quadro 6 Fonte de Evidência Auxiliar: Obra Literária Biográfica ‘O Discurso do Rei – Como um Homem salvou a Monarquia Britânica’	
Fragmentos dos Discursos	Bases para a Análise do Conteúdo
12/05/1937 – Discurso do dia da Coroação “É com muita felicidade que lhes falo esta noite. [...] Não posso encontrar palavras para lhes agradecer seu amor e sua lealdade à rainha e a mim... Só direi o seguinte: que, nos anos vindouros, se eu puder mostrar minha gratidão servindo-os, essa é a maneira, acima de todas as outras, que escolherei. A rainha e eu manteremos sempre em nossos corações a inspiração deste dia. Que possamos ser dignos da boa vontade que, sinto orgulho de pensar, nos cerca, no início do meu Reinado. Agradeço-lhes do fundo do meu coração, e que Deus abençoe a todos!” (p. 26).	O Rei apresenta honradez, humildade, gratidão, bondade e bênção ao proferir o discurso de sua coroação.
25/12/1937 – Discurso de Natal “Muitos de vocês se lembrarão dos pronunciamentos de Natal de anos anteriores, quando meu pai falava a seus povos, em casa e além-mar, como o venerável chefe de uma grande família [...] Suas palavras levaram felicidade aos lares e aos corações de ouvintes em todo o mundo [...]”. Sobre os pronunciamentos anteriores de seu pai o Rei George V: “[...] Não posso aspirar ocupar o seu lugar e nem acredito que vocês desejariam que eu mantivesse, imutável, uma tradição tão pessoal para ele”. (pp. 164-165).	Apresenta-se um discurso de respeito à memória do pai, honradez e humildade diante de seus súditos.
03/09/1939 – Discurso Início da Guerra “Nesta hora solene, [...] envio a todos os lares dos meus povos, tanto em casa quanto além-mar, esta mensagem, dita com a mesma profundidade de sentimento com relação a cada um de vocês, como se eu fosse capaz de transpor seus portais e falar-lhes de corpo presente. Pois somos chamados, com nossos aliados, a enfrentar o desafio de um princípio que, se prevalecesse, seria fatal para qualquer ordem civilizada no mundo. [...] Esta é a questão última que nos confronta. Pelo bem de todos a quem queremos bem, e pela ordem e paz do mundo, é impensável que devêssemos nos recusar a enfrentar o desafio. [...] Peço-lhes que se mantenham calmos, firmes e unidos nestes tempos de provação. A tarefa será difícil. Talvez tenhamos dias obscuros pela frente, e a guerra já não pode ser confinada ao campo de batalha. Mas nós só podemos fazer o que é certo quando vemos o que é certo e com reverência entregamos nossa causa a Deus. Se nos mantivermos todos resolutamente fiéis a ela, prontos para qualquer serviço ou sacrifício por ela exigido, então, com a ajuda de Deus, venceremos. Que a todos nós Ele abençoe e proteja”. (pp. 192-193).	O Rei passa uma mensagem consistente de comprometimento, respeito, empatia, honradez, coragem e dá sua bênção ao povo, desejando-lhes serenidade diante do período que se inicia.
25/12/1939 – Discurso de Natal “[...] Um novo ano se aproxima. Não sabemos o que trará. Se trouxer paz, seremos todos muito gratos. Se trouxer a continuação da luta, permaneceremos sem medo. [...] Poema: “Deus Sabe”, Minnie Louise Haskins, publicado em 1908: “Eu disse ao homem que se postava ao portal do ano: ‘Dê-me uma luz para que eu possa caminhar com segurança pelo desconhecido.’ E ele respondeu: ‘Adentra a escuridão e põe tua mão na Mão de Deus. Será para ti	Diante dos últimos acontecimentos, o Rei passa em seu discurso ao povo, uma mensagem de perseverança, realismo e sensibilidade.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa – continua...	

Quadro 6 – continuação... Fonte de Evidência Auxiliar: Obra Literária Biográfica ‘O Discurso do Rei – Como um Homem salvou a Monarquia Britânica’	
Fragmentos dos Discursos	Bases para a Análise do Conteúdo
melhor que luz e mais seguro que um caminho conhecido’. Possa essa Toda-Poderosa Mão a todos nós guiar e manter.” (pp. 197-198).	
24/05/1940 – Discurso do Dia do Império “[...] O mal, que sem cessar e com toda a honestidade de propósitos nos empenhamos em evitar, caiu sobre nós.” [...] Não se trata de mera conquista territorial o que buscam nossos inimigos. Trata-se da derrubada, completa e definitiva, deste Império e de tudo o que ele representa e, depois, da conquista do mundo [...].” (pp. 203 e 204).	Mensagem que reforça o senso de realismo e sinceridade, apresentados por George VI.
25/12/1942 – Discurso de Natal “Em nossa festa de Natal hoje, faltam muitas das coisas felizes e familiares que nela sempre estiveram presentes desde a nossa infância [...] É uma mensagem de gratidão e esperança – de gratidão ao Todo-Poderoso por Sua grande misericórdia, de esperança pelo retorno da paz e da boa vontade a esta terra”. [...] Encerrou o discurso com uma história contada por Abraham Lincoln, a respeito de um garoto que carregava morro acima uma criança bem menor. “Ao ser perguntado se o pesado fardo não era demasiado para ele, o menino respondeu: ‘Não é um fardo, é meu irmão.’” (p. 213).	Na mensagem de Natal, o Rei apresenta em seu discurso, características de honradez, sensibilidade, respeito, bênção, fé, perseverança.
06/06/1944 – Discurso do Dia “D” “O espírito do povo, resoluto e dedicado, inflamou-se sem dúvida como uma chama brilhante, vinda de um daqueles fogos invisíveis que ninguém pode extinguir. [...] Uma vez mais, o que se exige de todos nós é algo além da coragem, além da resistência” [...] Encerrou citando o versículo 11 do Salmo 29: “O Senhor dará força a seu povo; o Senhor abençoará seu povo com paz.” (pp. 223-224).	Apresentam-se evidências de realismo, coragem, reconhecimento, fé e perseverança.
25/12/1944 – Discurso de Natal “Se olharmos para aqueles primeiros dias da guerra, podemos certamente dizer que a escuridão fica menor e menor a cada dia [...] A ansiedade está dando lugar à confiança, e esperemos que antes do próximo Natal a história de liberação e triunfo esteja completa.” (p. 229).	Mais uma vez, observa-se no discurso, palavras de perseverança, determinação, maturidade.
08/05/1945 – Dia da Paz V “Agradecemos hoje ao Deus Todo-Poderoso por uma grande bênção. [...] eu lhes peço que me acompanhem neste ato de gratidão. [...] Na hora do perigo, humildemente entregamos nossa causa nas Mãos de Deus, e Ele tem sido nossa Força e nosso Escudo. Vamos agradecer Suas graças e, neste momento de vitória, nos entregar e a nossa nova liderança a essa mesma e forte Mão.” (pp. 233-237).	O Rei, em sua mensagem, agradece a Deus, e convida seus súditos a fazerem o mesmo, demonstrando fé, humildade, bênção, determinação.
25/12/1951 – Discurso de Natal “Eu mesmo tenho razões para uma profunda gratidão, pois não apenas – pela graça de Deus e por meio da leal competência de meus médicos – superei a doença como também aprendi uma vez mais que é nos tempos ruins que mais valorizamos o apoio e a solidariedade de nossos amigos. Confio em que vocês percebam o quanto suas orações e bons votos ajudaram e ajudam minha recuperação.” (pp. 249-250).	Ficam evidentes características de gratidão, humildade, superação, fé, bênção e respeito, apresentadas na fala do Rei.
Fonte: Elaborado pela autora com informações da pesquisa	

Uma vez apresentados os fragmentos dos discursos extraídos da obra literária biográfica, na sequência, abordam-se a análise e discussão dos resultados apresentados nesta seção.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da apresentação dos dados coletados nesta pesquisa, a discussão dos resultados se deu pelo processo de confrontação entre a análise, pelas estratégias escolhidas, dos dados obtidos e as bases teóricas escolhidas para fundamentar esta pesquisa, nas quais foram abordados os construtos: arte, cinema e linguagem fílmica; comunicação, o sentido do discurso e metáforas.

5.1.O filme comercial

Os dados aqui apresentados para análise foram classificados a partir dos registros em protocolos de observação. A discussão dos resultados decorrente desses dados ocorreu pelo processo de confrontação entre as três fontes de evidências utilizadas nesta pesquisa, conforme apresentadas na seção anterior nos Quadros 4, 5 e 6. Reitera-se que as cenas/fragmentos dos discursos não estão, necessariamente, transcritos na íntegra, mas obedecem à ordem cronológica que consta em cada uma das fontes de evidência. Cabe aqui lembrar que tal discussão também está pautada na contribuição de Godoi (2010) quando tratou sobre os implícitos e os silêncios discursivos na análise de discurso. O Quadro 1, por sua vez, contém os dados da microanálise das cenas do filme comercial, a principal fonte de evidência desta pesquisa.

O estádio em Wembley, Londres estava lotado. O príncipe Albert, conhecido também como Duque de York, olhava para a esposa como quem buscasse ajuda. Passados alguns segundos, a luz de transmissão no microfone da rede BBC já havia dado sinal de que era hora de falar e o Duque, com dificuldade e hesitação, começou a ler o discurso enviado por seu pai, o Rei George V. “Eu recebi... de sua Majestade”, iniciou Albert gaguejando. Seus súditos estavam cabisbaixos e sua esposa tentava conter as lágrimas demonstrando compaixão à situação do marido. A dificuldade de Albert, dentre tantas, foi intensificada com o uso do microfone, sistema de comunicação que estava sendo tratado como novidade entre os dirigentes políticos. A citação referente a esse trecho ajuda no entendimento do que foi abordado por Riascos e Llanos (2012) ao afirmarem que o uso da tecnologia tende a ser um elo entre a comunicação e as novas formas de sentido à realidade.

No contexto organizacional, as dificuldades da vida cotidiana são vivenciadas por todos os trabalhadores. No contexto do filme, Albert, no papel de representante de uma nação, estava diante do microfone, um novo instrumento que ampliava intensamente sua dificuldade em comunicar-se. Destaca-se que na posição de dirigente, é importante que além da visão estratégica, o líder tenha facilidade na comunicação, a fim de que as negociações sejam bem realizadas. Após o fracasso desse discurso que foi proferido no encerramento da Exibição Imperial, Albert fez mais uma tentativa de tratamento para sua gagueira. Uma vez representante de uma nação e conhecido como uma pessoa esforçada, contou com o apoio de sua esposa Elisabeth e submeteu-se a um tratamento que consistia em colocar 07 bolas na boca e tentar falar com elas, a fim de trabalhar a parte mecânica de sua fala, pois era assim que se acreditava ter sucesso no tratamento da gagueira naquela época. Irritado e nervoso diante do fato de quase ter engolido uma das bolinhas, Albert desistiu da técnica que estava sendo experimentada. Entretanto, a necessidade de superar as dificuldades em benefício da nação, prevaleceu em suas decisões.

Levado por sua esposa, após boas referências obtidas sobre o trabalho de Lionel Logue, um terapeuta da fala, Albert foi ao seu consultório em um lugar considerado humilde para um monarca. Com um encontro inicial baseado na falta de confiança na eficiência do tratamento que seria proposto, manteve-se arredo e agressivo diante dos questionamentos propositalmente feitos por Logue. Nesse contexto, reforça-se o que foi alertado por Leite, Freitas, Silva, Oliveira e Silva (2012) quando se referiram à defensividade entre as pessoas enquanto se comunicam, haja vista que, quando superadas tais dificuldades, a comunicação mútua tende a voltar-se para a solução de problemas, em vez de ser direcionada para o ataque entre as pessoas. No entanto, para atingir tal nível de relacionamento, é necessário que se tenha coragem para assumir uma posição menos defensiva e mais aberta. Foi o comportamento apresentado por Logue a todo instante que se deparava com o comportamento ora defensivo, ora agressivo de Albert. A atitude de Logue em envolver Albert, demonstrando-lhe que era possível tratar seu problema, só não teve sucesso na primeira tentativa devido à barreira criada por Albert em não sair de sua posição de defensividade.

No entanto, Logue utilizou recursos importantes em sua forma de conduzir a sessão terapêutica com Albert propondo-lhe um relacionamento menos formal e mais descontraído, o que favoreceria a relação deles para o tratamento da gagueira. Ambos eram assertivos em sua forma de comunicar-se, porém, cada um caminhava de modo diferente nessa direção.

Reforça-se, nesse sentido, o que foi defendido por Rogers (1983) e corroborado por Leite *et al.* (2012, p. 7) sobre a importância da congruência para a eficácia da comunicação, “a partir da consciência de que, o que esteja sendo vivenciado, uma vez presente na consciência, também se faça presente na comunicação”. Elucida-se o esclarecimento feito por Rogers (1999) sobre o conceito de congruência, como a correspondência mais adequada entre a experiência, a consciência e a comunicação.

Discute-se a respeito da relação entre Albert e seu pai, retratada no registro da cena 10 (Quadro 4) desta pesquisa. A preocupação do Rei George V com sua nação, frente aos avanços de Hitler, dentre outras dificuldades daquele dirigente, fez dele um pai severo e apressado em ver a melhoria no desenvolvimento do filho em quem confiava. No entanto, devido às dificuldades de Albert com sua gagueira aumentava o conflito entre os dois. Baseados em uma leitura contemporânea sobre caos e complexidade nas organizações, Leite *et al.* (2012, p. 3) afirmaram que há uma tendência para a “reflexão acerca do propósito, dos princípios, das pessoas, do conceito, da estrutura e da prática organizacional, com base em uma espiral ascendente de complexidade, diversidade, criatividade e harmonia”, a fim de que haja transformação por intermédio da comunicação entre as pessoas.

Entendendo o paradigma da complexidade como algo que pode provocar a criatividade e servir como fonte de inovação, destaca-se a cena 04 (Quadro 4) em que Albert, frustrado com o resultado de sua conversa com o pai e reflexivo com relação à sua situação, resolve ouvir o disco que foi gravado na consulta inicial com Logue e se impressiona com o que escuta: uma voz firme e sem os traços comuns da gagueira que ele estava acostumado. Procura então Logue, inicialmente com algumas resistências, mas demonstra maior confiança na efetividade do tratamento proposto. Essa tomada de consciência descrita por Rogers (1999) aliada ao que foi argumentado por Nascimento (1977) que a higidez do relacionamento interpessoal depende da eficácia dessa comunicação entre as partes envolvidas reforçam e sustentam que a confiança mútua é essencial para a certeza de relações.

Albert decidiu iniciar seu tratamento com o terapeuta da fala, Logue. A confiança entre ambos e a certeza de relações são confirmadas com o que se vê apresentado na cena 21 (Quadro 4) em que, após a morte de seu pai, Albert procurou Logue não como seu terapeuta, mas como um amigo. Essa certeza de relações ficou clara na observação do diálogo que foi estabelecido entre os dois em que Albert confidenciou a Logue detalhes de sua infância que eram

importantes para seu tratamento. As Figuras 3 e 4 demonstram os esforços iniciais de Albert nos exercícios propostos por Logue.



Figura 3 – Exercícios praticados por Albert



Figura 4 – Exercícios praticados por Albert

Fonte: Filme Comercial (2011)

A relação entre terapeuta e paciente já poderia se considerar consolidada. Logue instigou Albert a realizar exercícios diferentes e a cada vez mais livrar-se das formalidades que o rodeavam. Após relatar uma discussão com seu irmão mais velho David, que havia acabado de assumir o trono de seu pai, Albert se queixou do comportamento desse irmão, considerado não compatível com o esperado de um monarca, além de seu envolvimento amoroso o estar desviando dos assuntos políticos. Logue o chamou para um passeio ao ar livre e, após relutar um pouco, ele aceitou. Nesse passeio, conversaram sobre vários assuntos e, ao tocar na possibilidade de suceder o irmão no reinado, Albert ficou muito irritado com Logue, o agrediu verbalmente e comunicou o fim da relação entre eles. No entanto, Churchill o procurou para alertá-lo que a situação política envolvendo seu irmão estava crítica e havia uma insegurança quanto à posição de David perante os avanços de Hitler. O parlamento já havia decidido que não ia apoiar o casamento de David com uma mulher divorciada, o que colocava Albert na linha de sucessão ao trono do irmão que teria de abdicar, se insistisse no relacionamento amoroso em que se encontrava. Churchill sugeriu o nome que ele poderia adotar: Rei George VI. Tornou-se clara e presente a preocupação de Albert com essa situação.

Ao se dar conta da responsabilidade que seria assumida, Albert começou a inteirar-se dos assuntos e atividades administrativas da nação. Em um momento de reflexão com sua esposa, evidenciou fragilidade em sua autoconfiança ao alegar que ele era apenas um oficial, não um Rei e que seria um erro insistir na cerimônia da coroação, além do desafio de um discurso de Natal. Torna-se evidente a cumplicidade existente entre o casal e a certeza de relações entre

ambos, o que reforça as afirmações feitas por Leite *et al.* (2012) quando alertaram que a comunicação mútua permeada pela confiança, tende a voltar-se para a solução de problemas. Sua esposa o auxiliou demonstrando-lhe carinho e companheirismo, resgatando lembranças importantes entre eles e ajudando-o na recuperação de sua autoconfiança, requisito importante para assumir a liderança de uma nação. Observa-se na Figura 5 essa relação entre ambos.



Figura 5 – Conversa entre Albert e Elisabeth
Fonte: Filme Comercial (2011)

Tal certeza de relações foi também demonstrada diante dos últimos acontecimentos políticos que levaram Albert a procurar Logue e a restabelecer a relação entre os dois. Mais uma vez ficou evidente a humildade de ambos e a certeza da higidez do relacionamento. Nessa conversa ficou clara, também, a tomada de consciência de Albert com relação às suas limitações, quando ele disse a Logue, na cena 37 (Quadro 4): “Então, aqui estou eu. A nação está pronta para dois minutos de silêncio no rádio?” e Logue o acolheu dizendo: “Não precisa temer as coisas que temia aos cinco anos. Você é dono de si mesmo [...] o seu rosto é o próximo amigo”, referindo-se à face cravada na moeda de *Xelim* que Albert acabara de entregar para ele como pagamento à aposta feita no primeiro encontro. No entanto, um fato curioso possibilitou a observação de mais um detalhe referente à reciprocidade na relação dos dois, a certeza da relação e a fluidez na comunicação: a esposa de Logue chegou enquanto ele atendia Albert e, por ainda não ter contado a ela sobre seu ilustre paciente, ficou receoso e aflito. Nesse instante, Albert percebeu o incômodo e tomou a dianteira da situação afirmando que Logue estava sendo covarde. Abriu a porta e o fez encarar a realidade. Essa situação também permite a observação do amadurecimento de Albert e evidencia sua assertividade, sendo uma característica essencial a um líder no processo de comunicação.

Com a data da cerimônia agendada, ambos dirigiram-se à abadia, local em que tudo aconteceria. Alertado por seu conselheiro, o Arcebispo, Albert descobriu que Logue não tinha credenciais e não era médico formado. Instalou-se um clima de tensão entre os dois, que culminou em uma provocação de Logue sentando-se em uma cadeira/ trono reservada aos monarcas. Albert ficou nervoso e após algumas tentativas em falar gaguejando, conseguiu gritar para Logue que ele precisa ser ouvido porque ele tinha voz. Nessa cena foi possível observar que ocorreu nova tomada de consciência do monarca e isso possibilitou um alinhamento de valores entre ambos e a superação de uma dificuldade de Albert em se comunicar, expor sua opinião e se fazer ouvir. Essa afirmação pode ser também observada na sequência da cena, quando, ao ouvir a discussão, o Arcebispo tentou dispensar Logue e seus serviços, mas foi interrompido por Albert que disse: “Como é? [...] Nesse assunto pessoal, tomarei minha decisão sozinho. Agradeço a preocupação Arcebispo. Mas a cabeça é minha”. Seu posicionamento foi mais uma evidência do amadurecimento pessoal, aquisição de segurança, assertividade em sua comunicação e confiança no trabalho de Logue.

Após essa atitude de Albert, Logue demonstrou orgulho do posicionamento assumido por ele e o convidou a continuar o ensaio, o qual foi conduzido com bom humor e maestria, sem as formalidades com que os eventos eram tratados nos bastidores da monarquia. Destaca-se, nesse contexto, a contribuição trazida por Vidal (2006) ao afirmar que o discurso se faz a partir de um lugar social, aponta para uma situação e para um momento histórico, conforme já descrito na fundamentação teórica desta pesquisa. O resultado dessa relação consolidada entre ambos, que acabou por influenciar na assertividade da comunicação do Rei, pode ser observado em duas capturas de cenas do filme, apresentadas nas Figuras 6 e 7. Na figura 6, Logue lia o ‘*script*’ do que aconteceria no dia da coroação e, na figura 7, Albert o observava com um sorriso que expressava gratidão e confiança.

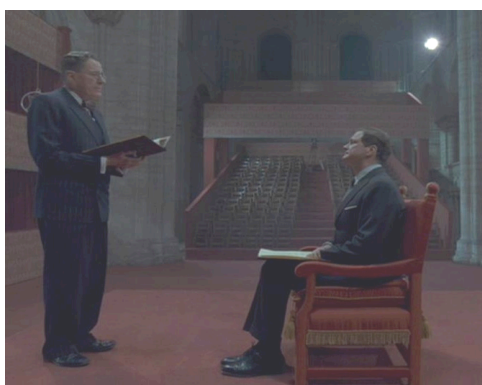


Figura 6 – Ensaio para cerimônia da coroação



Figura 7 – Gratidão de Albert

Fonte: Filme Comercial (2011)

Após a discussão dos elementos supra mencionados, torna-se necessária a compreensão da importância do trabalho para o indivíduo e, nesse cenário, é preciso reconhecer que essa atividade de trabalho é sempre expressão de uma relação social. Ressalta-se que os autores Marchiori *et al.* (2010) mencionaram o entendimento de que as organizações não são entidades isoladas e, devido a esse posicionamento, é fundamental o entendimento da capacidade de interpretar e criar palcos para o desenvolvimento a partir da conquista de uma consensualidade. A conquista dessa consensualidade torna-se o processo central da organização que somente se consolida a partir de diferentes linguagens.

Enquanto atividade comunicativa, o ato de linguagem envolve sujeitos que estão socialmente organizados dentro de um quadro de regularidades convencionalmente determinadas, por meio de estratégias discursivas de cunho pessoal. Nessa perspectiva, o discurso é considerado um meio e não um fim e possui uma característica responsiva, pois há uma interação a partir daquilo que o indivíduo se apropria e o que ele expressa, conforme afirmado por Augusti (2005). Dessa forma, o sentido do discurso é formado no momento em que ocorrem os atos verbais e esses atos materializam uma relação com o momento histórico e um lugar social ocupado pelos interlocutores. Essa afirmação reitera o que foi sinalizado sobre o comportamento de Albert na abadia, nos momentos em que ele teve a consciência de suas necessidades e expressou-se de maneira assertiva, tanto para Logue, no primeiro momento, quanto para o Arcebispo, na sequência.

As cenas seguintes do filme demonstraram que, após a coroação, dentre os diversos problemas encontrados por Albert em seu reinado, a decisão de participar da Segunda Guerra Mundial foi considerada o evento mais desafiador no cenário político enfrentado por ele, enquanto dirigente da nação. Nesse contexto histórico apresentado, cabia ao Rei a decisão de juntar-se aos aliados contra Hitler ou ceder diante das conquistas do ditador. Qualquer que fosse a decisão tomada, precisaria ser comunicada à nação.

No contexto das organizações, também cabe ao gestor a tomada de decisão e a comunicação de suas estratégias de gestão. O filme apresentou o perfil do monarca como um homem extremamente comprometido com seu trabalho e com suas responsabilidades. Essas características tendem a ser consideradas importantes e necessárias no perfil de um gestor e influenciam na transparência de sua gestão.

Em continuidade à análise das cenas do filme, evidencia-se que houve um evento enfrentado pelo Rei George VI, que foi abordado no filme como o mais importante: o discurso referente à guerra. Albert recebeu o conteúdo do discurso poucas horas antes de proferi-lo ao vivo para toda a nação. Devido à relação de confiança estabelecida entre paciente e terapeuta, imediatamente mandou chamar Logue, enquanto permanecia debruçado na leitura do texto que ia ler em poucas horas, com fisionomia de preocupação e medo, conforme Figura 8.



Figura 8 – Momento em que Albert recebeu o discurso da guerra
Fonte: Filme Comercial (2011)

Logue chegou poucos instantes antes do horário do pronunciamento, mas ainda em tempo de ensaiar com o paciente e amigo. Nessa cena foi possível analisar o que foi trazido por Godoi (2010) com relação aos elementos que ficam excluídos do campo de dizibilidade em um discurso, chamados de silêncios discursivos. Para esse autor, os silêncios discursivos constituem importante fundamento da análise de discurso, uma vez que estão associados à produção do sentido discursivo.

Ao analisar a cena 45 (Quadro 4), foi possível observar os silêncios discursivos. Essa cena retratou o momento em que o Rei abriu a porta e se dirigiu a outro ambiente, onde os conselheiros o aguardavam. Ele foi seguido pelo amigo terapeuta e sua esposa, pessoas de sua total confiança.

Foi possível ainda observar a concentração e o centramento de Albert, ao seguir em passos lentos para o enfrentamento de um desafio que somente ele poderia assumir, o que pode ser acompanhado na Figura 9.



Figura 9 – Dirigindo-se à sala do discurso – Silêncio discursivo
Fonte: Filme Comercial (2011)

Além de corroborar as afirmações feitas por Godoi (2010), referentes aos silêncios discursivos, Orlandi (2012) destacou que há outra forma de não-dito no discurso que se refere ao silêncio. Esse silêncio está relacionado a um recuo necessário e deve ter um tratamento adequado para que ‘o sentido faça sentido’. Trata-se de uma comunicação não verbal. Ao serem observados elementos dessa comunicação não verbal, tornou-se possível a compreensão e a confirmação das características pessoais de um Albert dirigente de sua nação e seu comprometimento com seu povo. As Figuras 10 e 11 apresentam elementos dessa comunicação, no momento do pronunciamento do discurso da guerra, revelando seu olhar emocionado, hesitante, porém cômico da responsabilidade daquele momento.



Figura 10 – Evidência da comunicação não verbal



Figura 11 – Evidência da comunicação não verbal

Fonte: Filme Comercial (2011)

Reitera-se que o discurso somente adquire sentido quando está inserido em um contexto, em um momento histórico e o estudo da linguagem deve estar vinculado às condições de produção. O discurso não existe por si só e as palavras podem mudar de sentido, de acordo com as posições daqueles que as empregam, conforme afirmações de Orlandi (2012). A

relação entre Albert e Logue e os resultados atingidos por ambos foi de grande relevância para a realeza e para a nação britânica. Na Figura 12, observou-se o momento em que Albert agradeceu a Logue pelos serviços prestados, chamando-o de amigo.



Figura 12 - Agradecimento de Albert a Logue
Fonte: Filme Comercial (2011)

A superação de Albert diante da dificuldade de comunicação fica evidente na Figura 13, quando ele saiu da sala de transmissão radiofônica sendo aplaudido por toda equipe. Seu discurso objetivo e emocionado envolveu a nação, em prol de sua complexa e difícil decisão, porém, necessária. Observaram-se, em sua comunicação não verbal, características de segurança, desenvoltura, satisfação pessoal e elevação de sua autoestima, o que pode ser constatado na cena 49 (Quadro 4) quando ele sorri abertamente às suas filhas Elisabeth e Margareth, perguntando-lhes o que haviam achado do pronunciamento que ele acabara de fazer.



Figura 13 – Albert após o discurso caminha diante de todos
Fonte: Filme Comercial (2011)

Diante dos acontecimentos supra narrados, vale lembrar a afirmação de Silva (2010) ao defender que quando se alcança a essência de um fenômeno, torna-se possível captar a estrutura de uma experiência vivida, que é revelada de forma que possibilite compreender os significados dessa experiência. Baseando-se nessa afirmação, foi possível capturar a cena final do filme, retratada na Figura 14, em que o Rei George VI apareceu aos seus súditos após o pronunciamento da guerra. Evidenciou-se com essa cena, que o propósito do monarca foi atingido e foi possível compreender os significados da experiência do discurso do Rei.



Figura 14 – Albert acena aos súditos após o discurso
Fonte: Filme Comercial (2011)

É importante reforçar a afirmação feita por Vidal (2006), que a cultura está em constante mobilidade e, a respeito do uso da linguagem filmica, as obras artísticas dialogam com o passado e apontam para o futuro. Assim, a autora apontou o pensamento de Mikhail Bakhtin com relação à diferença entre a comunicação expressa nos discursos da vida, considerada forte e dependente do ambiente, e a comunicação expressa nos discursos da arte, na qual a dependência do contexto imediato é menor, embora nunca deixe de existir. Portanto, na realidade e na ficção as linguagens entram em confronto e constituem um todo discursivo, de acordo com o que foi abordado na fundamentação teórica da obra em epígrafe.

O mais antigo registro da história humana é a experiência visual, considerada por Dondis (1997) como fundamental no aprendizado. No cinema, o elemento visual predominante é o movimento, que traz como resultado uma experiência que muito se aproxima do que se passa no mundo concreto. Desse modo, a utilização da linguagem filmica nesta pesquisa tornou possível formular uma noção esquemática da capacidade dessa arte. Em concordância com Dondis, reforça-se que o cinema não é uma atividade racional e nenhuma descrição esquemática será adequada para ele, mas a utilização da arte no contexto das organizações

possibilita novos modos mais sensíveis de se trabalhar, o que tende a proporcionar maior apreciação e melhor interpretação dos fenômenos organizacionais, conforme afirmaram Wood Jr. e Csillag (2009).

Tendo realizado a discussão dos fragmentos de discursos do filme comercial/ artístico, a partir da análise de discurso, na sequência está apresentada a discussão dos resultados obtidos dos fragmentos do filme documentário, realizada mediante a análise documental.

5.2.O filme documentário

Considerando que o uso de documentos em pesquisa deve ser valorizado e apreciado, uma vez que todo documento carrega consigo uma riqueza de informações, seu uso tende a contribuir para o entendimento do objeto de estudo e gera a possibilidade de ampliação de eventos que necessitam de contextualização histórica e sociocultural.

Nesse sentido, utilizou-se a estratégia da análise documental para a segunda fonte de evidência desta pesquisa. Reitera-se que essa modalidade de análise é valiosa para os estudos de caso e tende a proporcionar, também, outros detalhes específicos e viabilizar novas questões sobre as comunicações originadas de outras fontes.

Com relação ao caso estudado, ‘O discurso do Rei’, observa-se que o filme documentário utilizado corroborou tanto as informações obtidas na principal fonte de evidência desta pesquisa, quanto às informações obtidas na terceira fonte de evidência, a obra literária biográfica sobre o Rei George VI.

O filme documentário utilizado foi explorado de forma que os fragmentos selecionados pudessem contribuir como uma fonte de verificação dos reais acontecimentos em torno da história da vida e dos discursos pronunciados pelo Rei George VI. Inicialmente, constatou-se a informação quanto aos momentos de dificuldades que o Rei vivenciou ao proferir alguns de seus discursos.

As Figuras 15 e 16 apresentam capturas de cenas de um discurso proferido pelo Rei, e nelas foi possível verificar o que já foi mencionado anteriormente nesta pesquisa, quanto aos

silêncios discursivos em seus discursos. Enquanto dirigente de uma nação, a dificuldade na fala gerava problemas para o Rei, influenciando a relação de confiança entre a monarquia e os súditos. A nação esperava que seu dirigente estivesse apto e preparado para tomar decisões e agir diante dos obstáculos. No entanto, toda vez que esse dirigente apresentava fragilidade na fala a confiança dos súditos no que era dito tornava-se igualmente frágil.



Figura 15 – O silêncio discursivo



Figura 16 – O silêncio discursivo

Fonte: Filme Documentário (2011)

A história confirmou a revelação de que, após diversas tentativas de cura diante de sua gagueira, o Rei George VI encontrou um terapeuta chamado Lionel Logue que, com suas técnicas consideradas pouco ortodoxas, conseguiu promover melhorias na dificuldade de fala do Rei. Com o que foi apresentado nesta fonte de evidência, pôde-se constatar que a reprodução dos fatos da realidade foi cuidadosamente abordada no filme comercial/ artístico, embora não fosse uma condição obrigatória. O filme documentário trouxe fotos e imagens reais do Rei e das pessoas envolvidas com a monarquia britânica naquele período, a exemplo do que está apresentado na Figura 16.

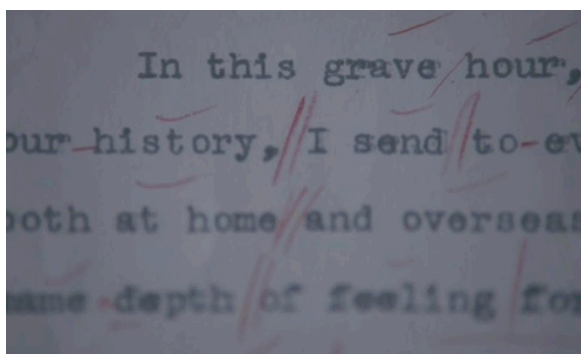


Figura 17 – Discurso marcado no filme
Fonte: Filme Comercial (2011)

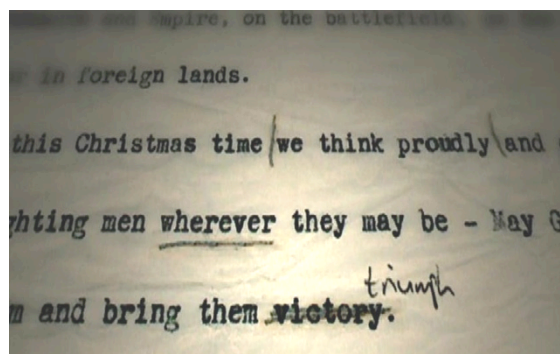


Figura 18 – Discurso marcado no documentário
Fonte: Filme Documentário (2011)

A Figura 17 apresenta o trecho de um discurso que foi preparado para o Rei com as marcações feitas por seu terapeuta da fala, Logue, a fim de que ele pudesse identificar as

pausas necessárias e lembrar-se das estratégias de comunicação trabalhadas com seu terapeuta, conforme retratado no filme comercial/ artístico. Na Figura 18, encontra-se a foto de um discurso original, utilizado pelo Rei, com as devidas marcações feitas por Logue.

O uso do filme documentário trouxe cenas sobre os bastidores dos preparativos dos momentos em que ocorreram alguns pronunciamentos do Rei. A Figura 19 apresenta o Rei no filme comercial/ artístico posando para a foto que registrava o momento do discurso da guerra. No entanto, o discurso foi proferido em uma sala preparada por Logue a fim de diminuir a tensão do monarca. No filme documentário, os biógrafos, em uma narrativa, também demonstraram que o Rei preferia realizar seus pronunciamentos em pé e somente sentava-se para o registro da foto, conforme demonstrado na Figura 20.



Figura 19 – Foto oficial do discurso da guerra
Filme Metáfora
Fonte: Filme Comercial (2011)



Figura 20 – Foto oficial do discurso da guerra
Conceito confrontado pela metáfora
Fonte: Filme Documentário (2011)

O documentário apresentou, de forma dinâmica, os acontecimentos históricos, intercalando-os com relatos dos biógrafos da família real, com o escritor da obra literária biográfica utilizada nesta pesquisa e com três ex-pacientes de Lionel Logue. Em consenso, os participantes do documentário, cada um com sua visão e seus conhecimentos sobre os fatos históricos, descreveram as principais características de Albert (Figura 21), sua relação com a família e com a nação britânica.

Foram apresentadas algumas cenas dos discursos iniciais de George VI e imagens de momentos em que ele participava de compromissos oficiais. No documentário foi abordado o período de tensão que antecedeu a guerra, mas não foi apresentado o discurso da guerra com o mesmo nível de detalhe que no filme comercial/ artístico.



Figura 21 – Foto de Albert, o Rei George VI
Fonte: Filme Documentário (2011)

Do mesmo modo, os participantes apresentaram Lionel Logue (Figura 21) com informações a respeito de sua forma de atuação e as técnicas de tratamento que utilizava com os pacientes. Logue foi descrito como um homem com grande habilidade de comunicação e foi apontado como o profissional que salvou a monarquia britânica. Foram confirmadas as informações, vistas no filme comercial/ artístico, a respeito dos métodos que ele utilizava para o tratamento da gagueira do Rei e da ausência de credenciais, devido ao fato de não ser médico formado.



Figura 22 – Foto de Lionel Logue – o terapeuta da fala
Fonte: Filme Documentário (2011)

Percorrendo a evolução dos acontecimentos históricos, esse documentário confirmou as informações obtidas nas demais fontes de evidências utilizadas nesta pesquisa dando detalhes sobre a posse e a morte do Rei George V, o curto período em que Edward III permaneceu no trono, sua abdicação e a cerimônia de coroação do Rei George VI. Observou-se a ênfase dada

para a dificuldade do Rei em pronunciar seus discursos, e o fato de ter ficado conhecido como o Rei relutante, devido ao fato de não ter interesse em assumir a sucessão do trono.

O documentário foi finalizado com a apresentação do discurso feito após a guerra em formato de cinejornal, que foi ao ar em 04 de maio de 1945 com gravação feita em vídeo e áudio. O Rei George VI pronunciava uma mensagem de agradecimento àqueles que lutaram pela nação e pedia o mesmo aos demais súditos com relação aos que lutaram na guerra, conforme apresentado na Figura 23. Nesse discurso foi possível observar a fluência do Rei em pronunciar seu discurso e a ausência dos elementos que dificultavam sua dicção. O discurso proferido revelou um homem seguro de sua fala, com habilidade de comunicação que permitia uma relação de confiança com seus súditos.



Figura 23 – Foto do discurso de 1944 - Pós guerra
Fonte: Filme Documentário (2011)

Após a realização da discussão dos fragmentos das cenas contidas no filme documentário, na sequência encontra-se a discussão dos resultados obtidos na análise dos fragmentos da obra literária biográfica.

5.3.A obra literária biográfica

Utilizou-se a estratégia de análise de conteúdo para a terceira fonte de evidência desta pesquisa. Diferente de outras estratégias que consideram a língua como objeto, a análise de conteúdo considera o aspecto individual e atual da fala, conforme já mencionado por Bardin (2011). Trata-se de lidar com a prática da língua, realizada por emissores, considerando o conteúdo e a forma e a distribuição desse conteúdo. Reitera-se que, nesta pesquisa, a análise de conteúdo esteve

apoiada, em procedimentos interpretativos dos conteúdos categorizados pela pesquisadora, tomando por base as recomendações de Vergara (2006) e Bardin (2011).

Ao realizar as análises dos conteúdos dos fragmentos extraídos dos discursos proferidos pelo Rei George VI, nessa obra literária, observaram-se elementos importantes no processo de comunicação do Rei, desde o discurso da coroação em 1937, até o discurso do Natal de 1951, nos quais tais características foram mantidas em sua forma de comunicação com os súditos.

No conteúdo dos discursos iniciais pode ser observada a presença de características que envolvem honradez, humildade, respeito, coragem, comprometimento e fé, a exemplo do trecho do discurso da coroação, em maio de 1937: “Só direi o seguinte: que, nos anos vindouros, se eu puder mostrar minha gratidão servindo-os, essa é a maneira, acima de todas as outras, que escolherei”. No seu primeiro discurso de Natal, proferido no ano de 1937, George VI demonstrou a importância do momento de transição do reinado, bem como deixou claro seu compromisso com a nação e o respeito que ele dava ao período anterior, quando essa nação esteve aos cuidados do Rei George V, seu pai. Isso ficou claro em sua fala: “[...] Não posso aspirar ocupar o seu lugar e nem acredito que vocês desejariam que eu mantivesse, imutável, uma tradição tão pessoal para ele”. (pp. 164-165).

A partir desse ponto, reitera-se o que foi visto na fundamentação teórica desta dissertação. Como afirmado por Nascimento (1977), ao chamar a atenção para a necessidade de que haja uma comunicação pura entre as pessoas, verificou-se que a confiança nas relações deve ser precedida dessa forma de comunicação, como uma condição necessária para que a certeza de relações seja alcançada e mantida. Observa-se que o respeito à imagem de seu pai foi mantido, inclusive como forma de aproximação com o povo e com aqueles que confiavam na sucessão do reinado, conforme se verifica no trecho: “Muitos de vocês se lembrarão dos pronunciamentos de Natal de anos anteriores, quando meu pai falava a seus povos, em casa e além-mar, como o venerável chefe de uma grande família [...] Suas palavras levaram felicidade aos lares e aos corações de ouvintes em todo o mundo [...]”.

Diante dos diversos desafios enfrentados pelo Rei George VI, o envolvimento da Inglaterra na segunda guerra foi considerado algo extremamente difícil e o acontecimento que mais exigiu de sua postura, atitudes de soberania, já que o Rei teve que liderar sua nação em meio às adversidades trazidas pela segunda guerra mundial, originadas pelos avanços de Hitler. Nesse

momento importante e delicado, o Rei fez um pronunciamento aos seus súditos, em setembro de 1939. Em tal pronunciamento, notam-se características que envolvem consistência, comprometimento, honradez e senso de realismo. Essas características podem ser observadas no trecho: “[...] somos chamados, com nossos aliados, a enfrentar o desafio de um princípio que, se prevalecesse, seria fatal para qualquer ordem civilizada no mundo. [...] Esta é a questão última que nos confronta. Pelo bem de todos a quem queremos bem, e pela ordem e a paz do mundo, é impensável que devêssemos nos recusar a enfrentar o desafio. Outras características denominadas como respeito, coragem e empatia foram observadas no trecho: “[...] Peço-lhes que se mantenham calmos, firmes e unidos nestes tempos de provação. A tarefa será difícil. Talvez tenhamos dias obscuros pela frente, e a guerra já não pode ser confinada ao campo de batalha”.

Na mesma perspectiva trabalhada por Nascimento (1977), com relação à eficácia da comunicação Rogers (1999) argumentou sobre a importância da congruência nesse processo no sentido de, quanto maior se fizer presente a consciência do que está sendo comunicado e vivenciado, a certeza de relações tende a se manter e a influenciar a eficácia da comunicação. Analisando-se o discurso de Natal de 1939, observa-se que Albert manteve, como características presentes em sua fala, valores como respeito, humildade, perseverança e sensibilidade, sem perder o realismo. Tais aspectos podem ser destacados quando ele deixa clara sua preocupação: “[...] Um novo ano se aproxima. Não sabemos o que trará. Se trouxer paz, seremos todos muito gratos. Se trouxer a continuação da luta, permaneceremos sem medo”. Mesmo expressando essas preocupações com sinceridade, Albert não perdeu a sensibilidade e declamou um poema com uma mensagem de esperança e como forma de incentivo aos seus súditos. O poema, com o título “Deus sabe” dizia: “Eu disse ao homem que se postava ao portal do ano: ‘Dê-me uma luz para que eu possa caminhar com segurança pelo desconhecido.’ E ele respondeu: ‘Adentra a escuridão e põe tua mão na Mão de Deus. Será para ti melhor que luz e mais seguro que um caminho conhecido’. Possa essa Toda-Poderosa Mão a todos nós guiar e manter” (pp. 197-198). Essa ação retrata uma situação de desafio diante do desconhecido sem que se perca a fé em Deus, outra característica marcante nos discursos de George para seu povo.

Ainda retomando a fundamentação teórica apresentada nesta pesquisa, reforça-se a importância de se atentar às diferenças entre o que é dito e o que é realmente percebido, conforme ressaltou Cardoso (2006). As condições nas quais as palavras são expressas ou ouvidas condicionam sua sensação. Nesse contexto, há a necessidade de dar ênfase à importância da seleção de canais adequados, a fim de que as intenções de comunicação sejam atingidas em meio ao

processo de transmissão. E isso vai além de uma visão mecanicista simples que considera apenas transmissor e receptor. Ao considerar tais assertivas, nesta pesquisa, observa-se o que o Rei mencionou no discurso proferido no Dia do Império, em maio de 1940, quando declarou: “[...] O mal, que sem cessar e com toda a honestidade de propósitos nos empenhamos em evitar, caiu sobre nós. [...] Não se trata de mera conquista territorial o que buscam nossos inimigos. Trata-se da derrubada, completa e definitiva, deste Império e de tudo o que ele representa e, depois, da conquista do mundo [...]” (pp. 203 e 204).

Verifica-se também uma forte relação no discurso proferido pelo Rei no Dia do Império, com as contribuições de Genelot, apontadas por Cardoso (2006). Considerando que o receptor é um agente ativo diante de mensagens recebidas e as entende de acordo com seus valores e com o seu mundo social, o que influencia em suas leituras, experiências e vivências, fica claro que o significado da comunicação é dado por esse receptor em um universo simbólico e social, uma vez que todo o processo cognitivo entra em circulação para a produção desse significado.

Albert demonstrou com esse discurso que, mesmo estando em uma posição de destaque, tinha suas incertezas, medos, dúvidas e, acima de tudo, esperança. São características como essas que, uma vez expressas em seu discurso, indicam uma aproximação com seu povo. Não havia como se ter certeza de que todos tivessem compreendido a mensagem, mas diante do canal selecionado via rádio, em tempo real, e da seriedade com a qual o discurso foi proferido, a transmissão da comunicação foi realizada de modo que se buscasse condicionar a sensação ao que estava sendo dito.

Prosseguindo com a análise e considerando a ordem cronológica dos fragmentos dos discursos do Rei, pode-se constatar, no discurso de Natal, em 1942 o quanto o uso de seus conhecimentos, advindos de uma sólida formação, contribuiu para sua aproximação com os súditos e com o sentimento de companheirismo presente entre eles, oriundos do vínculo afetivo do Rei com sua nação, conforme mencionado no parágrafo anterior. Albert encerrou o discurso dessa data comemorativa com uma história contada por Abraham Lincoln, a respeito de um garoto que carregava morro acima outra criança, “ao ser perguntado se o pesado fardo não era demasiado para ele, o menino respondeu: ‘Não é um fardo, é meu irmão’.” (p. 213).

Ao elucidar tais fragmentos, houve o propósito de se compreender como se configura a comunicação nas organizações, utilizando-se de uma metáfora como artifício para a

compreensão desses fenômenos organizacionais. Morgan (1996) apoiou-se na premissa de que trabalhar com metáforas traz um significado muito maior do que apenas o embelezamento do discurso, mas implica em um modo de ver e de pensar sobre o mundo real. Para esse autor, as organizações podem ser muitas coisas ao mesmo tempo e, o uso de imagens e metáforas não deve estar associado somente a construtos de interpretação ou formas de encarar a realidade, pois, essas imagens e metáforas fornecem uma estrutura para a ação do indivíduo.

Aqui, registra-se o fragmento do discurso do Dia D, já em junho de 1944, em que o Rei disse: “O espírito do povo, resoluto e dedicado, inflamou-se sem dúvida como uma chama brilhante, vinda de um daqueles fogos invisíveis que ninguém pode extinguir. [...] Uma vez mais, o que se exige de todos nós é algo além da coragem, além da resistência” [...]. Encerrou citando o versículo 11 do Salmo 29: “O Senhor dará força a seu povo; o Senhor abençoará seu povo com paz.” (pp. 223-224). Ainda que a situação de incerteza com relação ao fim da Guerra perdurasse por mais alguns anos, George VI manteve presente em suas mensagens características como: fé, respeito, reconhecimento de coragem, gratidão e perseverança.

Outro fragmento diz respeito a um trecho de outro discurso proferido no Natal de 1944, no qual o Rei declarou: “Se olharmos para aqueles primeiros dias da guerra, podemos certamente dizer que a escuridão fica menor e menor a cada dia [...] A ansiedade está cedendo lugar à confiança, e esperemos que antes do próximo Natal a história de liberação e triunfo esteja completa.” (p. 229). Reitera-se aqui mais uma vez a consonância entre o que foi apresentado nos discursos do ao de 1944, com a afirmação que consta na fundamentação teórica desta pesquisa e trazida por Freitas (2009) de que o saber-fazer comunicativo pressupõe muito mais que o domínio do código verbal, pois está vinculado à dimensão sociocultural da linguagem que vincula objetivos comunicativos a comportamentos linguageiros específicos.

Após um longo período de guerra, o Rei pôde então comunicar ao seu povo o fim. Pronunciou seu discurso no dia da Paz, em 08 de maio de 1945 com as seguintes palavras: “Agradecemos hoje ao Deus Todo-Poderoso por uma grande bênção. [...] eu lhes peço que me acompanhem neste ato de gratidão. [...] Na hora do perigo, humildemente entregamos nossa causa nas Mãos de Deus, e Ele tem sido nossa Força e nosso Escudo. Vamos agradecer Suas graças e, neste momento de vitória, nos entregar a nossa nova liderança a essa mesma e forte Mão.” (pp. 233-237). Torna-se importante aqui o registro de que características como fé, humildade, bênção e determinação, mais uma vez, foram características presentes em seu discurso, algo

fundamental em um período no qual, tanto o Rei, no papel de dirigente, quanto a nação, cansada da situação de desgaste e sentimento de perdas deixados pela guerra, precisavam dessas características para prosseguirem após esse intenso e incerto período.

Nesse sentido, considerando o que foi apontado acima, reforça-se a fundamentação teórica desta pesquisa, que mostrou um ponto comum, dentre tantos outros, entre Rogers e Nascimento (1977), corroborado por Leite, Freitas, Silva, Oliveira e Silva (2012, p. 17) no que tange ao construto comunicação: “[...] há um engano comum ao se pensar que a comunicação genuína só pode existir se houver certeza de relações. A certeza de relações é que não será alcançada sem a comunicação genuína [...]”. Mediante essa assertiva, mais uma vez confirma-se a relação estabelecida entre George VI e sua nação, relação essa mantida pela comunicação genuína e certeza de relações, características consideradas importantes entre um dirigente e o povo de sua nação.

Em uma comparação metafórica, as características apontadas acima como presentes na relação entre o Rei e sua nação, o mesmo é indicado que esteja presente na relação entre um gestor e sua equipe, no contexto das organizações. Reitera-se o que foi defendido por Morgan (1996), que as organizações são comparadas a organismos permeados de interesses, por serem consideradas complexas, ambíguas e paradoxais. Considerando-se a comunicação nesse contexto, corrobora-se Freitas (2009), ao discutir a importância da comunicação organizacional e a articulação entre linguagem e trabalho, assim como o fato de que as organizações necessitam ser administradas tendo clareza de que o processo de comunicação deve ser considerado essencial para se atingir os resultados esperados.

Por fim, destaca-se aqui o fragmento do último discurso de Natal proferido pelo Rei George VI em 25 de dezembro de 1951, o primeiro discurso não transmitido ao vivo, devido ao seu estado de saúde. Foi proposto que sua esposa ou sua filha, a princesa Elizabeth fizesse o discurso, a fim de poupá-lo, mas ele recusou dizendo: “Minha filha talvez tenha oportunidade no próximo Natal [...] quero eu mesmo falar a meu povo” (LOGUE; CONRADI, 2011, p. 252). Salienta-se aqui a congruência entre o comportamento apresentado pelo Rei e as características que são importantes para um gestor/líder, a exemplo de inspiração, compromisso, luta por causas em que acredita e capacidade de influência sobre os demais.

Com duração de quase seis minutos, o Rei começou seu discurso descrevendo o Natal como uma época em que todos deveriam inventariar as bênçãos recebidas e disse: “Eu mesmo tenho razões para uma profunda gratidão, pois não apenas – pela graça de Deus e por meio da leal competência de meus médicos – superei a doença como também aprendi, uma vez mais, que é nos tempos ruins que mais valorizamos o apoio e a solidariedade de nossos amigos. Confio em que vocês percebam o quanto suas orações e bons votos ajudaram e ajudam minha recuperação.” (pp. 249-250).

Foi com esse discurso que o Rei George VI ‘despediu-se’ de seus súditos com sua tradicional mensagem de Natal. No Natal do ano seguinte, sua filha, já coroada rainha, fez o seu primeiro pronunciamento. Nesse momento, ela relembrou: “A cada Natal, nesta hora, meu amado pai transmitia uma mensagem a seus povos em todas as partes do mundo. Como ele costumava fazer, falo a vocês da minha casa, onde passo o Natal com minha família. [...] Meu pai e meu avô trabalharam muito, por toda a vida, para unir ainda mais nossos povos e para manter os ideais tão caros aos seus corações. Esforçar-me-ei para levar adiante tal trabalho”. (LOGUE; CONRADI, 2011, pp. 255-256).

Assim, com os fragmentos desse discurso pode-se, mais uma vez, por intermédio das metáforas, sugerir comparações entre o cenário de um país e o cenário organizacional e salienta-se o que os autores Marchiori *et al.* (2010) compartilharam, quanto ao entendimento de que a organização é um processo e não uma entidade isolada e, com esse posicionamento, torna-se fundamental entender a capacidade de interpretar, reinterpretar e criar arenas para seu desenvolvimento.

A conquista de uma consensualidade torna-se o processo central da organização e isso se consolida a partir de diferentes linguagens, permitindo, a partir do processo de comunicação, a continuidade do exercício da liderança. Registra-se, ao consolidar as análises e discussão dos resultados desta pesquisa que, cada uma das fontes de evidências, o fenômeno da triangulação e suas respectivas estratégias de análises, contribuíram singularmente para o estudo do fenômeno da linguagem fílmica.

No filme comercial/ artístico, representando o caso estudado, foi possível a depuração das cenas, microanalizadas, de forma a observar cada parte que evidenciasse o processo de comunicação e o sentido dos discursos presentes. Foi nesse contexto que, a partir da análise dos discursos produzidos no filme comercial/ artístico, abordou-se a relação entre o Rei George VI

com seu país, como uma metáfora do cenário organizacional contemporâneo, no qual dirigentes e colaboradores enfrentam desafios diários relacionados à comunicação.

O filme documentário contribuiu como reforço dos dados obtidos na análise filmica, uma vez que, nessa fonte de evidência, constavam registros de fotos e cenas reais do Rei, das pessoas envolvidas com ele naquele período e cenas de alguns de seus discursos, tendo contribuído para a compreensão do contexto de estudo desta pesquisa. Essa fonte de evidência contribuiu também para o entendimento de que, mesmo permeados de recursos estéticos, os filmes comerciais/ artísticos e suas utilizações são relevantes e confiáveis e servem de referência para análises das metáforas das organizações.

Por sua vez, a obra literária biográfica contribuiu com informações mais precisas e detalhadas de todos os acontecimentos abordados no filme comercial/ artístico e no filme documentário, principalmente por conter elementos dos discursos extraídos dos registros feitos pelo próprio Rei George VI e pelo terapeuta da fala, Lionel Logue em seus respectivos diários, além de relatos de seus sentimentos quanto aos desafios enfrentados àquela época. Essa fonte de evidência viabilizou, também, o acesso a informações pontuais com relação às datas de outros acontecimentos que não haviam sido abordados no filme comercial/ artístico e no filme documentário, bem como, possibilitou a ampliação do entendimento dos eventos que foram abordados nas outras duas fontes de evidência.

Considera-se que nesta etapa da pesquisa, as análises e discussão dos resultados foram realizadas em consonância com os princípios apresentados por Yin (2005), uma vez que: fez-se uso de várias fontes de evidências; criou-se um banco de dados para o estudo de caso, para que, uma vez configurada uma evidência possa ser passível de correção no futuro; atentou-se para o fato de manter-se um encadeamento das evidências trabalhadas.

Registra-se que essas evidências, quando trianguladas, forneceram maior robustez ao estudo de caso desta dissertação, pois, com base em Yin (2005), apresentaram-se com os dados convergindo em formato de triângulo e beneficiando-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas na condução da coleta e da análise dos dados.

Enfatiza-se que o uso do protocolo já desenvolvido direcionou o pesquisador a não inclinar-se para uma análise imbuída de inferências pessoais e sim, no registro das cenas

que realmente estivessem relacionadas ao construto que se desejava estudar. Espera-se que a discussão proposta nesta pesquisa possa vir a contribuir para a ampliação do uso da linguagem fílmica, enquanto uma metáfora de comunicação e, que seus resultados possam auxiliar na aplicação de novas técnicas para a gestão da comunicação nas organizações.

Quanto ao estudo com a linguagem fílmica, dada a ocorrência de que, cada vez mais os filmes influenciam as realidades cotidianas, neste estudo ficaram claras as considerações de Flick (2004), Cooper e Schindler (2003), Leite, Nishimura e Leite (2010). Ficou bem evidente a vantagem do acesso repetido às cenas, o que permitiu a inclusão de vários aspectos diferentes de um mesmo fato, o que também foi favorecida pelas duas fontes de evidência auxiliares.

Para o autor Dondis (1997), o surgimento do cinema possibilitou que o homem saísse da fala convencional e conhecesse as abundantes vantagens e possibilidades da expressão visual, enquanto meio de comunicação. Em complemento a essa discussão, reitera-se que o discurso organizacional depende inerentemente das metáforas, conforme afirmou Sardinha (2007), embora nenhuma delas seja suficiente para expressar toda a riqueza das relações empresariais. Nesse sentido, utilizando-se da linguagem fílmica como uma metáfora, foi abordada a temática da comunicação de maneira diferente, influenciando novas visões e novas formas que poderão vir a ajudar a se compreender os discursos produzidos nas organizações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembra-se que esta pesquisa teve por objetivo analisar o exercício da linguagem fílmica enquanto metáfora de comunicação, e sua possível utilização para a análise dos discursos nas organizações. Ao serem estudados os discursos apresentados pelo Rei George VI nas três fontes de evidências, foi possível comparar o conteúdo desses discursos e, diante das evidências encontradas e discutidas nesta pesquisa, verificou-se que o uso da linguagem fílmica pode contribuir para o entendimento do fenômeno da comunicação nas organizações e, por consequência, para o aprofundamento de estudos acadêmicos que envolvam ensino, aprendizagem e pesquisa em Administração.

Reforça-se que a microanálise e a depuração das cenas de filmes comerciais/ artísticos completos permitem ao pesquisador a conferência de seus registros e de suas percepções, devido ao acesso repetido às cenas, desde que não se permita a escolha do filme pelo filme, mas, a oportunidade de se investigar um fenômeno organizacional a partir de diferentes lentes. Do mesmo modo que, a conveniência da utilização da linguagem fílmica pode ser ratificada quando ocorre um alinhamento entre o (s) filme (s) escolhido (s) e o(s) construto(s) que se pretende investigar.

Os resultados desta pesquisa mostraram, também, que ao comparar o conteúdo dos discursos apresentados nas três fontes de evidências, se tornou possível a ampliação do entendimento do fenômeno da comunicação e da discussão dos elementos que interferem nos resultados obtidos da prática de exercícios com a linguagem fílmica.

Com tais resultados confirma-se a possibilidade de utilidade para comparar os discursos organizacionais, produzidos entre gestores e colaboradores, a partir da linguagem fílmica, uma vez que seu exercício cria oportunidade de simulação a partir de cenas que podem ser comparadas com fatos reais, diante dos acontecimentos ocorridos nas organizações.

Esta pesquisa mostrou que a utilização da estratégia da linguagem fílmica tem, também, o seu objetivo atingido quando se desenvolvem, inclusive, as dimensões do sentimento e da experiência perceptiva, uma vez que o realismo promovido/ sugerido pelo cinema é o resultado da objetividade e da subjetividade do indivíduo no processo de significação fílmica.

É resultado da objetividade porque trata-se de um processo de reprodução mecânica e, ao mesmo tempo é, também, resultante da subjetividade porque envolve o olhar de quem assiste.

Diante do contexto apresentado acima, acrescenta-se que, uma das limitações acerca do uso da linguagem fílmica está relacionada à dimensão sentimento pois, uma vez que essa dimensão está envolvida no processo de significação fílmica do indivíduo, exige extremo cuidado por parte do pesquisador ao analisar e interpretar os resultados provenientes da experiência fílmica, evitando assim, pressuposições, generalizações ou induções diante do relato do indivíduo.

Contudo, salienta-se que, algumas limitações a exemplo daquelas próprias dos estudos observacionais indiretos e do uso das metáforas, podem ser salientadas como ponto de partida para um tratamento cauteloso dos resultados aqui obtidos e para o aprimoramento de investigações futuras no campo da Administração.

Com esta pesquisa, sugere-se que o uso da linguagem fílmica pode favorecer a comunicação organizacional a partir das metáforas que venham a ser abordadas. Consideram-se, porém, os avanços empíricos realizados e as perspectivas que se abrem ao término desta pesquisa, como fatores considerados relevantes para os rumos dos estudos observacionais com linguagem fílmica, de modo contributivo para minimizar reducionismos e inconsistências em pesquisas com essa abordagem.

Portanto, os desafios são inúmeros para aqueles que pretendem discutir a temática da linguagem fílmica e o fenômeno da comunicação. Para uma agenda de pesquisa, reforça-se a possibilidade de aprofundamento, a partir desta dissertação, com novas pesquisas científicas no campo da Administração, bem como a necessidade de se instigarem reflexões a respeito da utilização dessa linguagem, necessariamente sustentada em rigor, sistematização, consciência e clareza do que se deseja investigar, de modo que seus resultados possam auxiliar na aplicação de novas estratégias para a gestão da comunicação nas organizações.

Com a análise das versões dos discursos aqui utilizados, sugere-se investigar, também, as possibilidades de contribuições do uso da linguagem fílmica para o processo de ensino-

aprendizagem, uma vez que análises similares contribuam para a discussão e compreensão dos processos de comunicação nas organizações.

No que se refere à dimensão de sentimento que envolve os estudos relacionados à linguagem fílmica como uma limitação, propõe-se a investigação deste fenômeno com a participação de indivíduos – atores organizacionais – no sentido de explorar afundo a objetividade e a subjetividade do indivíduo no processo de significação fílmica.

Com relação ao fenômeno da comunicação, sugere-se que hajam estudos que abordem esta temática com profundidade, investigando não somente seus modelos esquemáticos mas, também, a maneira como a comunicação é percebida e vivida pelos atores organizacionais, explorando seus significados.

Em estudos futuros com o mesmo filme, sugere-se que seja adotada a abordagem indutiva, com o intuito de tirar proveito de novas visões possíveis, a partir de uma teoria empiricamente válida, conforme recomendações de diversos autores já apresentados nesta pesquisa, uma vez que, a dedução e a indução são processos que se complementam e, na prática, recorrer a ambos os instrumentos, permite ao pesquisador demonstrar a verdade dos pressupostos submetidos à análise.

7. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABDALA JR. R. O cinema: outra forma de ‘ver’ a história. **Revista Iberoamericana de Educación**. Madrid, España. 38/7. 2006.

ANDREW, J. D. **As principais teorias do cinema – Uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

ARAÚJO, I. Cinema: **o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995. (Coleção História e Aberto).

ARNHEIM, R. **Arte & Percepção Visual: uma Psicologia da Visão Criadora**. São Paulo: Pioneira, 2002.

AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja**. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

AUMONT, J.; BARGALA, A.; MARIE, M.; VERNET, M.; ABREU, N. C. P. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 1995.

BAÊTA, A. M. C. Filmes no ensino e aprendizagem de questões éticas na administração pública. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, E. F. Arbitrariedade da língua em Saussure: do mito freudiano ao real lacaniano. **Revista Odisséia**. Rio Grande do Norte: n. 5, v. 1, jan/jun. 2010.

BARROS, M. Kubrick e Cultura Organizacional. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

BERGAMINI, C. CODA, R. Apresentação da edição brasileira. In: MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

BETTON, G. **Estética do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BLASCO, P. G. **Educação da afetividade através do cinema**. Curitiba: IEF, 2006.

CALDAS, M. P Paradigmas em estudos organizacionais: uma introdução à série. In: M. P. CALDAS; BERTERO, C. O. **Teoria das Organizações – Série RAE Clássicos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARDOSO, O. O. Comunicação organizacional: novos desafios teóricos. In: **Anais do XXX EnANPAD**. Salvador: ANPAD, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CURRIE, G. Ficções Visuais. In: RAMOS, F. (Org) **Teoria Contemporânea do Cinema**, Volume I. São Paulo: Senac, 2005.

DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. Administração com arte: papel e impacto da arte no processo de ensino-aprendizagem. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

DENZIN, N. K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1989.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

EISENHARDT, K. M. Building Theories from Case Study Research. **Academy of Management Review**. vol. 14, n. 4. 1989.

FIGARO, R. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Revista Organicom**. ECA/USP. São Paulo: Ano 5. v. 9. 2008.

FLEURY, M. T. L.; SANSUR, A. M. Nenhum a menos: desvendando conceitos sobre gestão por competências. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, E. C. Linguagem e trabalho: comunicação e discurso nas organizações. **Revista Conhecimento Online**. Rio Grande do Sul: ano 1, v. 1, n. 1. 2009.

FREITAS, E. C. Cultura, linguagem e trabalho: comunicação e discurso nas organizações. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. Rio Grande do Sul: v. 7, n. 1, jan/jun. 2011.

GENELOT, D. Manager dans la complexité - reflexions à l'usage des dirigeants. In: CARDOSO, O. O. Comunicação organizacional: novos desafios teóricos. In: **Anais do XXX EnANPAD**. Salvador: ANPAD. 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais – Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

GUIGUE, A. Cinema e experiência de vida. In: MORIN, E. **O desafio do século XXI: religar os conhecimentos**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IPIRANGA, A. S. R. A narração fílmica no ensino de gestão de pessoas e de comportamento organizacional. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. Um estudo observacional do filme *Denise Está Chamando à luz da Teoria de Ação* de Chris Argyris e Donald Schön. **Revista de Gestão USP**, FEAUSP, São Paulo: v. 14, n. Especial. 2007.

LEITE, N. R. P. **Comprometimento e gestão de pessoas em empresas brasileiras com estruturas organizacionais remotas**. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. A linguagem fílmica na formação e no fortalecimento de grupos, equipes e times de trabalho: aplicações do estudo observacional. **Revista de Gestão da USP – REGE USP**, FEA-USP, São Paulo: v.17, n.1. 2010.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P.; NISHIMURA, A. T. ; CHEREZ, R. L. Educação Tutorial: Revitalizando Ensino-Aprendizagem e Pesquisa em Administração. **Faces: Revista de Administração (Impresso)**, Belo Horizonte: v. 9, n.4. 2010.

LEITE, N. R. P.; NISHIMURA, A. T.; LEITE, F. P. O Estudo do Construto Amor em Administração: Ciência ou Senso Comum? **REUNA**, Belo Horizonte: v.15, n.2. 2010.

LEITE, N. P.; MARTINEZ, V. D. L. P. R. Projeto de comunicação viabilizando a expressão dos servidores da SEF/MG. **Revista de Gestão e Projetos - UNINOVE**. São Paulo: v. 1, n. 1. dez/2010.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. **Processo de coleta e análise de dados oriundos de filmes comerciais sob a égide dos estudos observacionais no processo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração**. Solicitação de pedido de patente, protocolada sob nº 018120023385. INPI, 2012.

LEITE, N. R. P.; AMARAL, I. G.; FREITAS, A. D. G.; ALVARENGA, M. A. Projetos Educacionais e Estudos Observacionais em Análise Fílmica: Qual o Atual Status de Produção

no Brasil? **Revista de Gestão e Projetos – GeP – UNINOVE**. São Paulo: v. 3, n. 3, set/dez. 2012.

LEITE, N. R. P.; FREITAS, A. D. G.; SILVA, M. A. B.; OLIVEIRA, E. F.; SILVA, C. C. Caos, Complexidade, Comunicação ‘Rogeriana’ e o Processo de Ensino-Aprendizagem: Um Estudo Observacional do Filme ‘Náufrago’. **Revista Reúna**. Belo Horizonte: v. 17, n. 4, out/dez. 2012.

LOGUE, M.; CONRADI, P. **O discurso do Rei – Como um homem salvou a monarquia Britânica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

MARCHIORI, M. R. RIBEIRO, R. R.; SOARES, R.; SIMÕES, F. Comunicação e discurso nas organizações: constructos que se relacionam e se distinguem. **Comunicação & Sociedade**. São Paulo: ano 32, n. 54, jul/dez, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, J. A. **Vozes da Cidade: o sentido da telenovela na metrópole paulistana**. São Paulo, 2008. 235 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, G. A. **Estudo de Caso – Uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

MATOS, F. R. N.; LIMA, A. C.; GIESBRECHT, C. M. Estudo observacional das relações de poder no filme ‘O Óleo de Lorenzo’. **Cadernos EBAPE.BR – FGV**. Rio de Janeiro. v. 9, n. 2. 2011.

MATOS, F. R. N.; LIMA, A. C.; GIESBRECHT, C. M. O óleo de Lorenzo: estudo observacional das relações de poder no campo científico. In: MACHADO, D. Q.; MATOS, F. R. N. (Orgs). **Estudos observacionais em linguagem fílmica**. Curitiba: CRV, 2012.

MATOS, F. R. N.; QUEIROZ, W. V.; LOPES, K. L. A.; FROTA, G. S. L.; SARAIVA, V. M. L. L. V. Estudo observacional do comportamento empreendedor de Irineu Evangelista de Sousa da ótica de Filion no filme ‘Mauá – o Imperador e o Rei’. **Cadernos EBAPE.BR – FGV**. Rio de Janeiro. v. 10, n. 1. 2012.

MATOS, F. R. N.; QUEIROZ, W. V.; LOPES, K. L. A.; FROTA, G. S. L.; SARAIVA, V. M. L. L. V. Mauá - o imperador e o Rei: o comportamento empreendedor de Irineu Evangelista de Sousa. In: MACHADO, D. Q.; MATOS, F. R. N. (Orgs). **Estudos observacionais em linguagem fílmica**. Curitiba: CRV, 2012.

MATTOS, P. L. C. L. Os resultados de minha pesquisa qualitativa não podem ser generalizados: Pondo os pingos nos Is dessa ressalva. In: **Anais do XXX EnANPAD**, Salvador: ANPAD. 2006.

MAZZON, J. A. Análise do programa de alimentação do trabalhador sob o conceito de marketing social. 1981. Tese (Doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELLO, M. F. V. Psicanálise e análise de discurso: interlocuções possíveis e necessárias. **Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on line**. Ano 5. n. 1. 2005.

MENDONÇA, J. R. C.; GUIMARÃES, F. P. Do quadro aos “quadros”: o uso de filmes como recurso didático no ensino de administração. In: **Anais do I EnEPQ**. Recife: ANPAD. 2007.

MENDONÇA, J. R. C.; GUIMARÃES, F. P. Do quadro aos “quadros”: o uso de filmes como recurso didático no ensino de administração. **Cadernos EBAPE.BR – FGV**. Rio de Janeiro: Número especial. 2008.

MERLEAU-PONTY, M. O cinema e a nova Psicologia. In: XAVIER, I. (Org.) **A experiência do cinema: Antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

METZ, C. A. **Significação no Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MILES, M. B; HUBERMAN, A. M. Focusing and Bounding the Collection of data. In: MILES, M. B; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2 ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.

MORIN, E. **O Cinema ou o Homem Imaginário**. Lisboa: Moraes, 1980.

MOREIRA, D. A. Pesquisa em Administração: origens, usos e variantes do método Fenomenológico. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo: v.1. 2004.

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In: M. P. CALDAS; BERTERO, C. O. **Teoria das Organizações – Série RAE Clássicos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MUNSTERBERG, H. A Atenção. A Memória e a Imaginação. As Emoções. In: XAVIER, I. (Org.) **A Experiência do Cinema: Antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

NASCIMENTO, K. **Comunicação interpessoal eficaz: verdade & amor**. Rio de Janeiro: INCISA – Informação Científica Sociedade Anônima – Série Desenvolvimento de Executivos, nº. 13. 1977.

NOVA, C. C.; COPQUE, H. L. F. Cinema e Psicologia Processos Psicológicos Básicos à Luz das Teorias Cinematográficas. **(Inter) Subjetividades**. Bahia: v. 1, n. 1. 2009.

O Discurso do Rei. Tom Hooper. *et al.*; Beverly Hills, Londres: Paris Filmes, 2011. 1 DVD (119 min.): NTSC, son. stereo, color. Legendado. Ingl/Port. Drama.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso – Princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PUTNAM, L. L.; PHILLIPS, N.; CHAPMAN, P. Metáforas da comunicação e da organização In: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs. Ed. Brasileira) **Handbook de estudos organizacionais – ação e análise organizacionais**, vol. 3. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

RIASCOS, W. A.; LLANOS, C. La relación persona-trabajo-organización vista desde el cine. In: MALVEZZI, S. *et al.*, **Gramáticas Actuales de La relación hombre-trabajo – Propuestas de lectura**. Cali, Colombia: Editorial Bonaventuriana, 2012.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SARAIVA, L. A. S. Tempos modernos, Metrôpolis e Rashomon no ensino de teorias da administração. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA, A. B. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais – Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

SILVA, F. M. As dicotomias Saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos. **Revelli**. Inhumas: v. 3, n. 2. Out/dez. 2011.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. M. (Orgs.) **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

THE KING SPEAKS – The true story behind the film. Executive Producer: Philip Armstrong-Dampier. Director: David Barrie. Richmond Hill, Ontario, Canadá. BFS Entertainment & Multimedia Limited, 2011. 1 DVD (50 min.): B&W, son. color. Ingl. Documentary.

THIRY-CHERQUES, H. R. Panorama para aplicação às pesquisas em ciências da gestão de um método de caráter fenomenológico. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa Qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VALENÇA, A. C. **Eficácia Profissional** – Obra em homenagem aos 23 anos da publicação de Theory in Practice de Chris Argyris e Donald Schön. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora Ltda., 1997.

VALENÇA & ASSOCIADOS. **Brubaker – Um caso em Teoria de Ação**. Recife: Edições Bagaço, 1999.

VAN DIJK, T. A. La notícia como discurso: comprensión, estructura y producción de La información. (1990). In: GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. - GODOI, C. K; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

VAN DIJK, T. A. Critical discourse analysis. (2005). In: GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. - GODOI, C. K; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VERGARA, S. C. Arte cenográfica, vídeos, dramatizações e música no ensino de teoria das organizações. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

VIDAL, M. C. B. **Do passado arcaico ao presente global na microssérie ‘O auto da compadecida’**. Apropriação e recriação: do teatro de Suassuna à televisão de Guel Arraes. 2006. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências d Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIEGAS, S. I. R. Olhar e memória na percepção cinematográfica. **Princípios**, Natal, v.15, n. 24. 2008.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em Administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa Qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas**. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.

WOOD JR. T. A utilização de filme e fotografia na discussão do conceito de liderança, In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. (Orgs.). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

WOOD JR.; CSILLAG, P. Estética Organizacional. In: WOOD JR. T. (Coord.) **Mudança Organizacional**. São Paulo: Atlas, 2009.

YIN, R. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. São Paulo: Bookman, 2005.

YIN, R. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. São Paulo: Bookman, 2010.

ANEXO 01

Modelo de Coleta e Análise de Dados – Protocolo de Observação

Filme Escolhido para Análise: 'O Discurso do Rei'				Nº de Registro de Observações:
Responsável/Grupo de Observação:				Tempo Total Utilizado:
Cena N.º	Tempo	Microanálise das cenas	Base(s) Teórica(s) Adotada(s) / Autores que a(s) Fundamentam	Estratégia(s) de Análise Escolhida(s) / Autores que a(s) Fundamentam

Fonte: Leite e Leite (2012) – Solicitação de Patente junto ao INPI nº 018120023385.